

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

**Cana-de-
açúcar**

V. 4 - SAFRA 2017/18 N.3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2017**



Monitoramento agrícola – Cana-de-açúcar

Presidência da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Jade Oliveira ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

**Cana-de-
açúcar**

V.4 - SAFRA 2017/18 - N.3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2017**

Monitoramento agrícola – Cana-de-açúcar

ISSN 2318-7921

Acomp. safra bras. cana, v. 4 - Safra 2017/18, n. 3 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-77, dezembro 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7921
Impresso no Brasil

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Farias (Geint)

Colaboradores das Superintendências

AC–Robson de Oliveira Galvão

AL – Antônio de Araújo Lima Filho, Ilo Aranha Fonsêca e Lourival Barbosa de Magalhães;

AM –José Humberto Campos de Oliveira e Pedro Jorge Benício Barros;

BA –Aurendir Medeiros de Medeiros, Ednabel Caracas Lima, Gerson Araújo dos Santos, Israel Cerqueira Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro;

CE –Gilson Antônio de Sousa Lima;

ES –Ismael Cavalcante Maciel Junior e Kerley Mesquita de Souza;

GO –Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Lucas Rocha, Manoel Sobrinho, Michel Lima, Rogério César Barbosa e Sued Wilma Melo;

MA –Dônavan Nolêto, Valentino Campos, José Francisco Neves;

MT –Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Sizenando Santos;

MS –Edson Yui, Fernando Augusto Pinto da Silva, Márcio Arraes e Mauricio Ferreira Lopes;

MG –Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares e Túlio Marcos de Vasconcellos;

PA –Alexandre Cidon;

PB –Juarez de Oliveira Nobrega, Ana Paula Alves Cordeiro;

PR –José Segundo Bosqui, Rafael Rodrigues Fogaça, Luiz Carlos Vissoci e Rodrigo Linhares Leite;

PE – Daniele de Almeida Santos, Francisco Almeida Filho;

PI –Hélcio Freitas, José Júnior, Monica Batista e Thiago Miranda;

RJ –Jorge Antonio de Freitas Carvalho;

RN –Luís Gonzaga Araújo e Costa e Manoel Edelson de Oliveira;

RS –Carlos Bestetti;

RO –Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper e Niécio Campanati Ribeiro;

SE – José de Almeida Lima Neto, José Bonfimm Oliveira Santos Junior;

SP –Antônio Carlos Farias, Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Breviglieri;

TO –Samuel Valente Ferreira;

Editores

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Fabiano Borges de Vasconcellos e Cleverton Santana

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília : Conab, 2013- v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de abr/2014.

ISSN 2318-7921

1. Cana-de-açúcar. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área ----- 12



4. Estimativa de produtividade -----14



5. Estimativa de produção de cana-de-açúcar -----16



6. Estimativa de produção de açúcar -----19



7. Estimativa de produção de etanol-----22



8. Açúcar total recuperável (ATR) ----- 29



9. Monitoramento agrícola ----- 33



10. Avaliação por estado ----- 43

10.1. Alagoas -----	43
10.2. Amazônia -----	44
10.3. Bahia -----	44
10.4. Espírito Santo -----	46
10.5. Goiás -----	46
10.6. Maranhão -----	46
10.7. Mato Grosso -----	47
10.8. Mato Grosso do Sul -----	47
10.9. Minas Gerais -----	48
10.10. Paraíba -----	48
10.11. Paraná -----	49
10.12. Pernambuco -----	50
10.13. Piauí -----	51
10.14. Rio Grande do Norte -----	51
10.15. Rio Grande do Sul -----	52
10.16. Rondônia -----	52
10.17. São Paulo -----	52
10.18. Sergipe -----	53
10.19. Tocantins -----	54



11. Sistema de colheita ----- 55



12. Exportações e importações ----- 61



13. Oferta e demanda ----- 66



14. Calendário de colheita ----- 70





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção de cana-de-açúcar, estimada para a safra 2017/18, é de 635,6 milhões de toneladas. Redução de 3,3% em relação à safra anterior.

A área a ser colhida está estimada em 8,74 milhões de hectares, queda de 3,4%, se comparada com a safra 2016/17.

Açúcar: a produção de açúcar deverá atingir 39,46 milhões de toneladas, aumento de 0,2% ao produzido na safra 2016/17, continuando favorecida pela conjuntura favorável.

Etanol: deverá ter uma produção de 27 bilhões de litros, redução de apenas 2,7% em razão da preferência pela produção de açúcar.

Etanol anidro: a produção de etanol anidro, utilizada na mistura com a gasolina, deverá ter aumento de 0,9%, alcançando 11,18 bilhões de litros, influenciada pela manutenção do consumo de gasolina em detrimento ao etanol hidratado.

Etanol hidratado: o total produzido deverá ser de 15,87 bilhões de litros, redução de 5,2% ou 0,86 bilhão de litros, resultado do menor consumo desse combustível.

Sudeste: nessa região, a área colhida deverá ser inferior à safra anterior, reflexo da redução de área disponível para a colheita. A expectativa é de leve redução dos patamares de produtividade em relação à safra anterior. Produção de 414,86 milhões de toneladas de cana-de-açúcar processadas, 4,8% inferior à safra

2016/17. Desses, 96,8% da produção estimada já foi colhida.

Centro-Oeste: a região praticamente deverá manter a área colhida em relação à safra passada. Há expectativa de melhora nos patamares de produtividades. Produção de 135,91 milhões de toneladas, aumento de 1,2% e 93,8% já colhidas até agora.

Nordeste: a região deve ter área menor que na safra anterior. Espera-se uma recuperação na produtividade, também impactada pelo déficit hídrico na safra 2016/17. Produção de 43,43 milhões de toneladas, das quais 52,5% já foram colhidas.

Sul: a região apresenta queda de 3,3% na área a ser colhida na safra 2017/18, principalmente nas áreas de fornecedores que estão sendo reconvertidas para produção de grãos e áreas que não podem ser mecanizadas. Estimativa de 37,98 milhões de toneladas a serem processadas. Colheita de 91,9% concluída.

Norte: responsável por menos de 1% da produção nacional, a área cultivada deve ser menor que na safra 2016/17. Expectativa de produtividades melhores e produção de 3,42 milhões de toneladas, dos quais 99,5% já foi colhida.





2. INTRODUÇÃO

A cana-de-açúcar é considerada uma das grandes alternativas para o setor de biocombustíveis devido ao grande potencial na produção de etanol e aos respectivos subprodutos. Além da produção de etanol e açúcar, as unidades de produção têm buscado operar com maior eficiência, até mesmo com geração de energia elétrica, auxiliando na redução dos custos e contribuindo para a sustentabilidade da atividade.

O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, tendo grande importância para o agronegócio brasileiro. O aumento da demanda mundial por etanol, oriundo de fontes renováveis, aliado às grandes áreas cultiváveis e condições edafoclimáticas favoráveis à cana-de-açúcar, tornam o país promissor para a exportação dessa commodity.

Com o propósito fundamental de abastecer com informações e os conhecimentos relevantes que auxiliem o governo federal a gerir as políticas públicas voltadas para o setor sucroalcooleiro, além de fornecer dados importantes ao próprio setor e diante de um consenso da importância estratégica, econômica e de liderança que o setor sucroalcooleiro tem para o Brasil e da necessidade de ser mantida parceria permanente entre o setor público e o setor privado na condução deste assunto, a Conab, no âmbito do acordo de cooperação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), promove levantamentos e avaliações quadrimestrais da safra brasileira de cana-de-açúcar.

É bom ressaltar que, no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas sucroenergéticas, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

De acordo com a metodologia empregada pela Conab, este boletim é elaborado com informações coletadas por técnicos da Companhia em visita às unidades de produção em atividade. Esse contato com as fontes de informação permite manter os dados atualizados de área cultivada, produtividade por unidade de área, por corte e desempenho industrial do país. Os dados coletados representam um retrato dos dados repassados pelos técnicos das próprias unidades de produção. Esses dados são consolidados e publicados por Unidade da Federação, cumprindo acordo entre a Companhia e as diversas unidades de produção, com o objetivo de manter sigilo nas informações individuais, uma vez que elas têm caráter confidencial e estratégico para cada unidade. A tarefa fundamental é analisar a consistência dos números coletados por unidade, efetuar a totalização por estado produtor e assim, repassar para o mercado a produção nacional consolidada.

São quatro boletins de acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar divulgados anualmente. O primeiro boletim é produzido com informações coletadas em março, mês anterior ao início da safra avaliada, oficialmente iniciada em primeiro de abril de cada ano. Com base nas informações da pesquisa de campo junto às unidades de produção, aplica-se pacotes estatísticos para se estimar a produtividade e o açúcar total recuperável (ATR) médio. A base de dados consiste na série histórica disponível no site da Com-

panhia (www.conab.gov.br). Os dados são anuais, separados por Unidade da Federação. As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

As demais informações divulgadas (área em produção, área expandida, área renovada, desenvolvimento vegetativo da cultura, intenção de esmagamento, quantidade de cana destinada à produção de açúcar e à produção de etanol, produção de açúcar, etanol anidro e hidratado) são consolidadas com as informações provenientes do levantamento de campo.

No segundo e terceiro levantamentos, com o avanço da colheita e do desenvolvimento das lavouras, prioriza-se as informações de campo e a divulgação dos boletins de acompanhamento, que têm a finalidade de ajustar os dados estimados no primeiro levantamento, apurar as causas das possíveis alterações e após a consolidação das informações, estabelecer e atualizar a estimativa da safra de cana-de-açúcar e dos produtos dela originados.

No quarto levantamento será realizada a consolidação dos números finais da safra de cana-de-açúcar, agregando uma eventual produção residual nas Regiões Norte e Centro-Sul e o encerramento da colheita na Região Nordeste.

Há de se acrescentar que a Conab realiza acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar há 13 anos, com uma postura pautada pelo profissionalismo, prudência e isenção, produzindo informações relevantes sobre o setor sucroenergético do país.





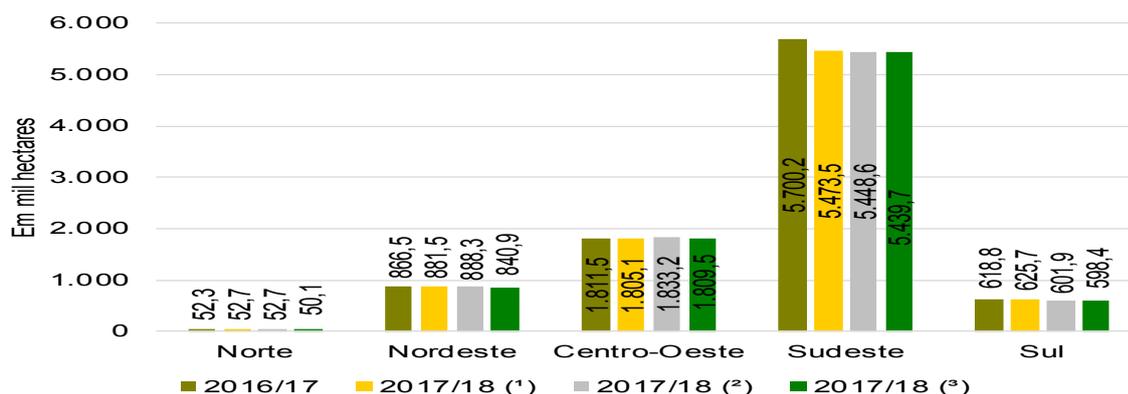
3. ESTIMATIVA DE ÁREA

No terceiro levantamento da safra 2017/18, a estimativa é que a área colhida seja de 8.738,6 mil hectares de cana-de-açúcar destinada à atividade sucroalcooleira, número 3,4% menor em relação ao ocorrido na safra passada. Em todas as regiões houve diminuição de área principalmente, Região Centro-Sul (-3,5%) comparado à última safra, particularmente de São Paulo, maior produtor nacional, onde a retração na área foi de 219,6 mil hectares, equivalente a 4,6% a menos que na safra passada.

O que se observa é que as áreas de fornecedores distantes das unidades industriais ou que não são aptas à mecanização não estão tendo os contratos renovados. Também há a questão de mudança de cultivo desses fornecedores, em que pese a rentabilidade de outros produtos frente à cana-de-açúcar na hora de firmar novos contratos de arrendamento. A situação se agrava ainda mais pelo grande número de empresas em recuperação judicial, adicionalmente afetadas pelas oscilações observadas nas cotações do açúcar, além dos períodos climáticos adversos observados nas safras anteriores.

No entanto, nas áreas onde se observa a renovação, essa prática está sendo realizada com a utilização de novas variedades, mais resistentes a pragas e doenças, além de mais produtivas.

Gráfico 1 - Estimativa de área colhida de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 1 – Área de mudas, plantio e colheita - Safras 2016/17 e 2017/18

REGIÃO/UF	Área de mudas (em mil ha)			Área de plantio (em mil ha)			Área colhida (em mil ha)			Área total (em mil ha)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %
NORTE	2,0	4,0	102,5	10,8	10,7	(1,8)	52,3	50,1	(4,2)	65,1	64,7	(0,6)
RO	0,2	0,1	(64,9)	0,5	0,5	(1,8)	3,4	2,2	(35,4)	4,1	2,8	(32,7)
AC	-	-	-	0,3	-	(100,0)	2,2	-	(100,0)	2,5	-	(100,0)
AM	0,5	0,3	(28,0)	1,1	1,2	5,5	3,6	3,6	(0,6)	5,1	5,0	(1,7)
PA	0,7	1,2	61,2	3,0	3,0	(0,1)	11,1	13,5	21,6	14,9	17,7	19,1
TO	0,6	2,5	292,9	5,9	6,0	1,0	32,0	30,8	(3,8)	38,6	39,2	1,7
NORDESTE	16,3	21,7	33,6	80,5	88,6	10,1	866,5	840,9	(3,0)	963,2	951,2	(1,2)
MA	1,3	0,6	(52,8)	7,4	6,5	(12,6)	39,4	38,0	(3,6)	48,2	45,1	(6,3)
PI	0,6	0,7	16,3	2,5	3,6	44,0	15,2	15,5	2,4	18,3	19,8	8,5
CE	0,1	-	(100,0)	-	-	-	1,4	-	(100,0)	1,4	-	(100,0)
RN	0,4	2,5	483,3	7,6	8,7	14,9	48,4	55,8	15,3	56,4	67,0	18,7
PB	1,8	2,1	19,1	11,2	11,9	6,1	110,3	118,6	7,5	123,4	132,7	7,5
PE	3,8	3,9	4,7	17,2	17,8	3,6	243,7	222,5	(8,7)	264,6	244,2	(7,7)
AL	5,4	9,3	71,0	24,4	28,0	14,8	322,2	307,4	(4,6)	352,0	344,7	(2,1)
SE	1,2	1,1	(15,0)	7,2	6,4	(11,6)	45,9	41,2	(10,2)	54,3	48,6	(10,5)
BA	1,7	1,6	(7,2)	5,9	5,6	(4,5)	40,0	41,9	4,7	47,6	49,1	3,1
CENTRO-OESTE	60,0	75,6	25,9	228,0	285,1	25,1	1.811,5	1.809,5	(0,1)	2.099,5	2.170,2	3,4
MT	6,0	7,7	29,3	26,7	36,6	36,9	229,9	224,8	(2,2)	262,6	269,1	2,5
MS	17,5	30,2	73,0	81,5	94,2	15,5	619,0	665,4	7,5	718,0	789,8	10,0
GO	36,6	37,6	2,9	119,8	154,4	28,9	962,6	919,3	(4,5)	1.118,9	1.111,3	(0,7)
SUDESTE	161,3	179,0	10,9	633,3	669,8	5,8	5.700,2	5.439,7	(4,6)	6.494,8	6.288,5	(3,2)
MG	25,5	38,6	51,5	104,5	93,2	(10,8)	853,1	818,1	(4,1)	983,1	949,9	(3,4)
ES	1,7	1,6	(8,0)	5,4	7,5	38,1	47,5	50,5	6,3	54,7	59,6	9,0
RJ	0,5	0,3	(29,1)	3,9	1,4	(64,8)	26,5	17,5	(33,8)	30,8	19,2	(37,7)
SP	133,6	138,4	3,6	519,5	567,8	9,3	4.773,2	4.553,6	(4,6)	5.426,3	5.259,9	(3,1)
SUL	20,2	28,4	41,1	66,2	98,2	48,3	618,8	598,4	(3,3)	705,1	725,0	2,8
PR	20,1	28,4	41,3	65,0	98,0	50,8	617,7	597,3	(3,3)	702,8	723,7	3,0
RS	0,1	0,1	(23,1)	0,2	0,2	(11,1)	1,1	1,1	-	1,4	1,3	(2,6)
NORTE/NORDESTE	18,3	25,7	41,0	91,3	99,2	8,7	918,8	891,0	(3,0)	1.028,3	1.016,0	(1,2)
CENTRO-SUL	241,5	283,0	17,2	930,0	1.053,2	13,2	8.130,4	7.847,6	(3,5)	9.302,0	9.183,8	(1,3)
BRASIL	259,8	308,8	18,9	1.021,3	1.152,4	12,8	9.049,2	8.738,6	(3,4)	10.330,3	10.199,7	(1,3)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.



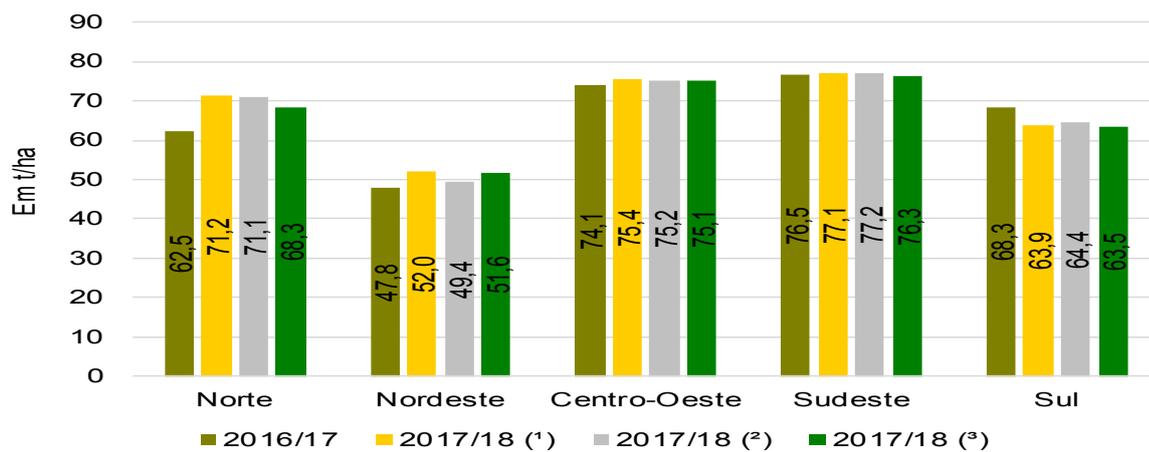


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A produtividade estimada para safra 2017/18 é de 72.734 kg/ha. O pequeno aumento observado em relação à safra passada (0,2%) é decorrente da expectativa de recuperação das lavouras na Região Norte-Nordeste (8,1%).

Na Região Centro-Sul, principal produtora nacional, a expectativa é de manutenção dos patamares de produtividade obtidos na última safra. As condições climáticas apresentadas até agora foram satisfatórias, apesar de relatos de seca e geadas no meio do ano. O que pode ter influenciado também é a idade das lavouras de cana-de-açúcar, as quais não foram renovadas como se esperava, nas últimas safras.

Gráfico 2 - Estimativa de produtividade de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

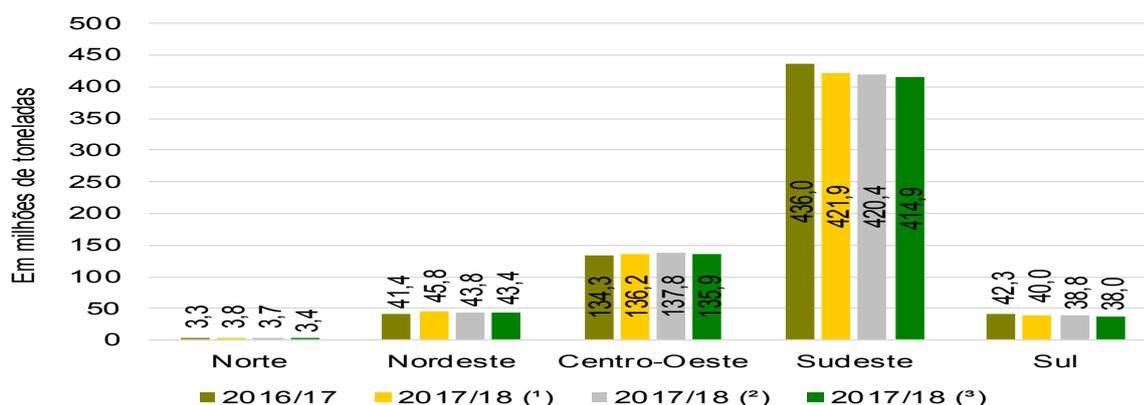




5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR

A estimativa de produção de cana-de-açúcar, na safra atual, é de 635,6 milhões de toneladas. Em relação à safra passada, a safra 2017/18 apresenta uma redução de 3,3%. Mesmo com a expectativa de melhoria das condições climáticas para essa safra, a intensidade na redução de área, observada nos principais estados produtores da Região Centro-Sul, será responsável pela expectativa de menor produção, quando se compara com o período anterior

Gráfico 3 – Estimativa de produção de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.
Nota: estimativa em dezembro/2017.

Tabela 2 - Comparativo de área, produtividade e produção

REGIÃO/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %
NORTE	52,3	50,1	(4,2)	62.465	68.280	9,3	3.266,30	3.418,76	4,7
RO	3,4	2,2	(35,5)	39.942	42.398	6,1	136,6	93,7	(31,4)
AC	2,2	0,0	(100,0)	29.676	-	(100,0)	64,1	-	(100,0)
AM	3,6	3,6	(0,6)	72.758	62.220	(14,5)	261,2	222,1	(15,0)
PA	11,1	13,5	21,6	64.492	67.653	4,9	717,8	915,3	27,5
TO	32,0	30,8	(3,9)	65.227	71.118	9,0	2.086,6	2.187,6	4,8
NORDESTE	866,5	840,9	(3,0)	47.822	51.644	8,0	41.437,7	43.428,4	4,8
MA	39,4	38,0	(3,6)	46.723	57.591	23,3	1.842,3	2.189,0	18,8
PI	15,2	15,5	2,4	50.099	54.698	9,2	760,5	850,0	11,8
CE	1,4	0,0	(100,0)	54.015	-	(100,0)	74,0	-	(100,0)
RN	48,4	55,8	15,3	40.804	47.927	17,5	1.974,9	2.674,8	35,4
PB	110,3	118,6	7,5	44.014	52.138	18,5	4.856,1	6.183,5	27,3
PE	243,7	222,5	(8,7)	48.530	49.546	2,1	11.825,8	11.023,0	(6,8)
AL	322,2	307,4	(4,6)	49.754	49.679	(0,2)	16.030,6	15.270,4	(4,7)
SE	45,9	41,2	(10,2)	37.203	41.490	11,5	1.706,5	1.709,0	0,1
BA	40,0	41,9	4,7	59.131	84.195	42,4	2.367,0	3.528,6	49,1
CENTRO-OESTE	1.811,5	1.809,5	(0,1)	74.118	75.109	1,3	134.260,3	135.908,8	1,2
MT	229,9	224,8	(2,2)	71.093	71.522	0,6	16.341,5	16.078,2	(1,6)
MS	619,0	665,4	7,5	81.251	74.835	(7,9)	50.292,0	49.794,3	(1,0)
GO	962,6	919,3	(4,5)	70.253	76.184	8,4	67.626,8	70.036,3	3,6
SUDESTE	5.700,2	5.439,7	(4,6)	76.481	76.265	(0,3)	435.957,5	414.856,3	(4,8)
MG	853,1	818,1	(4,1)	74.636	79.006	5,9	63.670,3	64.634,6	1,5
ES	47,5	50,5	6,3	28.560	46.526	62,9	1.356,9	2.349,6	73,2
RJ	26,5	17,5	(33,8)	38.004	49.806	31,1	1.005,2	872,1	(13,2)
SP	4.773,2	4.553,6	(4,6)	77.501	76.204	(1,7)	369.925,1	346.999,9	(6,2)
SUL	618,8	598,4	(3,3)	68.299	63.475	(7,1)	42.262,2	37.983,6	(10,1)
PR	617,7	597,3	(3,3)	68.348	63.518	(7,1)	42.216,7	37.938,8	(10,1)
RS	1,1	1,1	-	40.991	40.360	(1,5)	45,5	44,8	(1,5)
NORTE/NORDESTE	918,8	891,0	(3,0)	48.656	52.579	8,1	44.704,0	46.847,1	4,8
CENTRO-SUL	8.130,4	7.847,6	(3,5)	75.332	75.023	(0,4)	612.480,0	588.748,6	(3,9)
BRASIL	9.049,2	8.738,6	(3,4)	72.623	72.734	0,2	657.184,0	635.595,7	(3,3)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.



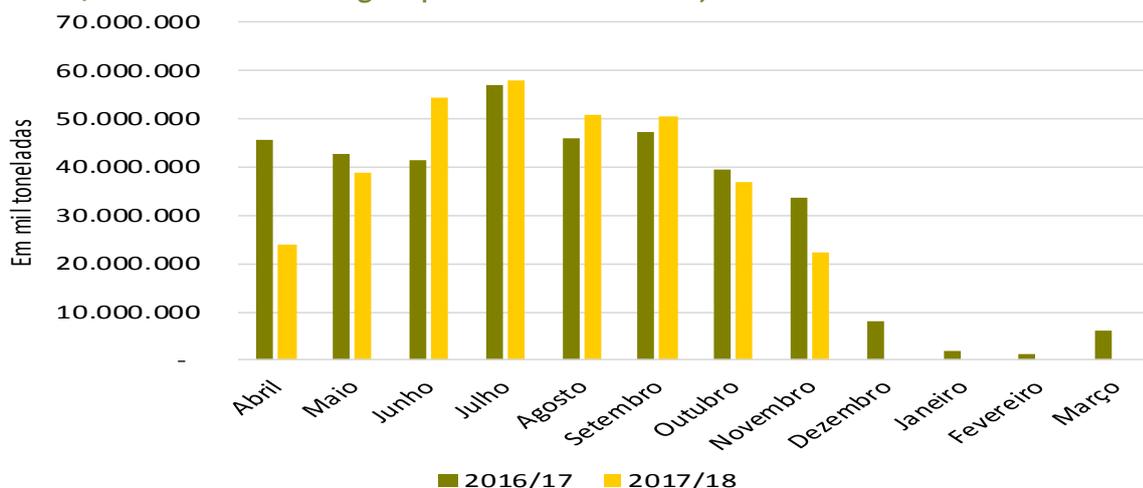
Acompanhamento quinzenal da safra brasileira de cana-de-açúcar

As unidades sucroalcooleiras, particularmente as situadas em São Paulo, listadas entre as maiores do setor, voltam gradativamente a elevar seus investimentos em projetos ligados à melhoria da produtividade, maximização na produção de açúcar, aumento da disponibilidade de cana-de-açúcar, produção de biogás e em novos projetos de logística e infraestrutura para açúcar e etanol, buscando aproveitar o bom momento dos preços no mercado internacional de açúcar e

numa menor escala para o etanol anidro no mercado interno, objetivando minimizar a forte alavancagem existente no setor.

São Paulo, responsável por 54% da cana-de-açúcar processada, concentra o maior polo sucroalcooleiro do país. O calendário de moagem, nesse estado, se concentra de abril a novembro.

Gráfico 4 – Calendário de moagem paulista de cana-de-açúcar

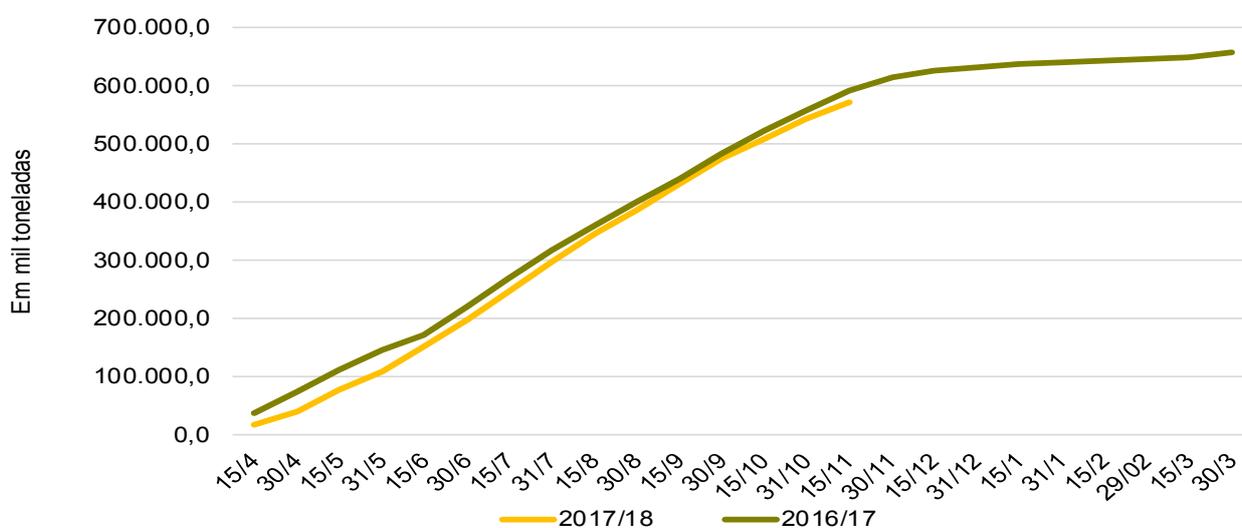


Fonte: Mapa.

Segundo os dados do Mapa, a moagem no Brasil foi de 590.379,9 mil toneladas até 30 de novembro de 2017, ou seja, cerca de 92,9% da safra total estimada. No mesmo período da safra passada havia sido moídos 613.515,7 mil toneladas, ou seja, 93,4% da safra total.

Comparado ao último levantamento, onde a Região Centro-Sul estava atrasada em relação à última safra, as unidades produtivas conseguiram colocar em dia a colheita, principalmente no meio do ano, favorecidas pelo inverno mais seco.

Gráfico 5 – Moagem brasileira de cana-de-açúcar



Fonte: Mapa.





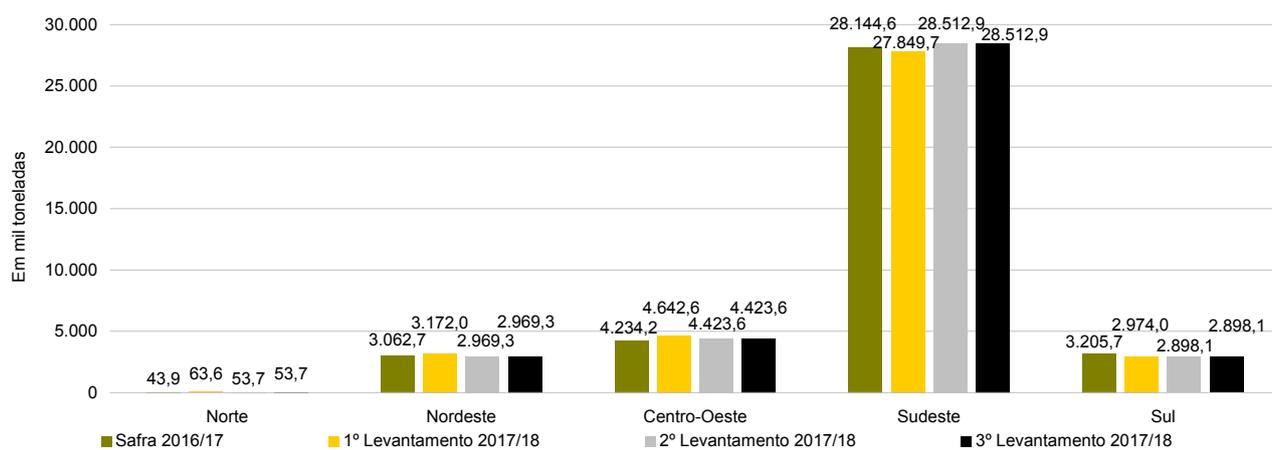
6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

A maior parte das unidades sucroalcooleiras tem a possibilidade de direcionar o ATR produzido à produção de açúcar ou etanol. Essa variação ocorre por decisão da unidade em virtude da melhor rentabilidade.

O preço do açúcar no mercado externo elevou a representatividade do produto no setor sucroalcooleiro nacional nas duas últimas safras. Apesar de ser menor do que o levantamento anterior, o percentual de destinação para o açúcar permanece acima de 45%, estimado em 47,1%, e superior à safra passada, que foi de 45,9%. Isso decorre do fato da previsão da ocorrência de uma menor produção de cana-de-açúcar nessa temporada – 635.595,7 mil toneladas, contra 657.184 mil toneladas da safra anterior. São Paulo será responsável pela maior redução absoluta, 22.925,2 mil toneladas, uma vez que é o maior estado produtor.

A Região Sudeste, maior produtora nacional, será responsável, nessa safra, por 73,6% do açúcar produzido no país, seguido da Região Centro-Oeste (11,1%), Sul (7,6%) e Nordeste (7,5%). São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e Alagoas são os maiores produtores de açúcar, com estimativa de produção acima de 1 milhão de toneladas, nessa safra.

Gráfico 6 – Evolução da produção de açúcar



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 3 - Produção de açúcar por Unidade da Federação

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destina ao açúcar (mil t)			Açúcar (mil t)			
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	411,3	457,1	11,1	43,9	55,5	11,6	26,3
AM	159,5	134,0	(16,0)	13,9	11,9	(2,0)	(14,6)
PA	251,7	323,1	28,4	30,0	43,6	13,6	45,3
NORDESTE	23.654,3	24.008,4	1,5	3.062,7	2.969,4	(93,3)	(3,0)
MA	95,2	170,0	78,6	11,6	22,6	11,0	94,6
PI	457,4	550,7	20,4	54,8	63,0	8,2	15,0
RN	1.092,6	1.691,2	54,8	124,9	191,9	67,0	53,7
PB	1.387,4	1.682,5	21,3	186,8	204,7	17,9	9,6
PE	7.644,5	6.931,9	(9,3)	1.004,1	889,4	(114,7)	(11,4)
AL	11.130,5	11.086,4	(0,4)	1.446,0	1.360,8	(85,2)	(5,9)
SE	860,0	756,2	(12,1)	109,7	96,9	(12,8)	(11,7)
BA	986,8	1.139,4	15,5	124,8	140,0	15,2	12,2
CENTRO-OESTE	32.216,4	32.503,3	0,9	4.234,2	4.368,1	133,9	3,2
MT	2.706,0	2.616,4	(3,3)	397,7	410,5	12,8	3,2
MS	14.170,7	13.223,0	(6,7)	1.734,8	1.663,7	(71,1)	(4,1)
GO	15.339,6	16.663,9	8,6	2.101,7	2.293,9	192,2	9,1
SUDESTE	222.354,0	221.423,9	(0,4)	28.144,6	29.056,7	912,1	3,2
MG	30.436,5	31.655,2	4,0	3.992,2	4.258,0	265,8	6,7
ES	525,5	1.067,6	103,2	64,0	124,1	60,1	93,9
RJ	270,0	280,1	3,7	28,6	35,4	6,8	23,8
SP	191.121,9	188.421,0	(1,4)	24.059,8	24.639,3	579,5	2,4
SUL	24.579,6	22.315,6	(9,2)	3.205,7	3.011,7	(194,0)	(6,1)
PR	24.579,6	22.315,6	(9,2)	3.205,7	3.011,7	(194,0)	(6,1)
NORTE/NORDESTE	24.065,6	24.465,5	1,7	3.106,6	3.024,8	(81,8)	(2,6)
CENTRO-SUL	279.149,9	276.242,8	(1,0)	35.584,5	36.436,5	852,0	2,4
BRASIL	303.215,5	300.708,3	(0,8)	38.691,1	39.461,4	770,3	2,0

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

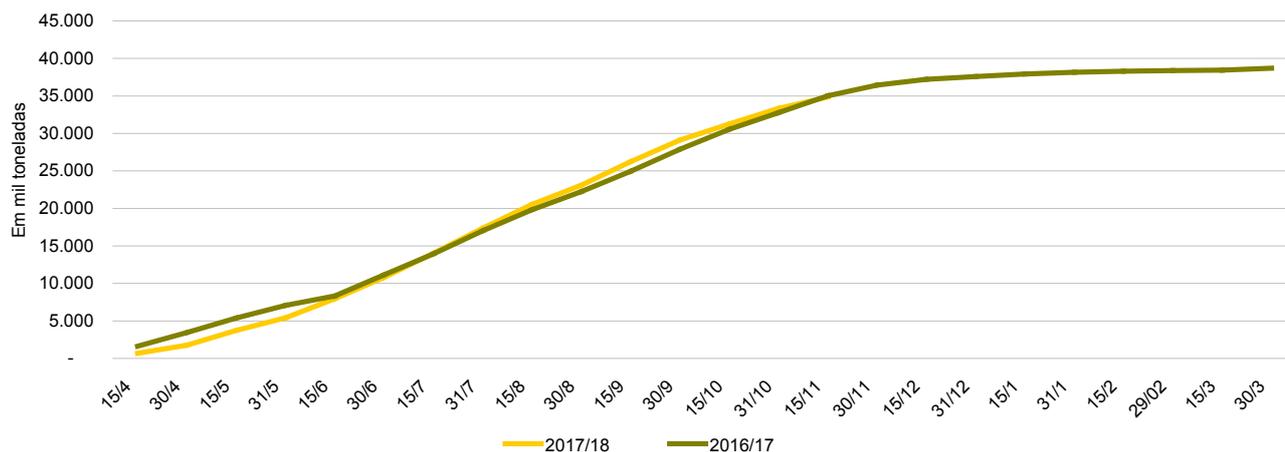


6.1. ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE AÇÚCAR

A produção está estimativa em 39,46 milhões de toneladas de açúcar nessa safra, 0,2% superior ao mesmo volume produzido na safra passada, a qual alcançou 38,69 milhões de toneladas. Os dados acumulados (Mapa) registram uma produção de 35,83 milhões de toneladas (90,8% da safra) até o dia 30 de novembro de 2017, 1,6% inferior ao mesmo período do ano pas-

sado, onde esse valor estava em 36,43 milhões de toneladas (94,2% da safra). Apesar de iniciar com uma produção inferior à safra passada, em razão da menor quantidade de cana-de-açúcar disponível, o aumento das exportações em 7,2% fez com que a produção se equiparasse à safra anterior, no acumulado quinzenal.

Gráfico 7 – Produção brasileira de açúcar



Fonte: Mapa.



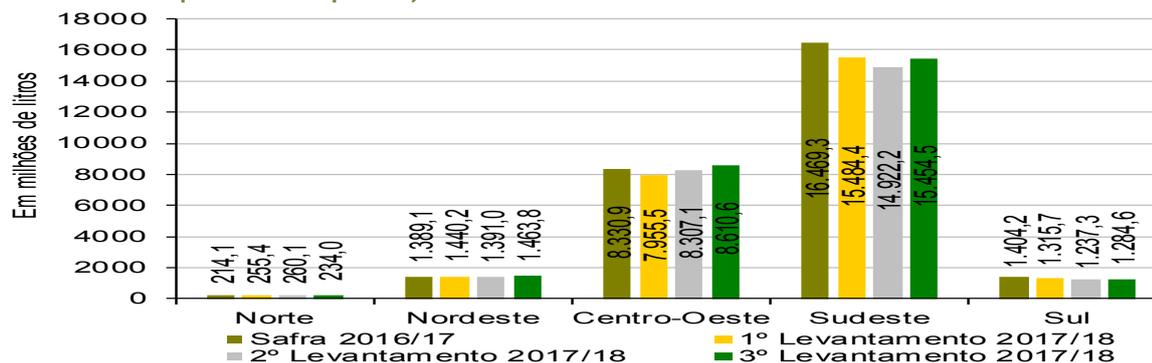


7. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE ETANOL

A pesar do aumento nas exportações de açúcar este ano, as unidades de produção aumentaram a destinação de ATR para a produção de etanol na reta final da safra, uma vez que a oferta mundial de açúcar melhorou e os preços da commodity estão em queda. Isso permite uma margem para a unidade ajustar o destino da produção. O percentual aumentou de 29,4 para 30,1%. Essa mudança a partir de setembro impulsionou a produção desse combustível e, aproveitando a melhora do ATR médio por causa do inverno mais seco, melhorou as estimativas de 26,1 para 27,1 bilhões de litros. O maior incremento ocorreu na Região Centro-Sul, que deve produzir 25,4 bilhões de litros, ante aos 24,5 bilhões estimados em agosto. Essa mudança ocorreu nas unidades mistas que já conseguiram cumprir os contratos de exportações de açúcar.

A expectativa da produção brasileira de etanol total da safra 2017/18 é de 27,1 bilhões de litros, inferior em 2,6% em relação à safra passada, que atingiu 27,81 bilhões de litros. Os preços da gasolina têm aumentado no país, o que reflete no aumento das vendas de etanol hidratado nos postos. Esse fator é responsável pelo aumento nas estimativas de produção de etanol em relação ao levantamento anterior (26,1 bilhões de litros). No acumulado da safra, o consumo de gasolina aumentou e o de etanol hidratado caiu, mas a partir de setembro as vendas de gasolina têm apresentado queda e em outubro o consumo de etanol hidratado aumentou 14,8% em relação ao mesmo mês do ano passado.

Gráfico 8 – Comparativo da produção de etanol total



Fonte: Conab.
Nota: estimativa em dezembro/2017.

A menor produção de etanol total, nessa safra, tem relação com a queda na produção de etanol hidratado. Nessa safra (abril a outubro) os dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) mostram um aumento de 4,3% no consumo da

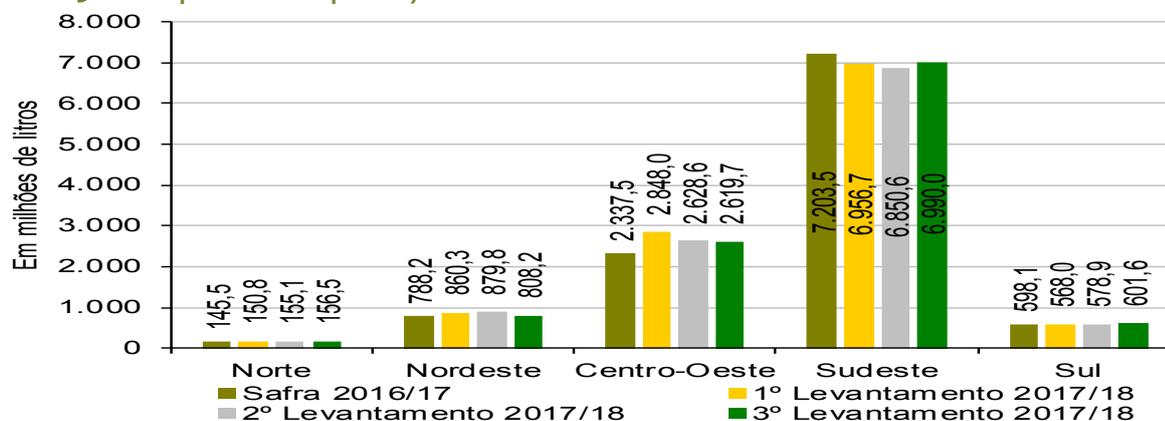
gasolina e queda de 10,2% no consumo de etanol hidratado. Com isso, a estimativa é de produção de 11,18 bilhões de litros de etanol anidro (usado na mistura com a gasolina) e 15,87 bilhões de litros de hidratado, aumento de 0,9% e queda de 5,2%, respectivamente.

Tabela 4 - Vendas nacionais de combustíveis

Período	Gasolina Comum (*) - Em mil litros			Etanol Hidratado (*) - Em mil litros		
	2016/17	2017/18	Variação (%)	2016/17	2017/18	Variação (%)
Abril	3.571.396	3.650.212	2,2	1.160.337	985.483	(15,1)
Maio	3.428.701	3.784.613	10,4	1.319.907	1.041.871	(21,1)
Junho	3.370.928	3.761.325	11,6	1.261.523	1.047.823	(16,9)
Julho	3.442.006	3.709.278	7,8	1.314.602	1.056.344	(19,6)
Agosto	3.553.376	3.695.580	4,0	1.351.409	1.220.999	(9,6)
Setembro	3.583.992	3.500.783	(2,3)	1.344.811	1.313.287	(2,3)
Outubro	3.620.869	3.537.648	(2,3)	1.198.897	1.376.295	14,8
Novembro	3.706.914		-	1.005.537		-
Dezembro	4.222.509		-	1.144.133		-
Janeiro	3.722.537		-	886.758		-
Fevereiro	3.546.966		-	867.882		-
Março	3.948.916		-	1.009.816		-
Total de Abr-Out	24.571.267	25.639.440	4,3	8.951.486	8.042.102	(10,2)

Fonte: Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis.

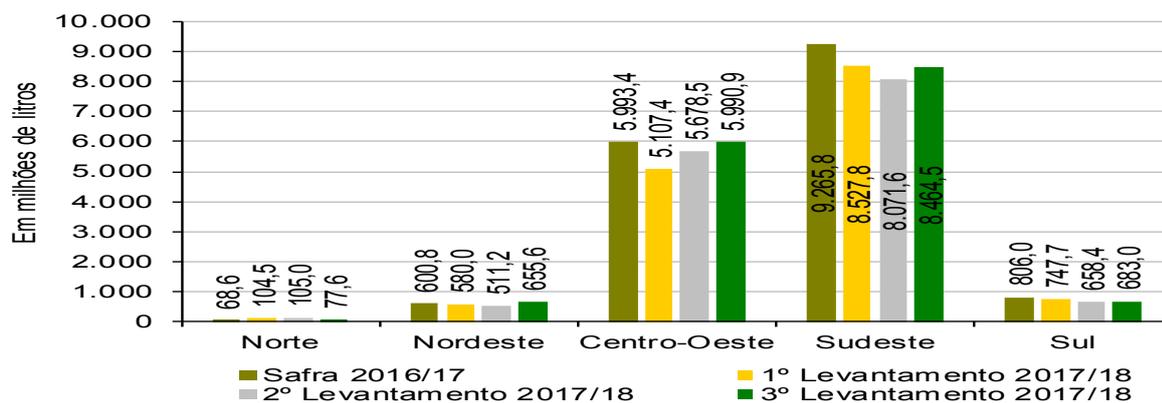
Gráfico 9 – Comparativo da produção de etanol anidro



Fonte: Conab.
Nota: estimativa em dezembro/2017.



Gráfico 10 – Comparativo da produção de etanol hidratado



Fonte: Conab.
 Nota: estimativa em dezembro/2017.



Tabela 5 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol total e produção de etanol total

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol total (mil t)			Etanol total (mil l)			
	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação (%)	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	2.855,0	2.961,6	3,7	214.051,0	234.045,0	19.994,0	9,3
RO	136,6	93,7	(31,4)	9.487,0	5.500,0	(3.987,0)	(42,0)
AC	64,1	-	(100,0)	3.674,0	-	(3.674,0)	(100,0)
AM	101,7	88,2	(13,3)	5.496,0	4.845,0	(651,0)	(11,8)
PA	466,1	592,2	27,1	33.210,0	47.804,0	14.594,0	43,9
TO	2.086,6	2.187,6	4,8	162.184,0	175.896,0	13.712,0	8,5
NORDESTE	17.783,4	19.420,0	9,2	1.389.071,0	1.463.797,6	74.726,6	5,4
MA	1.747,1	2.019,0	15,6	127.361,0	160.222,0	32.861,0	25,8
PI	303,1	299,3	(1,3)	21.605,0	20.400,0	(1.205,0)	(5,6)
CE	74,0	-	(100,0)	5.242,0	-	(5.242,0)	(100,0)
RN	882,3	983,6	11,5	61.162,0	67.868,0	6.706,0	11,0
PB	3.468,7	4.501,0	29,8	283.740,0	331.138,0	47.398,0	16,7
PE	4.181,3	4.091,1	(2,2)	335.052,0	320.941,0	(14.111,0)	(4,2)
AL	4.900,1	4.184,0	(14,6)	382.993,0	309.750,9	(73.242,1)	(19,1)
SE	846,5	952,8	12,5	66.021,0	74.500,6	8.479,6	12,8
BA	1.380,2	2.389,2	73,1	105.895,0	178.977,0	73.082,0	69,0
CENTRO-OESTE	102.043,9	103.405,5	1,3	8.330.949,0	8.610.593,8	279.644,8	3,4
MT	13.635,5	13.461,8	(1,3)	1.220.699,0	1.286.644,0	65.945,0	5,4
MS	36.121,3	36.571,3	1,2	2.709.300,0	2.811.797,0	102.497,0	3,8
GO	52.287,2	53.372,4	2,1	4.400.950,0	4.512.152,7	111.202,7	2,5
SUDESTE	213.603,5	193.432,4	(9,4)	16.469.268,0	15.454.465,7	(1.014.802,3)	(6,2)
MG	33.233,8	32.979,4	(0,8)	2.657.455,0	2.707.716,3	50.261,3	1,9
ES	831,4	1.282,0	54,2	60.731,0	89.138,0	28.407,0	46,8
RJ	735,2	592,0	(19,5)	48.315,0	46.416,0	(1.899,0)	(3,9)
SP	178.803,2	158.579,0	(11,3)	13.702.767,0	12.611.195,3	(1.091.571,7)	(8,0)
SUL	17.682,6	15.667,9	(11,4)	1.404.184,0	1.284.610,5	(119.573,5)	(8,5)
PR	17.637,1	15.623,1	(11,4)	1.401.270,0	1.282.125,5	(119.144,5)	(8,5)
RS	45,5	44,8	(1,5)	2.914,0	2.485,0	(429,0)	(14,7)
NORTE/NORDESTE	20.638,4	22.381,6	8,4	1.603.122,0	1.697.842,6	94.720,6	5,9
CENTRO-SUL	333.330,1	312.505,8	(6,2)	26.204.401,0	25.349.669,9	(854.731,1)	(3,3)
BRASIL	353.968,5	334.887,4	(5,4)	27.807.523,0	27.047.512,4	(760.010,6)	(2,7)

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em dezembro/2017



Tabela 6 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol anidro e produção de etanol anidro

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol anidro (mil t)			Etanol anidro (mil l)			
	Safr 2016/17	Safr 2017/18	Variação (%)	Safr 2016/17	Safr 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	1.925,1	1.968,2	2,2	145.462,0	156.480,0	11.018,0	7,6
PA	405,4	507,7	25,2	28.724,0	40.733,0	12.009,0	41,8
TO	1.519,7	1.460,4	(3,9)	116.738,0	115.747,0	(991,0)	(0,8)
NORDESTE	10.321,9	10.924,5	5,8	788.225,0	808.175,3	19.950,3	2,5
MA	1.513,8	1.780,2	17,6	109.712,0	140.548,0	30.836,0	28,1
PI	300,2	287,7	(4,2)	21.390,0	19.577,0	(1.813,0)	(8,5)
RN	479,0	474,4	(1,0)	32.556,0	32.009,0	(547,0)	(1,7)
PB	1.733,2	2.750,7	58,7	138.746,0	198.990,0	60.244,0	43,4
PE	1.688,7	1.436,5	(14,9)	131.886,0	109.591,0	(22.295,0)	(16,9)
AL	3.568,1	2.803,2	(21,4)	275.617,0	204.584,4	(71.032,6)	(25,8)
SE	298,6	376,4	26,1	22.647,0	28.674,9	6.027,9	26,6
BA	740,3	1.015,4	37,2	55.671,0	74.201,0	18.530,0	33,3
CENTRO-OESTE	29.421,0	32.328,6	9,9	2.337.504,0	2.619.662,2	282.158,2	12,1
MT	5.990,5	5.886,2	(1,7)	523.484,0	549.108,0	25.624,0	4,9
MS	10.921,0	13.312,0	21,9	794.938,0	995.859,0	200.921,0	25,3
GO	12.509,5	13.130,4	5,0	1.019.082,0	1.074.695,1	55.613,1	5,5
SUDESTE	95.675,3	89.654,7	(6,3)	7.203.513,0	6.989.988,6	(213.524,4)	(3,0)
MG	13.956,1	12.900,4	(7,6)	1.088.416,0	1.031.758,1	(56.657,9)	(5,2)
ES	665,6	1.108,3	66,5	48.199,0	76.606,0	28.407,0	58,9
SP	81.053,5	75.646,0	(6,7)	6.066.898,0	5.881.624,5	(185.273,5)	(3,1)
SUL	7.713,3	7.497,2	(2,8)	598.141,0	601.608,0	3.467,0	0,6
PR	7.713,3	7.497,2	(2,8)	598.141,0	601.608,0	3.467,0	0,6
NORTE/NORDESTE	12.247,0	12.892,7	5,3	933.687,0	964.655,3	30.968,3	3,3
CENTRO-SUL	132.809,6	129.480,5	(2,5)	10.139.158,0	10.211.258,7	72.100,7	0,7
BRASIL	145.056,6	142.373,2	(1,8)	11.072.845,0	11.175.914,0	103.069,0	0,9

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em dezembro/2017



Tabela 7 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol hidratado e produção de etanol hidratado

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol hidratado (mil t)			Etanol hidratado (mil l)			
	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação (%)	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	929,9	993,5	6,8	68.589,0	77.565,0	8.976,0	13,1
RO	136,6	93,7	(31,4)	9.487,0	5.500,0	(3.987,0)	(42,0)
AC	64,1	-	(100,0)	3.674,0	-	(3.674,0)	(100,0)
AM	101,7	88,2	(13,3)	5.496,0	4.845,0	(651,0)	(11,8)
PA	60,7	84,5	39,2	4.486,0	7.071,0	2.585,0	57,6
TO	566,9	727,2	28,3	45.446,0	60.149,0	14.703,0	32,4
NORDESTE	7.461,5	8.495,4	13,9	600.846,0	655.622,2	54.776,2	9,1
MA	233,3	238,8	2,3	17.649,0	19.674,0	2.025,0	11,5
PI	2,9	11,6	300,8	215,0	823,0	608,0	282,8
CE	74,0	-	(100,0)	5.242,0	-	(5.242,0)	(100,0)
RN	403,3	509,2	26,3	28.606,0	35.859,0	7.253,0	25,4
PB	1.735,5	1.750,3	0,9	144.994,0	132.148,0	(12.846,0)	(8,9)
PE	2.492,6	2.654,6	6,5	203.166,0	211.350,0	8.184,0	4,0
AL	1.332,0	1.380,7	3,7	107.376,0	105.166,5	(2.209,5)	(2,1)
SE	547,9	576,4	5,2	43.374,0	45.825,7	2.451,7	5,7
BA	639,9	1.373,8	114,7	50.224,0	104.776,0	54.552,0	108,6
CENTRO-OESTE	72.622,9	71.076,9	(2,1)	5.993.445,0	5.990.931,6	(2.513,4)	(0,0)
MT	7.645,0	7.575,5	(0,9)	697.215,0	737.536,0	40.321,0	5,8
MS	25.200,3	23.259,3	(7,7)	1.914.362,0	1.815.938,0	(98.424,0)	(5,1)
GO	39.777,7	40.242,1	1,2	3.381.868,0	3.437.457,6	55.589,6	1,6
SUDESTE	117.928,3	103.777,6	(12,0)	9.265.755,0	8.464.477,1	(801.277,9)	(8,6)
MG	19.277,7	20.079,0	4,2	1.569.039,0	1.675.958,3	106.919,3	6,8
ES	165,8	173,7	4,8	12.532,0	12.532,0	-	-
RJ	735,2	592,0	(19,5)	48.315,0	46.416,0	(1.899,0)	(3,9)
SP	97.749,6	82.933,0	(15,2)	7.635.869,0	6.729.570,8	(906.298,2)	(11,9)
SUL	9.969,2	8.170,7	(18,0)	806.043,0	683.002,5	(123.040,5)	(15,3)
PR	9.923,7	8.125,9	(18,1)	803.129,0	680.517,5	(122.611,5)	(15,3)
RS	45,5	44,8	(1,5)	2.914,0	2.485,0	(429,0)	(14,7)
NORTE/NORDESTE	8.391,4	9.488,9	13,1	669.435,0	733.187,2	63.752,2	9,5
CENTRO-SUL	200.520,5	183.025,3	(8,7)	16.065.243,0	15.138.411,2	(926.831,8)	(5,8)
BRASIL	208.911,9	192.514,2	(7,8)	16.734.678,0	15.871.598,4	(863.079,6)	(5,2)

Fonte: Conab.
Nota: estimativa em dezembro/2017

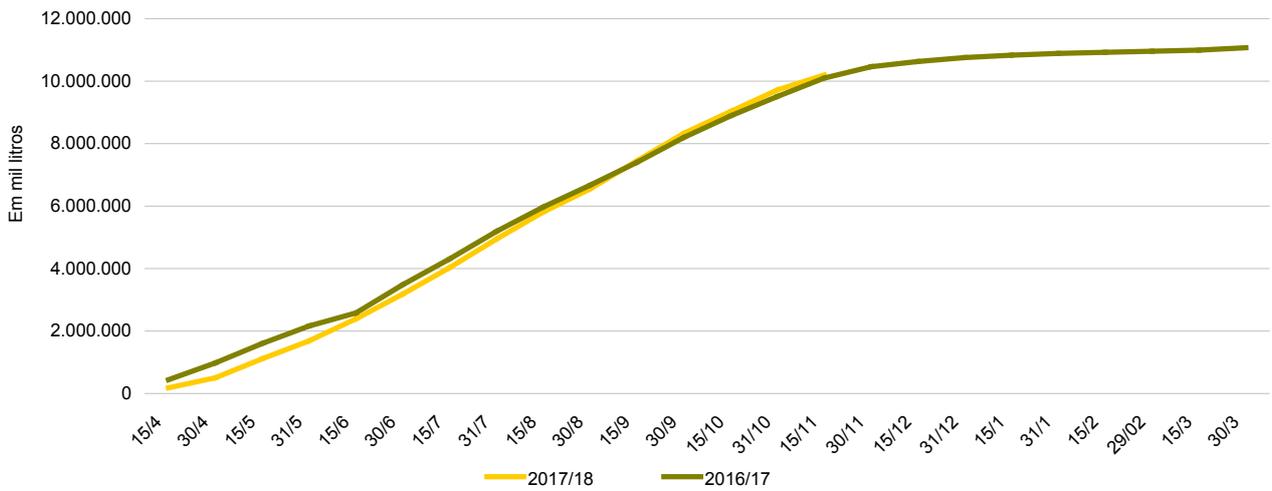
7.1. ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE ETANOL

A produção de etanol total alcançou 24,7 bilhões de litros desde o início da safra 2017/18 até 15 de novembro de 2017. Desse total 10,19 bilhões de litros são de anidro e 14,53 são de hidratado. O etanol anidro segue comportamento semelhante ao açúcar, produção próxima à safra passada em 30 de julho. A menor produção nos dois primeiros meses (abril e maio) decorre

da menor quantidade de cana-de-açúcar disponível nessa safra e o maior volume de precipitação pluviométrica em relação à safra passada, naquele período. Já o etanol hidratado segue abaixo da safra passada, principalmente pela queda no consumo e pela opção em produzir açúcar

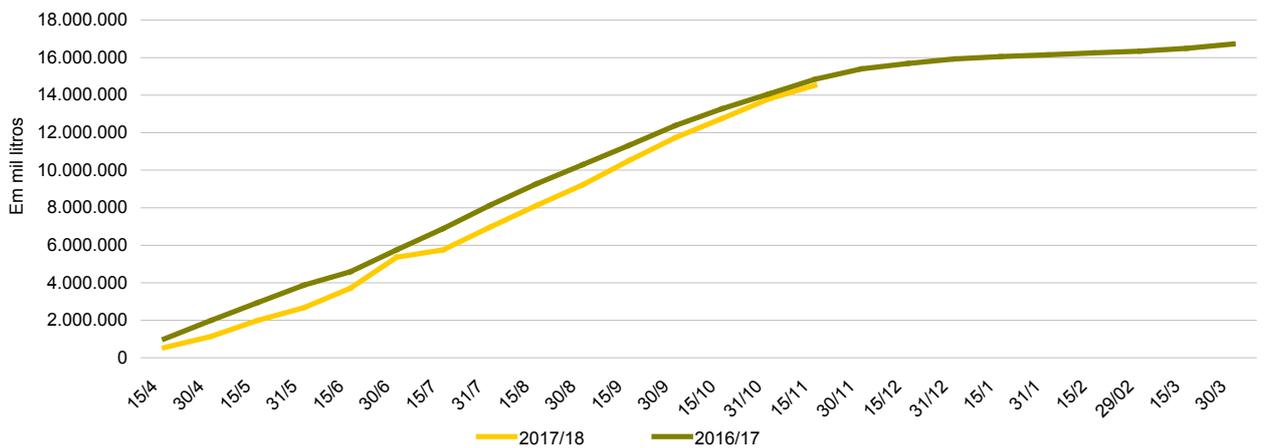


Gráfico 11 – Comparativo da produção de etanol anidro



Fonte: Mapa

Gráfico 12 – Comparativo da produção de etanol hidratado



Fonte: Mapa





8. AÇÚCAR TOTAL RECUPERÁVEL (ATR)

O ATR, no Centro-Sul, segue a tendência do país por ser a maior região produtora. A Região Norte/Nordeste é mais susceptível a variações climáticas, o que impacta diretamente no rendimento do ATR.

Tabela 8 – Açúcar total recuperável médio

REGIÃO/UF	ATR médio (kg/t)			ATR total (toneladas)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %
NORTE	128,2	136,2	6,2	418.833	465.600	11,2
RO	117,5	99,3	(15,5)	16.045	9.302	(42,0)
AC	96,9	-	(100,0)	6.214	-	(100,0)
AM	91,4	93,0	1,7	23.883	20.648	(13,5)
PA	125,1	141,6	13,2	89.773	129.615	44,4
TO	135,6	139,9	3,2	282.917	306.035	8,2
NORDESTE	135,7	130,1	(4,1)	5.621.810	5.651.706	0,5
MA	127,9	139,4	8,9	235.677	305.047	29,4
PI	125,7	120,1	(4,5)	95.632	102.092	6,8
CE	119,8	-	(100,0)	8.866	-	(100,0)
RN	120,0	119,1	(0,7)	236.928	318.561	34,5
PB	141,3	127,7	(9,6)	686.176	789.587	15,1
PE	137,9	134,7	(2,3)	1.630.210	1.484.321	(8,9)
AL	136,3	128,8	(5,5)	2.185.674	1.967.140	(10,0)
SE	133,9	134,5	0,4	228.463	229.804	0,6
BA	132,7	129,0	(2,8)	314.186	455.155	44,9
CENTRO-OESTE	139,3	142,3	2,1	18.706.435	19.340.725	3,4
MT	154,2	164,7	6,8	2.520.587	2.647.445	5,0
MS	128,5	132,0	2,8	6.461.578	6.575.134	1,8
GO	143,8	144,5	0,5	9.724.269	10.118.146	4,1
SUDESTE	132,9	137,8	3,7	57.923.850	57.149.055	(1,3)
MG	137,7	141,2	2,6	8.764.693	9.124.469	4,1
ES	127,8	122,0	(4,6)	173.439	286.658	65,3
RJ	111,2	132,6	19,3	111.731	115.656	3,5
SP	132,1	137,2	3,9	48.873.987	47.622.273	(2,6)
SUL	136,8	141,6	3,5	5.783.421	5.377.848	(7,0)
PR	136,9	141,6	3,5	5.778.493	5.373.645	(7,0)
RS	108,3	93,8	(13,4)	4.928	4.203	(14,7)
NORTE/NORDESTE	135,1	130,6	(3,4)	6.040.643	6.117.306	1,3
CENTRO-SUL	134,6	139,1	3,3	82.413.706	81.867.628	(0,7)
BRASIL	134,6	138,4	2,8	88.454.349	87.984.934	(0,5)

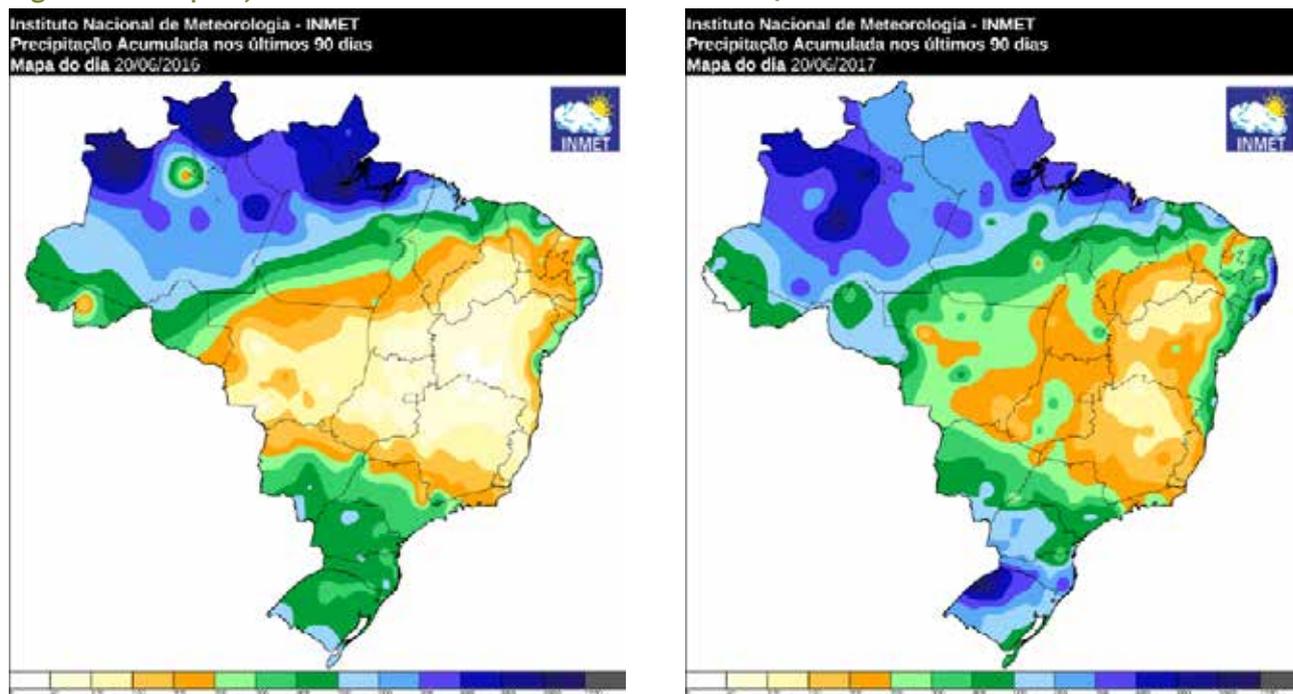
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

A estimativa para a safra 2017/18 é de um ATR médio de 139,1 kg/t, na Região Centro-Sul. O aumento do ATR em relação ao levantamento passado (134 kg/t) tem relação com o clima durante a colheita. Apesar do outono de 2017 ter sido mais chuvoso que o outono de 2016, o inverno de 2017 foi mais seco na região produtora, o que favoreceu o acúmulo de ATR.

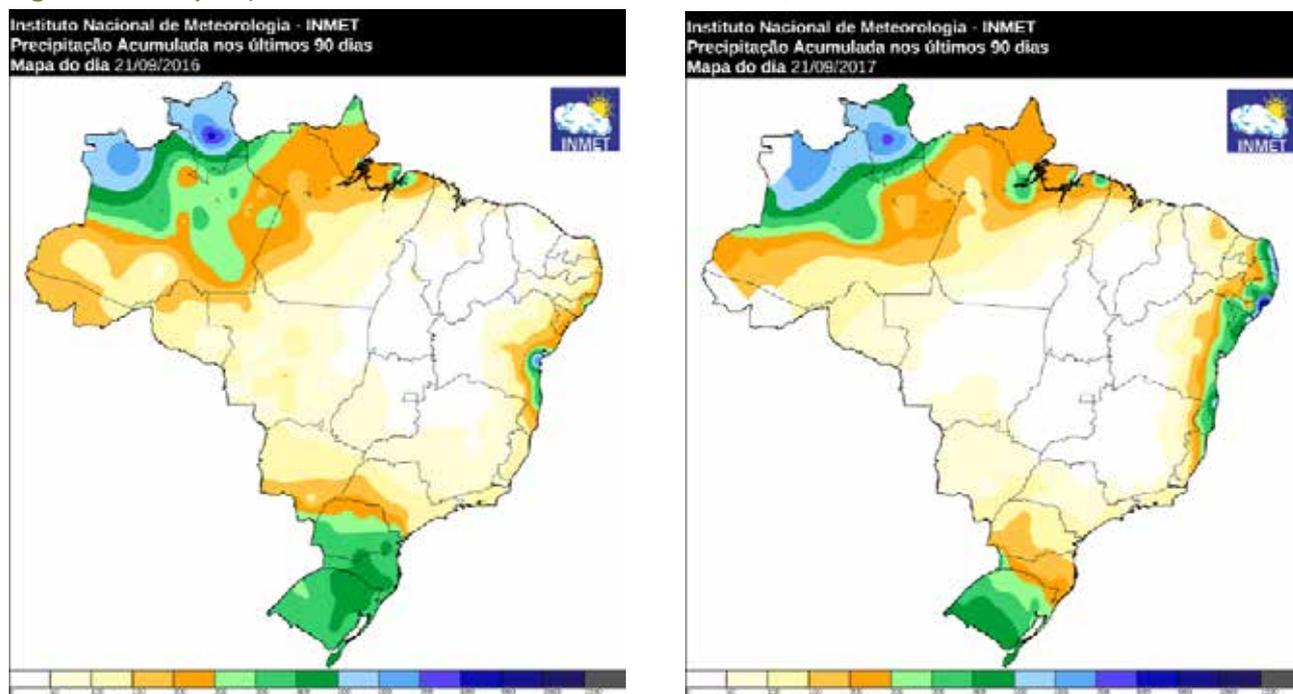
Já na Região Nordeste, o maior volume de chuva no outono tem favorecido uma maior produtividade da cana-de-açúcar, com ATR próximos do normal para a região, mas ainda inferior à safra passada, alcançando 130,6 kg/t.

Figura 1 - Precipitação acumulada nos outonos de 2016 e 2017



Fonte: Inmet

Figura 2 - Precipitação acumulada nos invernos de 2016 e 2017



Fonte: Inmet

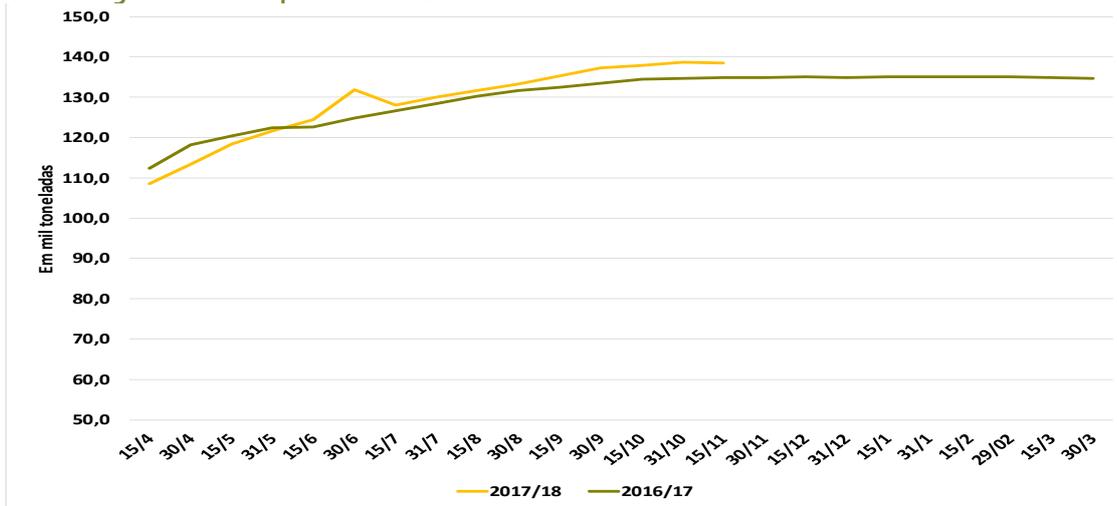
8.1. ATR QUINZENAL

O teor de ATR atingiu 138,5 kg/t no acumulado da safra 2017/18, frente a 134,9 kg/t no comparativo, no mesmo período da safra passada. O volume das chu-

vas no outono/inverno de 2017 na Região Centro-Sul foi menor do que no outono/inverno de 2016, o que favorece o acúmulo de ATR.



Gráfico 13 - Acúmulo quinzenal de ATR

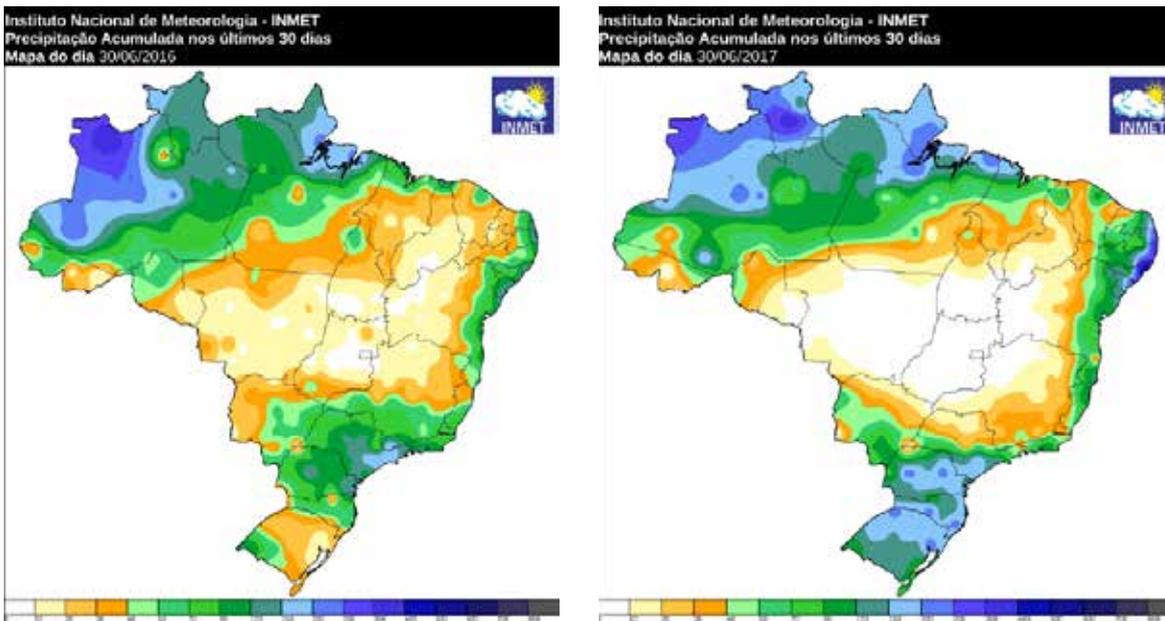


Fonte: Mapa

O pico observado no final de junho, quando o ATR da safra atual alcançou a média de 132 kg/t de cana-de-açúcar, tem relação com a menor precipitação em junho de 2017 em relação a junho de 2016, princi-

palmente na Região Centro-Sul onde a safra inicia e onde se concentram os maiores estados produtores, São Paulo, Goiás e Minas Gerais, favorecendo, assim, o acúmulo de açúcares.

Figura 3 - Precipitação acumulada em junho de 2016 e 2017



Fonte: Inmet.





9. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola tem o objetivo de avaliar as condições agrometeorológicas durante todo o ciclo da cana-de-açúcar nos principais estados produtores. Foram analisadas as condições climáticas nos períodos de desenvolvimento e colheita da safra 2017/18, até novembro de 2017.

Os períodos de desenvolvimento e colheita foram definidos de acordo com os calendários de cada estado das Regiões Centro-Sul e Nordeste. Na safra 2017/18, em São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e sul da Bahia, a fase de desenvolvimento abrange o período de maio de 2016 a abril de 2017 e a de colheita pode ir de maio de 2017 a janeiro de 2018. Já em Pernambuco, Paraíba e Alagoas, a fase de desenvolvimento abrange o período de outubro de 2016 a agosto de 2017 e a de colheita pode ir de setembro de 2017 a março de 2018.

As análises se basearam na localização das áreas de cultivo, identificadas no mapeamento por meio de imagens de satélite e em parâmetros agrometeorológicos (precipitação acumulada; desvio da precipitação com relação à média histórica – anomalia; temperatura máxima ou temperatura mínima – médias mensais; entre outros).

As condições foram classificadas em:

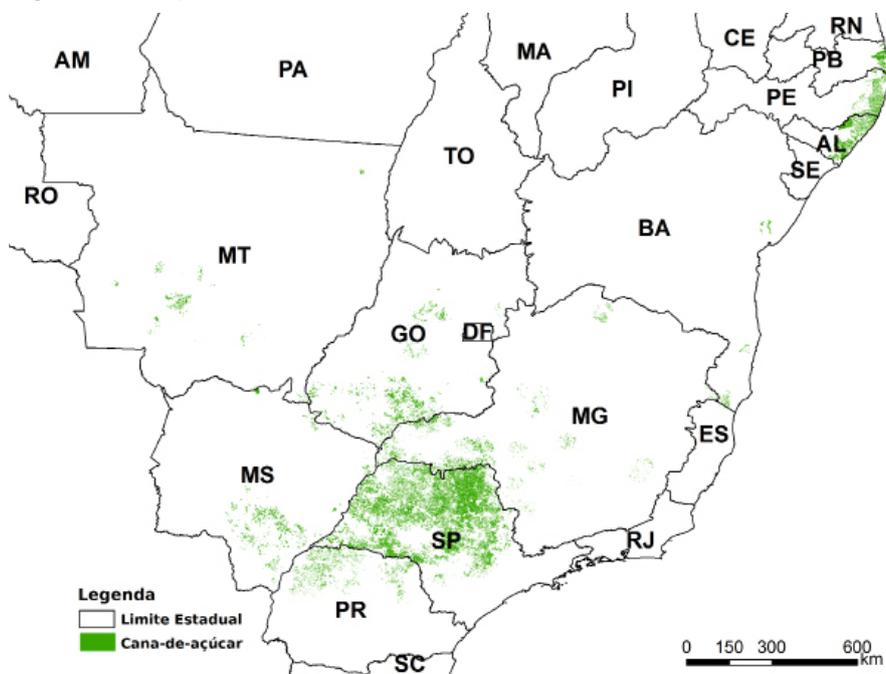
- favorável: quando a precipitação é adequada ou houver problemas pontuais para a fase do desenvolvimento ou da colheita da cultura;

- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou geadas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou geadas; e alta restrição: quando

houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou geadas.

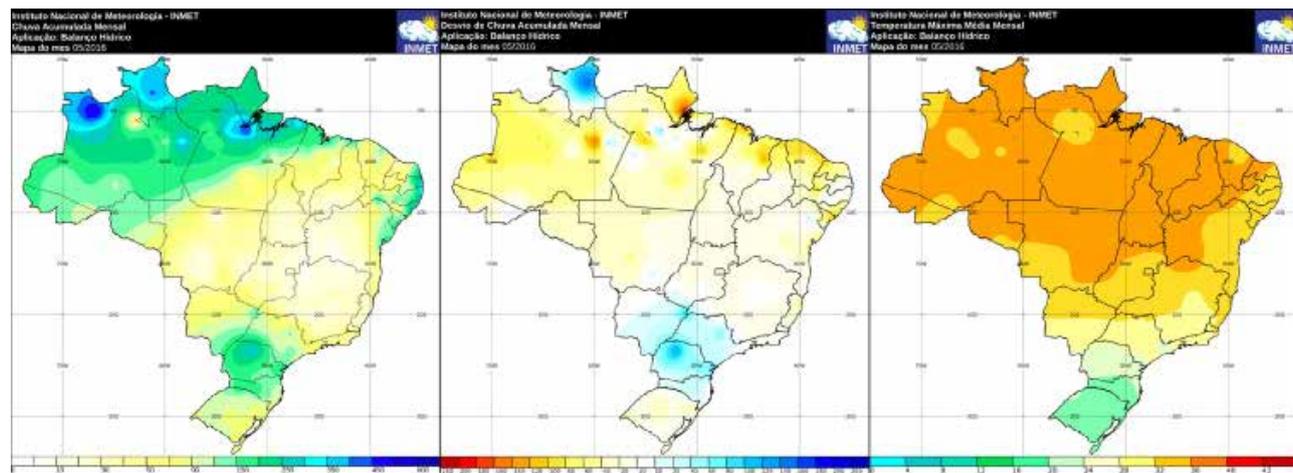
Os resultados do monitoramento são apresentados no quadro abaixo dos mapas agrometeorológicos.

Figura 4 - Mapeamento da cana-de-açúcar



Fonte: Conab.

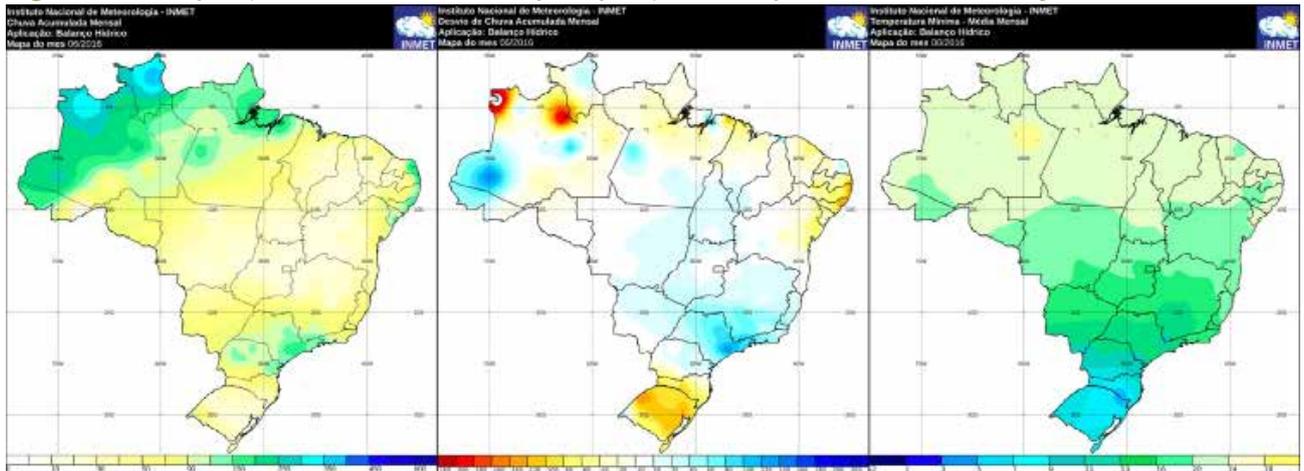
Figura 5 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em maio de 2016



Fonte: Inmet.

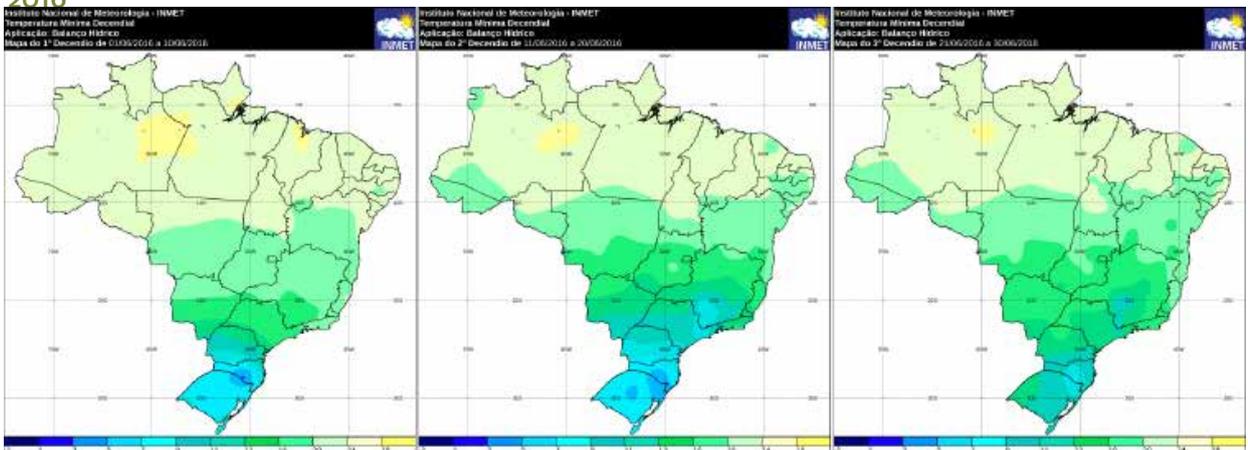


Figura 6 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em junho de 2016



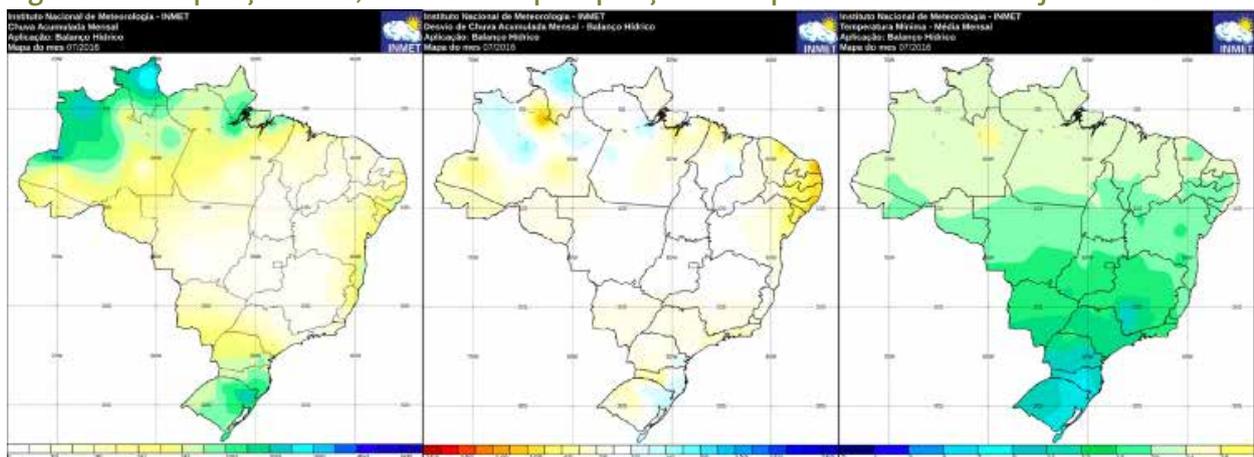
Fonte: Inmet.

Figura 7 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de junho, de 11 a 20 de junho e de 21 a 30 de junho de 2016



Fonte: Inmet.

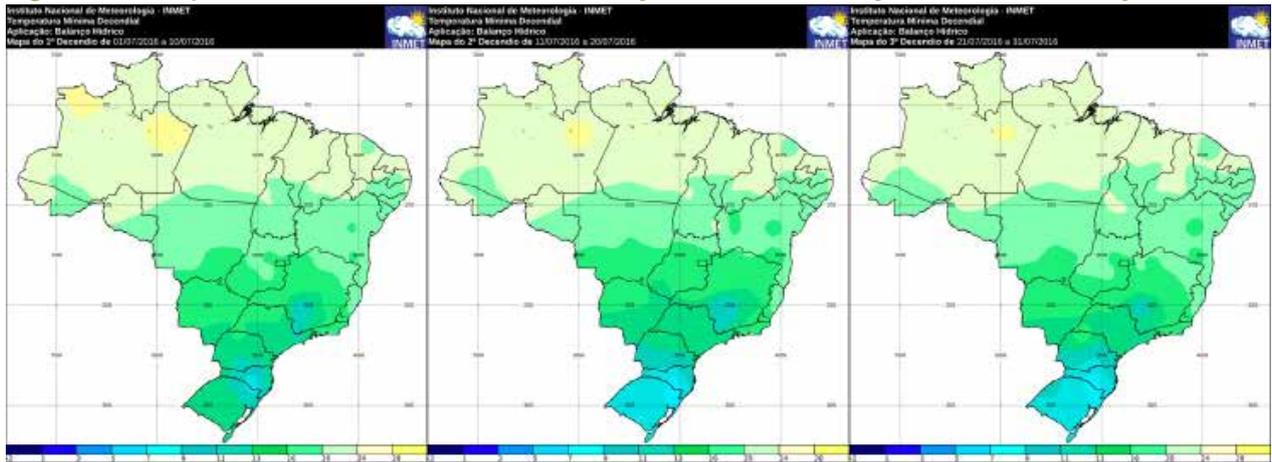
Figura 8 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em julho de 2016



Fonte: Inmet.

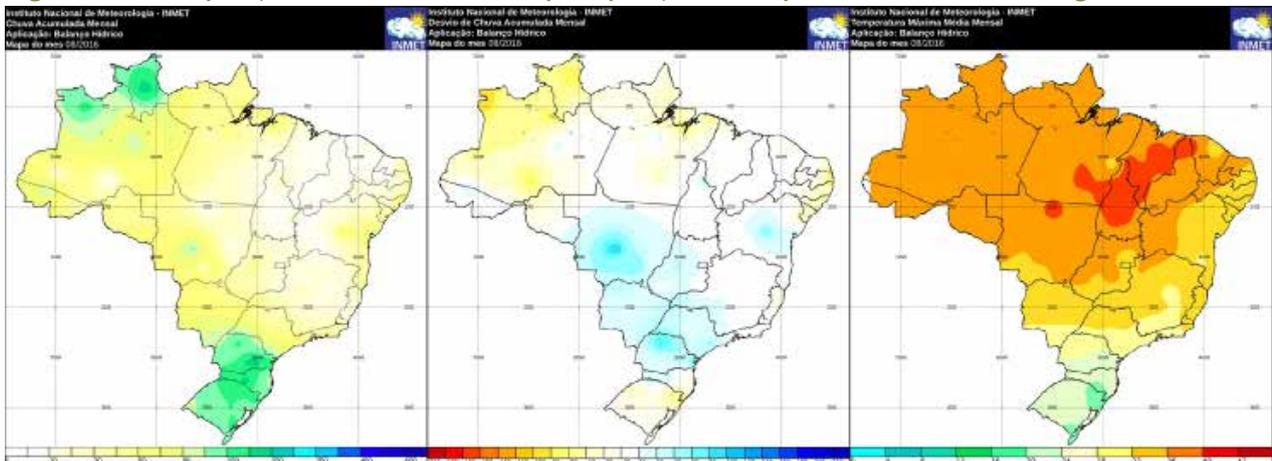


Figura 9 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de julho, de 11 a 20 de julho e de 21 a 31 de julho de 2016.



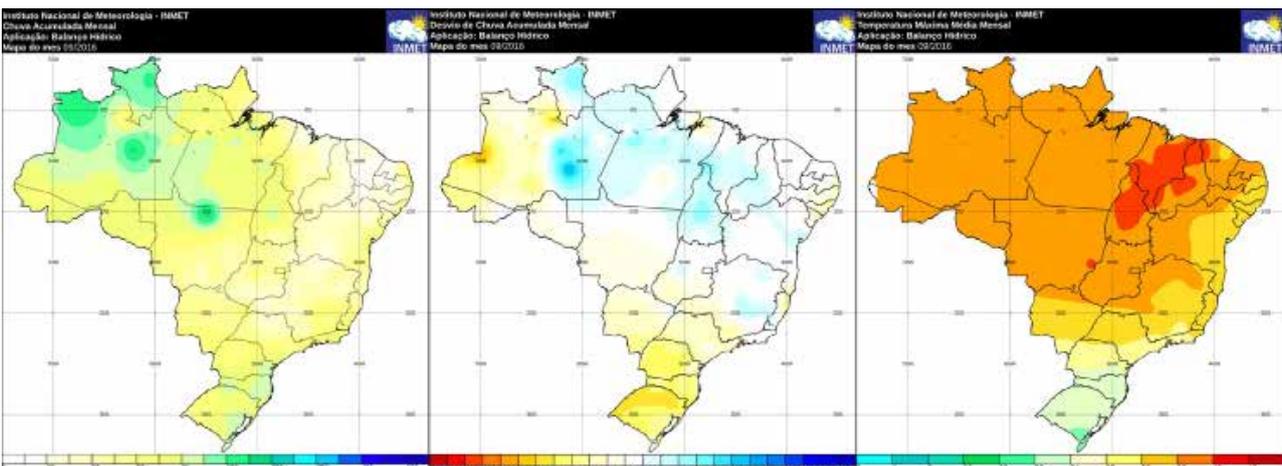
Fonte: Inmet.

Figura 10 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em agosto de 2016.



Fonte: Inmet.

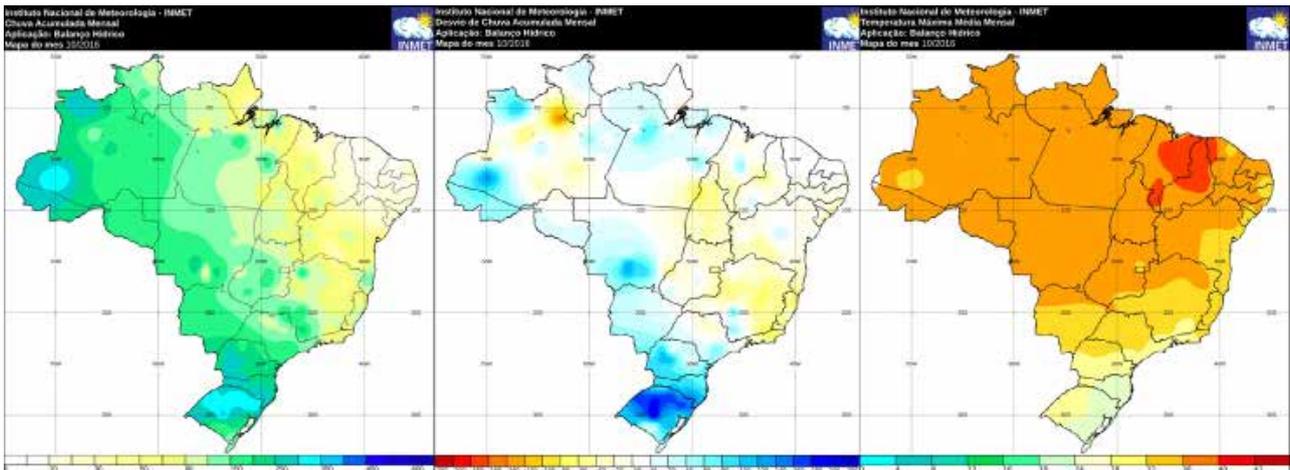
Figura 11 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em setembro de 2016



Fonte: Inmet.

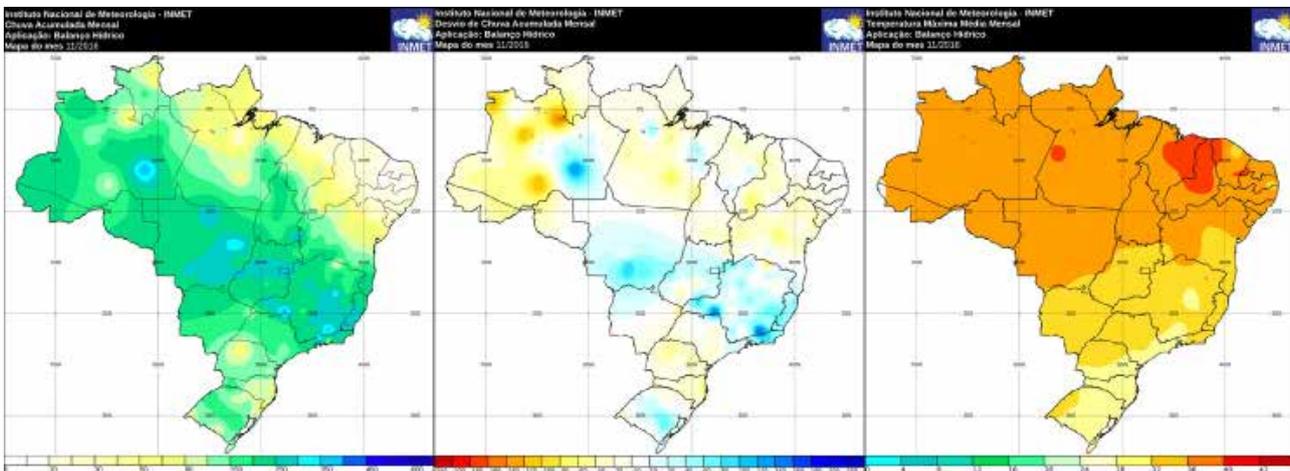


Figura 12 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em outubro de 2016



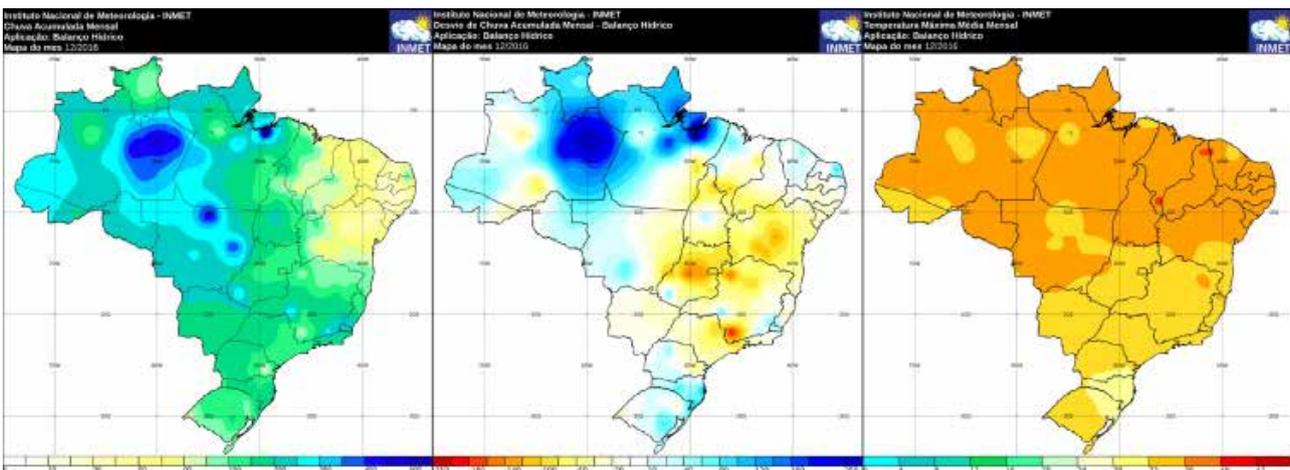
Fonte: Inmet.

Figura 13 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em novembro de 2016



Fonte: Inmet.

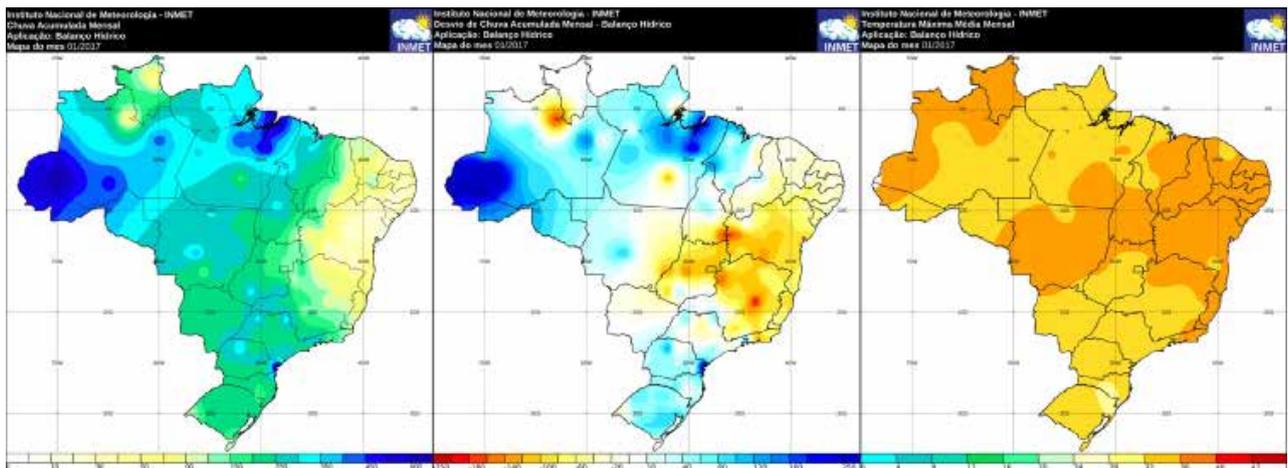
Figura 14 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em dezembro de 2016



Fonte: Inmet.

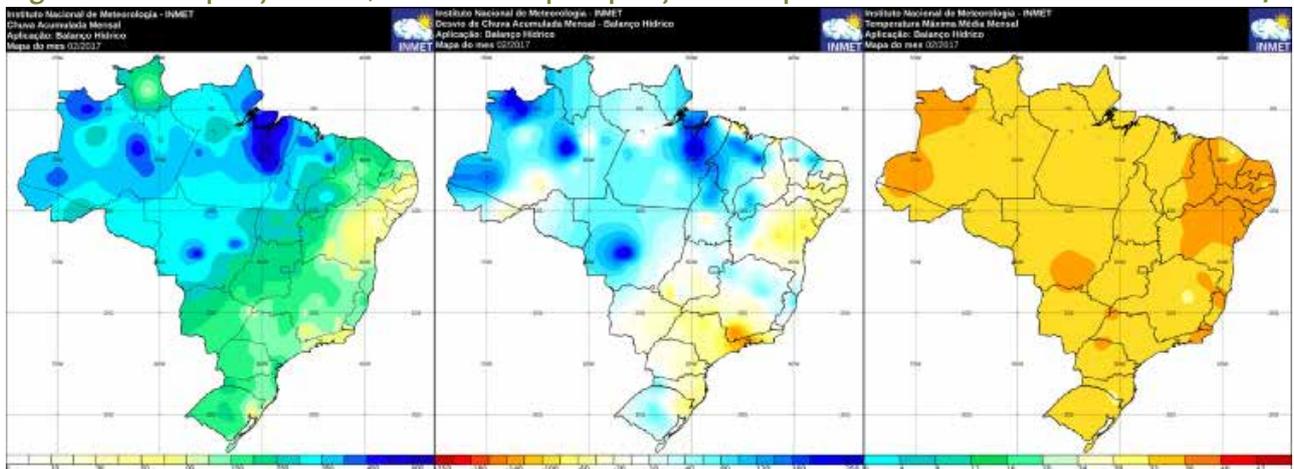


Figura 15 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em janeiro de 2017



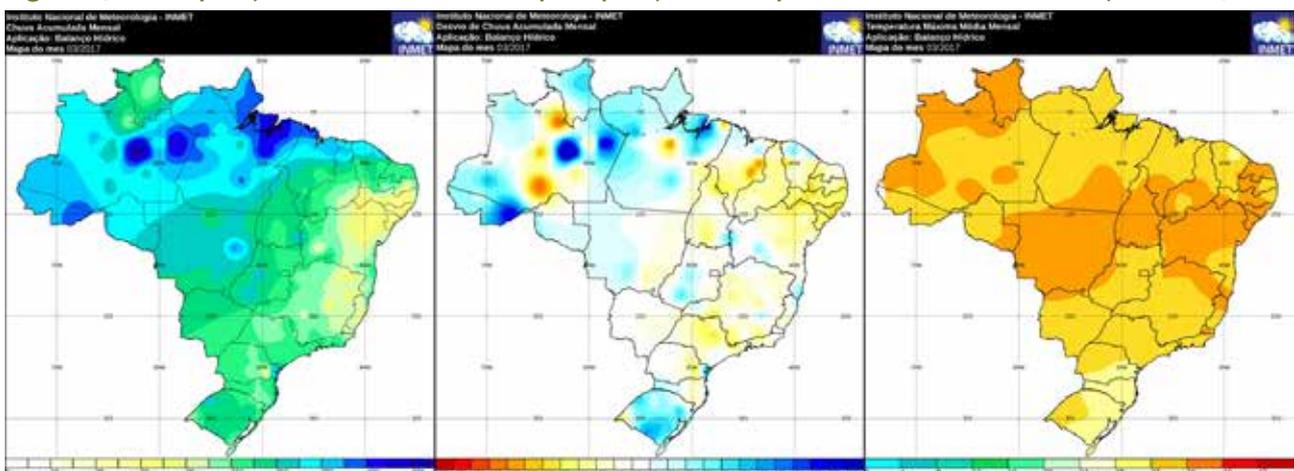
Fonte: Inmet.

Figura 16 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em fevereiro de 2017



Fonte: Inmet.

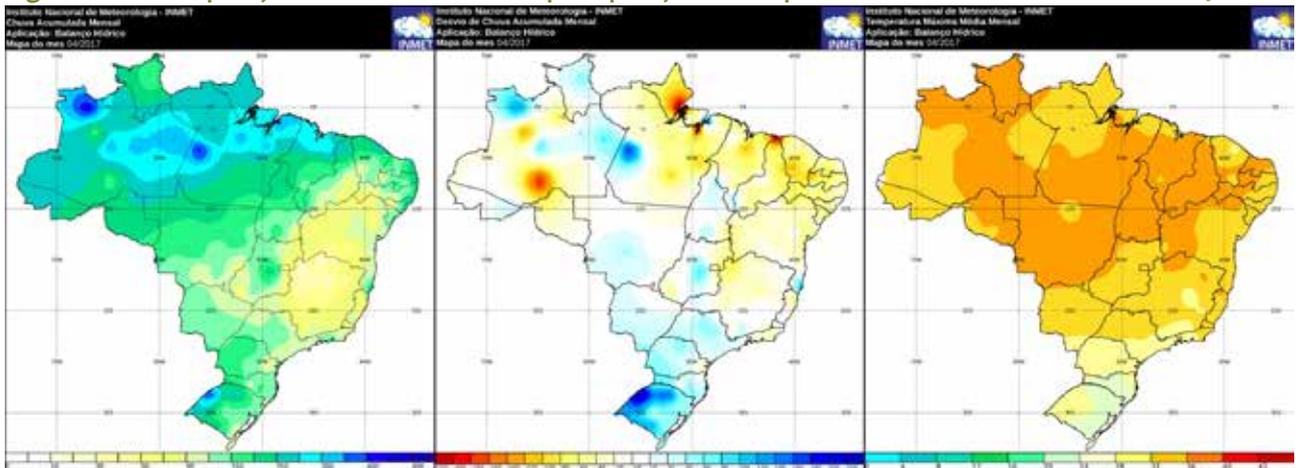
Figura 17 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em março de 2017



Fonte: Inmet

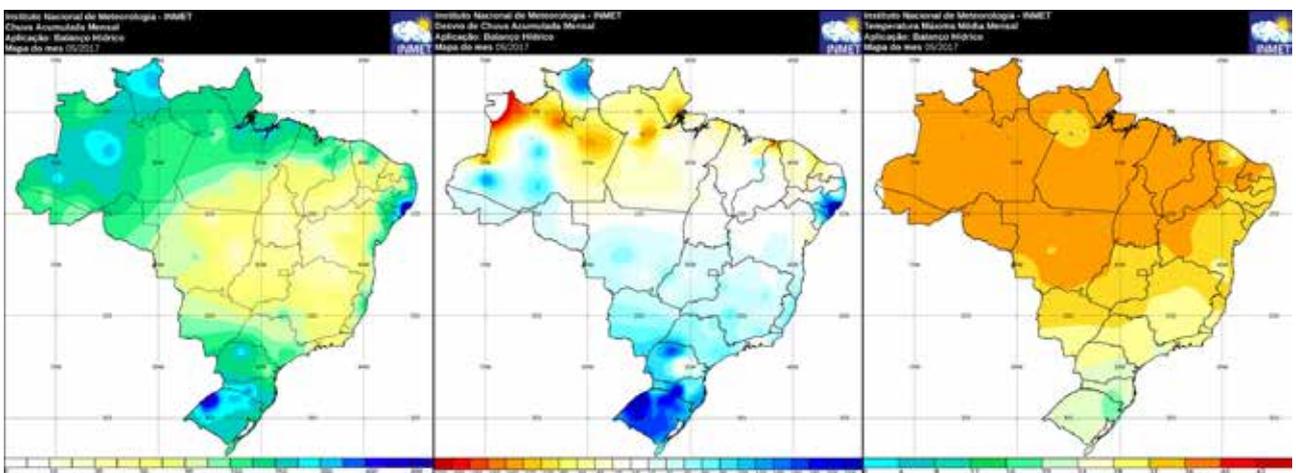


Figura 18 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em abril de 2017



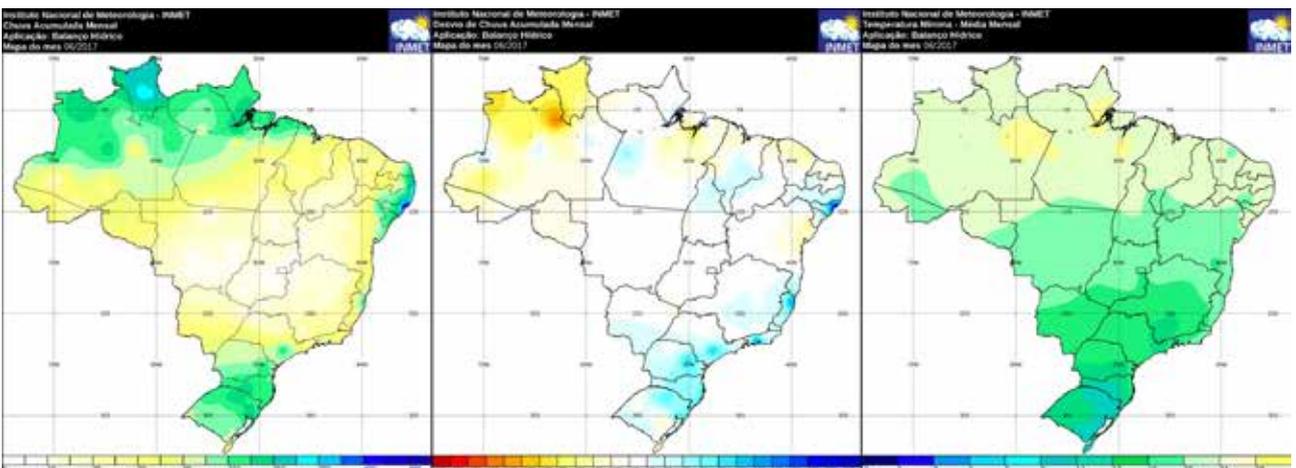
Fonte: Inmet.

Figura 19 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em maio de 2017



Fonte: Inmet.

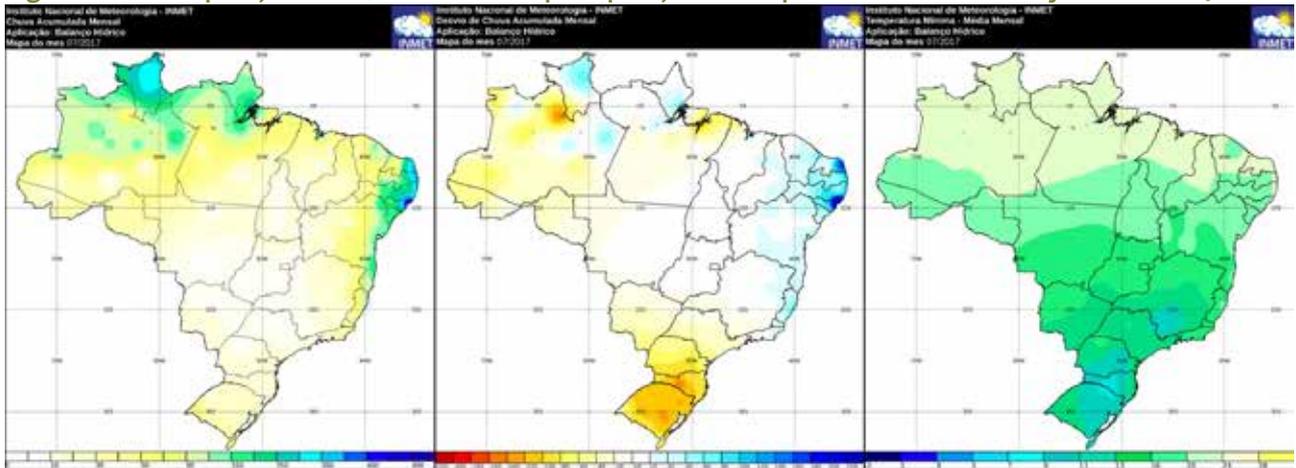
Figura 20 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em junho de 2017



Fonte: Inmet

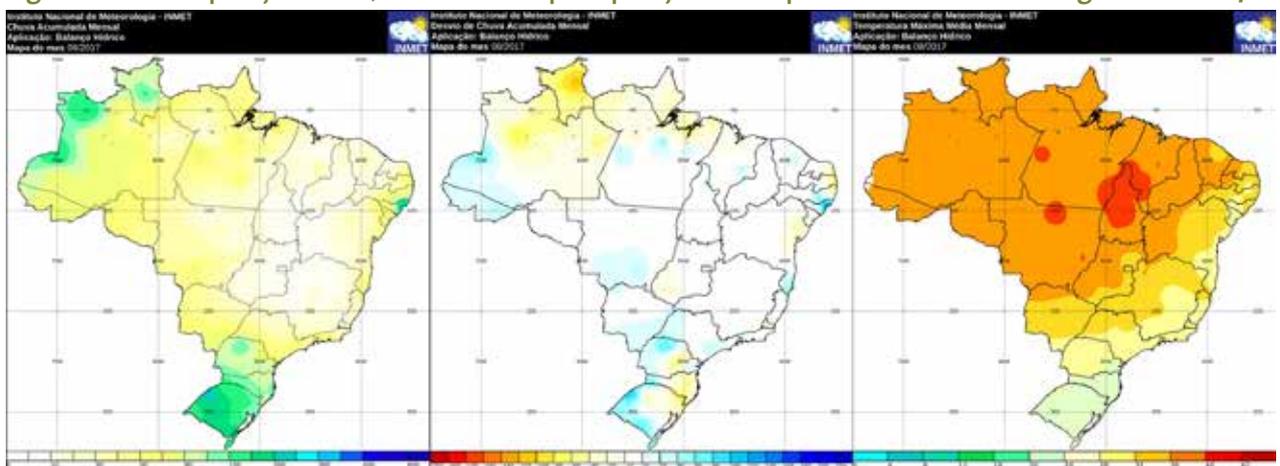


Figura 21 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em julho de 2017



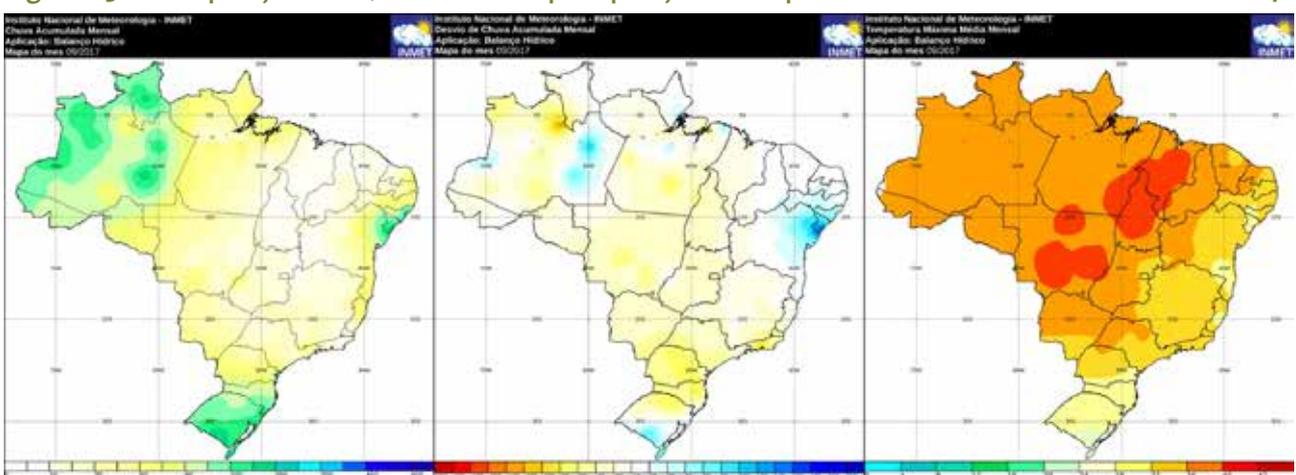
Fonte: Inmet.

Figura 22 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em agosto de 2017



Fonte: Inmet.

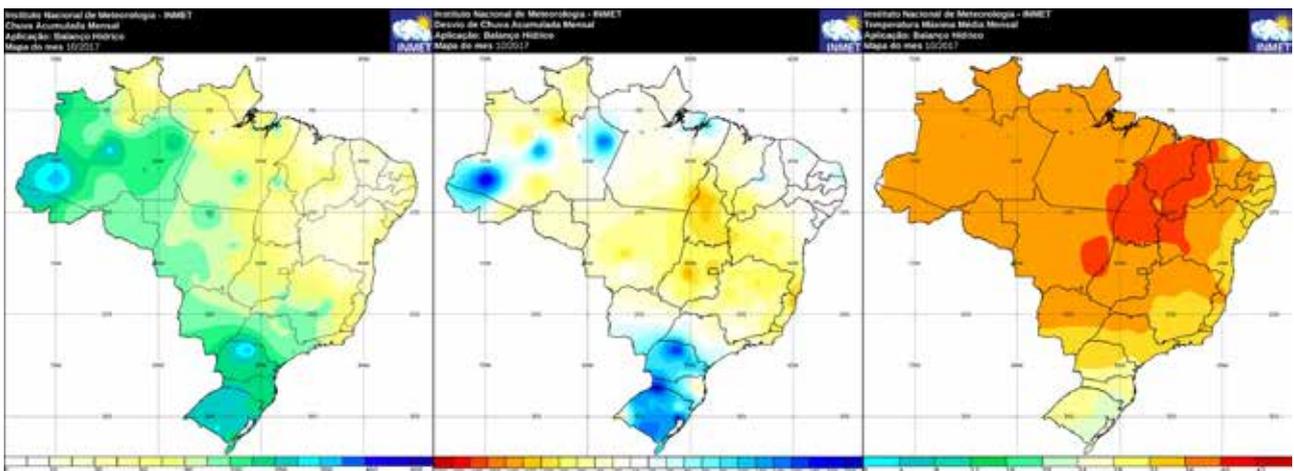
Figura 23 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em setembro de 2017



Fonte: Inmet.

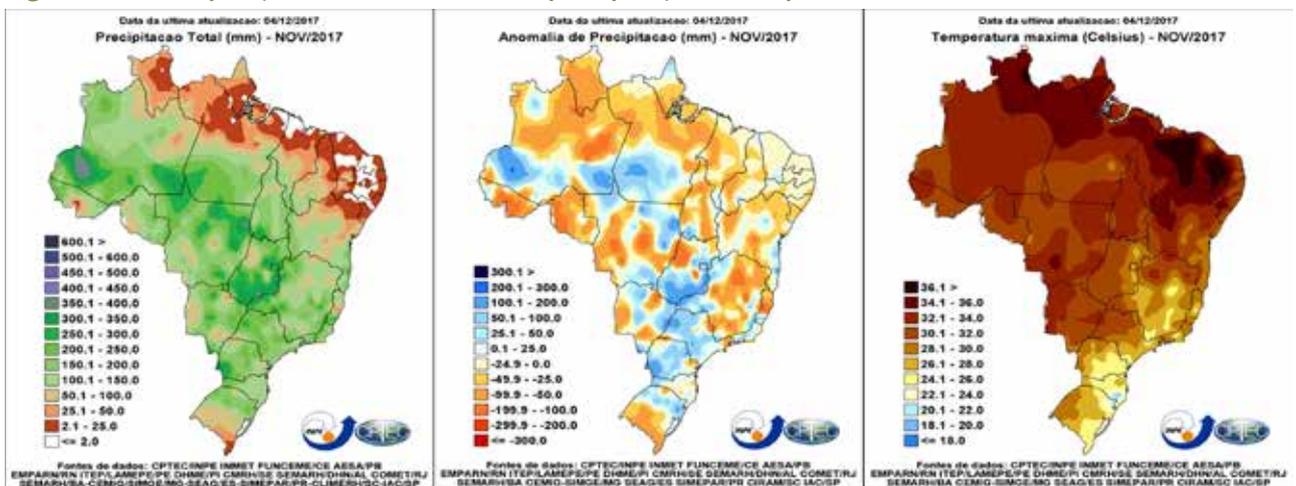


Figura 24 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em outubro de 2017



Fonte: Inmet.

Figura 25 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em outubro de 2017



Fonte: Inmet.



Quadro 1 – Condições hídricas nos períodos de desenvolvimento da cana-de-açúcar da safra 2017/18

Legenda

Favorável	Baixa restrição Falta de chuva	Baixa restrição Excesso de chuva	Média restrição Falta de chuva	Alta restrição..... Falta de chuva.....	Baixa restrição Geadas	Previsão / Prognóstico climático / climatologia
						

Safr 2017/18 - Período de desenvolvimento												
Ano	2016								2017			
Estado	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
São Paulo												
Minas Gerais												
Goiás												
Mato Grosso												
Mato Grosso do Sul												
Paraná												
Bahia (Região Sul)												

Safr 2017/18 - Período de colheita										
Ano	2017									2018
Estado	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	
São Paulo										
Minas Gerais										
Goiás										
Mato Grosso										
Mato Grosso do Sul										
Paraná										
Bahia (Região Sul)										

Safr 2017/18 - Período de desenvolvimento												
Ano	2016			2017								
Estado	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	
Paraíba												
Pernambuco												
Alagoas												

Continua

Safr 2017/18 - Período de colheita							
Ano	2017			2018			
Estado	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Paraíba							
Pernambuco							
Alagoas							

Fonte: Conab.





10. AVALIAÇÃO POR ESTADO

10.1 ALAGOAS

A safra atual ainda está sendo afetada pela baixa precipitação pluviométrica dos anos de 2015 e 2016, onde a lavoura teve um baixo desenvolvimento vegetativo e, com isso, prejudicando a produtividade na safra atual. Espera-se uma recuperação para a próxima safra devido às boas precipitações pluviométricas de janeiro a outubro de 2017. Em média, nas áreas com lavouras de cana-de-açúcar, a precipitação pluviométrica chegou até a época desse levantamento entre 1.600 mm a 2.450 mm de chuvas, concentrando 65% em maio, junho e julho. Essa quantidade de chuvas prejudicou as lavouras que são plantadas em áreas mais baixas de algumas regiões. Entretanto, na maioria das regiões do estado as chuvas foram benéficas.

Devido às dificuldades financeiras que o setor enfrenta, a área com cana-de-açúcar vem sofrendo redução ao longo dos anos. A expectativa para essa safra é de uma área em torno de 307,4 mil hectares. Desse total, aproximadamente 65% é área própria das unidades produtivas e os outros 35% são de áreas dos fornecedores.

As unidades de produção estão com um novo método de plantio de baixo custo, que representa um ganho em termo de economia, onde se utiliza em média de 8 a 10 toneladas de sementes por hectare, quando no sistema anterior se utilizava até 15 toneladas de sementes.

Combinado ao fator clima, a falta de manejo adequado nas lavouras está sendo determinante para a redução dos níveis de produtividade ao longo dos últimos cinco anos. A safra 2010/11 foi de 29.120,4 mil toneladas de cana-de-açúcar, enquanto atualmente se estima colher 15.270,4 mil toneladas, representando uma queda de 47,6%. Em relação à safra passada, a previ-

são é de diminuição de 4,7% devido às diversas dificuldades relacionadas ao clima e ao fator financeiro.

A colheita começou em agosto, um pouco mais tarde em relação à safra passada devido aos problemas relatados acima e deverá ser encerrada entre fevereiro e março de 2018.

Figura 26 - Colheita de cana-de-açúcar



Fonte: Conab.

10.2. AMAZONAS

Estima-se uma área de aproximadamente 3,6 mil hectares e produção de 222,1 mil toneladas. Em relação à safra anterior, há diminuição de 0,6% na área colhida, ocorrido, principalmente, pela utilização de parte da área para produção de mudas, e diminuição de 16,5% na produção.

O plantio ocorreu em dezembro e janeiro e o processo de colheita entre julho e novembro. No período de colheita, a indústria funciona com capacidade máxima na produção de açúcar e etanol, estendendo-se até dezembro.

Os dados apurados revelam uma redução da produti-

vidade média da cultura, de 14,5%, em relação à safra passada. Apesar da adaptação das mudas, da utilização de novas técnicas aplicadas nos corredores de acesso das máquinas colhedoras e emprego de melhores tecnologias na colheita, as condições pluviométricas não foram satisfatórias para a cultura nessa safra. As condições climáticas não foram consideradas satisfatórias para o ciclo de desenvolvimento da cana-de-açúcar na região. Variando de pouca intensidade e com excesso de chuvas.

O ATR por tonelada de matéria-prima na safra anterior, atingiu o índice de 91,4 kg/t de cana-de-açúcar. Nessa safra, o ATR deverá atingir um índice de 93 kg/t de cana-de-açúcar, aumento de 1,7%.

10.3. BAHIA

A Bahia possui dois quadros distintos da produção de cana-de-açúcar. Um polo produtivo está situado no Vale do São Francisco em região de clima semiárido, com baixos índices pluviométricos e irregulares. O outro, no extremo sul do estado, em região de clima tropical úmido, sem estação seca.

Estima-se que, nessa safra, a Bahia tenha 41,9 mil hectares de cana-de-açúcar cultivados, com destinação às unidades de produção de açúcar e etanol. Essa área

representa aumento de 4,7% em relação à safra passada.

No vale do São Francisco, as lavouras são irrigadas e, do espaço geográfico destinado à cultura, 63% é irrigada em sulcos, 31% irrigada por gotejamento e 6% irrigada por pivô central. O incremento no manejo das lavouras, como foco nas lâminas de irrigação, nutrição mineral e eficiência na colheita, gerou ganho de rendimento de 2,8%, apesar da severidade do clima,



com registros pluviométricos abaixo da média. Os subprodutos do processamento das unidades, como o bagaço e a vinhaça, são processados em manejo de

compostagem, sendo comercializado e gerando renda para a propriedade.

Figura 27 - Processamento do bagaço de cana-de-açúcar em manejo de compostagem, em Juazeiro - BA.



Fonte: Conab

No extremo sul, as lavouras são de sequeiro. A expectativa é de aumento da produtividade em 140,8% em relação à safra passada. Esse expressivo crescimento da produtividade se deve aos incrementos no manejo, tal como a fertirrigação com vinhaça e ao aumento de 72% no volume de precipitação registrado de dezembro a novembro deste ano. O aumento dos índices pluviométricos e a distribuição regular foi fundamental para os bons resultados. Na safra 2016/17 as chuvas ficaram concentradas em janeiro, enquanto nessa safra houve uma distribuição de fevereiro a novembro. Essa regularidade hídrica permitiu o bom desenvolvimento das lavouras que estão sendo colhidas e está proporcionando boa qualidade de rebrota das socas.

A colheita da cana-de-açúcar foi iniciada em março e deve se estender até novembro. Aproximadamente 85% das áreas de cana-de-açúcar são colhidas com queima e 15% é colhida verde, sem queima.

Estima-se que a produção no estado, nessa safra, seja

de 3.528,6 mil toneladas de cana-de-açúcar, aumento de 49,1% em relação à safra passada, 140 mil toneladas de açúcar, 74.201 mil litros de etanol anidro e 104.776 mil litros de etanol hidratado, representando aumento em relação à safra passada de 12,2% para o açúcar, 37,2% para o etanol anidro e 114,7% para o etanol hidratado. Inicialmente, as expectativas das unidades apontavam para equilíbrio na produção de etanol, mas, a maior oferta de cana-de-açúcar e a demanda do mercado impulsionou o aumento da produção do etanol hidratado e a redução no etanol anidro.

No vale do São Francisco as lavouras são irrigadas e, do espaço geográfico destinado à cultura, 63% é irrigada em sulcos, 31% irrigada por gotejamento e 6% irrigada por pivô central. Apesar da área ser irrigada, estima-se redução da produtividade média em 3%, saindo de 104.400 kg/ha em 2016 para 101.300 kg/ha em 2017. Essa redução se deve à severidade climática, pois eram esperados 450 mm de chuvas no primeiro semestre e foram registrados somente 138,8 mm.

Figura 28 - Lavoura de cana-de-açúcar com cerca de 60 dias colhida em Medeiros Neto - BA



Fonte: Conab



10.4. ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo vem sofrendo com a falta de chuvas nos últimos anos, causando uma série de prejuízos ao setor sucroenergético, tanto quanto ao setor agropecuário, em geral. Nessa safra, de março até início de agosto, choveu acima da média histórica do estado, com isso, as lavouras conseguiram se recuperar.

Em relação à última safra, a estimativa é de aumento de 6,3% na área, 52,6% na produtividade e 62,2% na

produção de cana-de-açúcar.

A estimativa para essa safra é de aumento de 81,6% na produção de açúcar e 38,8% na produção de etanol, em relação a safra 2016/17.

Atualmente, 75,8% da colheita é realizada mecanicamente e 24,2% de forma manual, dessas, 91,5% com queima e 8,5% sem queima.

10.5. GOIÁS

As condições climáticas até agora foram marcadas por um período chuvoso até meados de maio e pelo atraso nas chuvas ocorridas em outubro. O período mais extenso de seca e estiagem proporcionou melhores rendimentos no açúcar acumulado, porém gerou danos em muitas áreas de lavouras de cana-de-açúcar pela presença de incêndios advindos de problemas operacionais ou criminosos. As chuvas para os próximos meses são importantes para recuperação das barragens, onde é captada água para diferentes modalidades de irrigação, bem como para consumo

da agroindústria.

As unidades produtivas estão com poucas áreas disponíveis próximas aos parques industriais. As unidades procuram áreas disponíveis de fornecedores, mas que também a cada dia estão mais diminutas. Mesmo assim algumas empresas conseguiram fechar contratos com terceiros, onde eram áreas de produção de soja e milho. Essas áreas de soja, que receberam a cultura da cana-de-açúcar, estão com bom desenvolvimento em razão da correção e adubação do solo.

Figura 29 - Área de expansão em Goiatuba - GO



Fonte: Conab.

A maioria das unidades de produção iniciaram a colheita em abril. Muitas devem encerrar a colheita até a metade de dezembro, enquanto que unidades com

áreas menores de cana-de-açúcar já encerraram o esmagamento em novembro. O clima seco acelerou o processo de colheita, principalmente em outubro,

10.6. MARANHÃO

O clima na atual safra de cana-de-açúcar vem contribuindo com as lavouras. As perspectivas quanto ao desenvolvimento das lavouras são muito boas devido, principalmente, às condições pluviométricas, que apesar de em alguns locais ocorrerem um pouco abaixo do considerado ideal, foi suficiente para atender as necessidades hídricas da cultura a ponto de melhorar o rendimento em relação à safra anterior.

Estima-se que a área total cultivada seja de 38 mil hectares, redução de 3,6% em relação à safra passa-

da e produção de aproximadamente 2.189 mil toneladas de cana-de-açúcar, o que representa aumento de 18,8% em relação à safra passada, acarretando aumento de produtividade média de 23,34%, alcançando aproximadamente 57.591 kg/ha.

A colheita está praticamente finalizada. O ATR está estimado em torno de 139,4 kg/t, aumento de 8,9% em relação aos 127,9 kg/t que foi obtido na última safra.

Para essa safra, as unidades produtivas destinarão



8,1% de sua produção para a fabricação de açúcar, enquanto na safra anterior destinou 5,2%. Esse aumento é devido ao preço pago pelo açúcar que se mantém em alta, além de ser um produto que vem melhor remunerando as unidades. 81,1% de toda a cana-de-açúcar esmagada no estado é destinada à produção

10.7. MATO GROSSO

A colheita da cana-de-açúcar foi encerrada no final de novembro, apesar das chuvas das últimas semanas terem atrasado o cronograma de algumas unidades produtivas, mas nada que comprometesse o planejamento das áreas agrícola e industrial. Em termos gerais, o clima foi favorável à cultura no ciclo 2017/18, resultando em excelente produtividade do canavial mato-grossense.

Ademais, os investimentos industriais, aliados ao manejo adequado de adubos e fertilizantes, também contribuíram para o rendimento da cana-de-açúcar, cuja média da safra 2017/18 ficou estimada em 71.522 kg/ha. Em relação ao ATR, a concentração de açúcares

aumentou de 154,2 kg/t para 164,7 kg/t.

10.8. MATO GROSSO DO SUL

Na maioria dos municípios visitados ocorreram chuvas bem distribuídas e suficientes para manter a cultura da cana-de-açúcar em bom estágio de desenvolvimento até o período atual, embora tenha ocorrido queda de granizo e uma forte geada que foi considerada uma das maiores ocorridas nos últimos quinze anos durante julho. Nos meses do inverno e início da primavera, a precipitação ficou abaixo da normal climatológica no estado, favorecendo as operações de colheita em todas as unidades produtivas. A partir de outubro as chuvas se regularizaram, favorecendo o crescimento da cana-de-açúcar que já foi colhida. Embora tenha chovido bastante, os períodos de estiagem, intercalados com as precipitações, contribuíram para o bom desempenho da colheita, a qual não sofreu atrasos significativos por conta do clima. Além disso, em relação a outras operações da cultura, também não houve relatos de mudanças por conta dos índices pluviométricos.

Houve uma significativa variação nos índices médios do ATR nas unidades. Há uma grande variabilidade entre as unidades produtoras de cana-de-açúcar decorrentes da localização geográfica, clima e do manejo. Durante o período de colheita ocorreu uma forte geada na maioria das regiões produtoras, forçando a antecipação da colheita, ocasionando a redução do ATR em algumas lavouras. O ATR médio é estimado

de etanol anidro e estima que a sua produção seja de aproximadamente 140.548 mil litros, valor 28,1% maior que na última safra. Já com o etanol hidratado, o aumento não foi tão grande, cerca de 11,5% em relação à safra passada, com uma produção total de 19.674 mil litros

Assim, o incremento na produção de cana-de-açúcar, aliado à maior quantidade demandada pelo etanol hidratado, cujo preço está mais competitivo que a gasolina, estimulou ao aumento da produção do biocombustível pelas unidades produtoras. Estima-se que o volume total de etanol produzido fique em 1.257.528,2 mil litros, divididos entre hidratado e anidro, com 702.500 mil litros e 555.028,2 mil litros respectivamente.

Em relação ao açúcar, apesar dos preços mais baixos nos últimos meses, a produção da commodity apresentou aumento do patamar na última safra, contabilizando cerca de 410,5 mil toneladas do produto.

em 132 kg/t.

Em relação aos ataques de pragas e doenças, não houve relatos sobre níveis de infestação que comprometessem a produtividade das lavouras. As principais pragas que atacam as lavouras são a broca, contida principalmente por controle químico, e a cigarrinha, controlada principalmente através de controle biológico, estão dentro dos níveis aceitáveis de população, visto que o uso de novas variedades e mudanças no manejo têm contribuído para um bom controle.

Na região norte e leste do estado o índice de infestação tem variado entre 0,38 e 1,5, uma variação considerada como “praga controlada”, dado ao manejo adequado e às condições climáticas favoráveis. O bicudo da cana-de-açúcar também tem sido um problema nas lavouras. A praga ataca as plantas, reduzindo o vigor vegetativo, além de causar perdas qualitativas nas lavouras. O controle normalmente tem sido feito com o corte da palha na linha das soqueiras e com a aplicação de inseticida.

A ferrugem alaranjada é a principal doença que acomete a cultura da cana-de-açúcar no estado, no entanto, a maioria das unidades não relataram problemas com tal doença, para tanto, estão otimizando o manejo através da adoção de variedades resistentes, sendo essas testadas e plantadas no decorrer das sa-



fras.

As unidades procuram manter o aporte tecnológico sem ter que reduzir gastos com insumos ou mudanças no manejo. A maioria das unidades produtivas estão na expectativa de o mercado ser mais atrativo,

10.9. MINAS GERAIS

Os índices pluviométricos ficaram abaixo da média para o período, contudo, as chuvas que ocorreram até o início de maio favoreceram o desenvolvimento das lavouras na maior parte do estado. No final do mesmo mês, iniciou-se o longo período de seca que permaneceu até meados de outubro. Este clima adverso afetou as soqueiras e as canas-plantas, mas de certa forma, favoreceu a colheita das lavouras, assim como a qualidade final do produto.

Verificou-se nesse levantamento redução de 4,1% na área de cana-de-açúcar em relação à safra anterior, o que ocorreu devido à prática de rotação de cultura, a não renovação de contratos de arrendamento em área de terceiros e, ainda, à paralisação de uma unidade produtiva. Dessa forma, a área estimada para a safra 2017/18 é de 818,1 mil hectares, dos quais 61% se refere à área própria e 39% à área de fornecedores.

Em que pese o menor volume de chuvas acumulados durante o ano, as melhorias nos tratamentos culturais foram suficientes para garantir uma boa produtividade, a qual deve ficar 5,9% maior em relação à safra passada, de forma que, a produtividade média do estado está estimada em 79.006 kg/ha. Ressalta-se, entretanto que, algumas áreas, propiciadas por boas condições edafoclimáticas e alto nível tecnológico, chegam a produzir em torno de 100.000 kg/ha.

10.10. PARAÍBA

As médias pluviométricas para agosto, setembro e outubro foram abaixo da necessidade hídrica da cultura da cana-de-açúcar, com médias de 50, 74 e 29 mm, respectivamente. Os níveis ideais de precipitações para esses meses são 129, 91 e 68 mm, respectivamente.

A área de cana-de-açúcar a ser colhida é de 118,6 mil hectares, incremento de 7,5% em relação à safra 2016/17. A área de cultivo próprio das unidades é de 64 mil hectares, que corresponde a 54% da área total, enquanto a área de fornecedores é de 54,6 mil hectares, correspondente a 46%.

A prospecção apresentada pelo setor sucroalcooleiro paraibano para a safra 2017/18 é de 6.183,5 mil toneladas de cana-de-açúcar, valor 27,3% maior que o observado na safra anterior. A produtividade média deverá

muitas readequações foram necessárias para que as metas de produção e qualidade não fossem afetadas. Mesmo com o cenário econômico incerto, grande parte das unidades vêm investindo na renovação e reforma das lavouras, além da manutenção do quadro funcional e da área plantada

Apesar da redução de área, observa-se um pequeno aumento da produção da cana-de-açúcar resultante do incremento na produtividade. Estima-se que o estado deverá produzir em torno de 64.634,6 mil toneladas, que deverão suprir bem a demanda das usinas e destilarias, muito embora, algumas unidades produtivas operem aquém de sua capacidade. A produção é considerada satisfatória frente ao clima adverso ocorrido ao longo da safra. Além de perdas e comprometimento no desenvolvimento das plantas em razão de incêndios ocorridos em algumas lavouras.

A política de preços do governo para a gasolina influenciou positivamente o mercado do biocombustível, razão pela qual houve uma mudança de opção para sua fabricação no final dessa safra. Se comparado com o segundo levantamento, realizado em agosto, houve aumento na produção de etanol de 9,3%, enquanto a fabricação do açúcar decresceu 3,9%.

Praticamente toda safra se encontra colhida. O clima seco foi um bom aliado para os trabalhos de colheita na maior parte do estado, entretanto, houve relatos pontuais de atrasos devido à ocorrência de chuvas. De certa maneira, o clima seco favoreceu a qualidade final da cana-de-açúcar e a produção foi superior à safra passada. O ATR médio alcançado é de 141,2 kg/t.

ser de 52.138 kg/ha, representando um incremento de 18,5% em relação à safra 2016/17. A boa distribuição e intensidade de chuva, no período de desenvolvimento da cultura, proporcionou o aumento da produtividade.

Em consequência do alto índice pluviométrico registrado no último trimestre, o ATR apresenta uma redução de 9,6% em relação à safra passada, atingindo o valor de 127,7 kg/t.

As unidades produtivas, no geral, apresentam o direcionamento da moagem em 27,2% para produção de açúcar e os 72,8% para o etanol total, esses, distribuídos em: 61,1% para o etanol anidro e 38,9% para etanol hidratado. Por outro lado, os quantitativos dos produtos para essa safra têm um crescimento de 17,9 mil to-



neladas de açúcar (9,6%) e 47.398 mil litros de etanol total (16,7%), apresentando quantitativos bem acima

dos registrados na safra passada

10.11. PARANÁ

O clima foi de muita chuva no começo da safra, atrapalhando a colheita. Entre julho e setembro, observou-se forte estiagem na região canavieira e a colheita avançou muito durante esse período. Em outubro e novembro as chuvas foram acima do ideal, dificultando a colheita e interferindo diretamente na operação das unidades produtivas, que poderiam ter encerrado as operações mais cedo nessa temporada. Apesar das precipitações um pouco acima do ideal, a colheita segue o planejado e deve ser encerrada até meados de dezembro nas unidades que já não fecharam a safra.

A área de corte é estimada em 597,3 mil hectares, 3,3% inferior à safra passada. A diminuição de área é reflexo da dificuldade que o setor enfrentou nos últimos anos. Com menos investimentos, menos áreas são plantadas, sobretudo aquelas que não são adequadas

à colheita mecanizada. A concorrência das áreas com outras lavouras também é grande, sobretudo para mandioca, pastagem e soja. Com a produtividade decrescente dos últimos três anos, os arrendatários, por vezes, preferem implantar outra atividade ao fim dos contratos.

Aproximadamente 85,8% das lavouras são colhidas de forma mecanizada, dessas, 57% é feita com queima e 43% é feita sem queima. A colheita manual foi efetuada em 14,2% das áreas, mas apenas 4% desse total foi colhida sem queima. Uma das inovações implantadas é o uso de MPBs (Mudas Pré-Brotadas) para realização de replantio e plantio manual. A dificuldade de implementação dessa tecnologia é a necessidade de irrigação das mudas após o plantio, o que inviabiliza a implantação em escala.

Figura 30 - Colheita em Bandeirantes-PR.



Fonte: Conab.

A produtividade das lavouras de cana-de-açúcar foi variável, com algumas unidades superando as expectativas e outras relatando quebra de safra. Visível é que aquelas empresas que conseguiram manter uma taxa aceitável de renovação, mesmo no período de crise, obtiveram resultado surpreendente, enquanto que as demais, frustraram-se com os baixos rendimentos. Na média estadual, a produtividade prevista deverá ser de 63.518 kg/ha, 7,1% abaixo do rendimento da safra anterior. Apesar do clima ter contribuído, entre escassez e excessos de chuvas, a protagonista da quebra de produtividade é a idade das lavouras. A idade média saiu de 3,44 anos na safra 2016/17 para 3,84 anos

na safra atual, um aumento de 11,6%. Isso denota o baixo investimento em reformas nas últimas safras.

A produção de colmos deverá chegar, até final do ano, em 37.938,8 mil toneladas, 10,1% inferior à safra anterior.

A estimativa é que o ATR médio nessa safra seja de 141,6 kg/t, 3,5% a menos que na safra anterior. A estiagem do meio do ano contribuiu para que o ATR praticamente se mantivesse igual à safra passada, uma vez que colaborou para a concentração do açúcar na cana-de-açúcar. A escolha e o manejo correto das va-



riedades também exercem influências sobre o ATR, por isso, muitas unidades de produção têm direcionado investimentos em variedades mais rentáveis e adaptadas para a região.

Em relação a doenças e pragas, as lavouras apresentaram bom estado fitossanitário, com casos isolados de broca do colmo, cupins, besouro *mgdolos* e coró ou pão de galinha. Devido à ausência de chuvas de grão, não houve proliferação de dextrana nas lavouras. As geadas foram pontuais e, na maioria dos casos, não chegou a afetar o calendário de colheita.

10.12. PERNAMBUCO

As unidades de produção de cana-de-açúcar estão distribuídas na Zona da Mata Sul, Norte e Região Metropolitana de Recife, onde as lavouras de cana-de-açúcar ocupam a quase totalidade das áreas cultivadas da região.

Como fatores favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar em Pernambuco, observa-se historicamente precipitações bem distribuídas, clima quente, boa luminosidade ao longo do ano e solos férteis. Porém, o relevo bastante ondulado em grande parte da região produtora e o emprego de tecnologias inferiores às utilizadas na Região Centro-Sul do país, ainda são fatores limitantes para a obtenção de produtividades maiores na região. Associado a isso, percebe-se também uma pequena taxa anual de renovação das lavouras de cana-de-açúcar, o que, na maior parte, implica em lavouras com mais de cinco cortes e, conseqüentemente, agravamento da redução dos índices de produtividades. A colheita se inicia na segunda quinzena de agosto, podendo se estender até abril do ano seguinte.

As precipitações ocorridas de maio a julho alteraram significativamente os valores anuais em virtude do grande volume de água, em especial na Zona da Mata Sul, a qual registrou um acumulado próximo a 2.000 mm. As previsões climáticas eram de chuvas abaixo da média até junho, em face disso, os empreendimentos sucroalcooleiros estavam receosos em renovar as lavouras de cana-de-açúcar. No entanto, diante do cenário chuvoso que se apresentou a partir de maio, algumas unidades resolveram mudar o planejamento, aumentando a área de renovação das lavouras.

Em face da paralisação das atividades industriais de dois empreendimentos sucroalcooleiros e perante a redução da cana-de-açúcar de fornecedores, bem como, dos danos provocados nas lavouras pela estiagem da safra anterior, a tendência é que haja uma redução de 8,7% na área cultivada em relação à safra

A produção de açúcar prevista é de 3.011,7 mil toneladas, 6,1% inferior à safra passada, que foi 3.205,7 mil toneladas. A expectativa é que a produção de etanol seja de 1.282.125,5 mil litros, diminuição de 8,5% em relação à safra passada.

A venda de energia elétrica aumentou, proporcionalmente. Na safra anterior, 49,3% da energia produzida foi vendida, enquanto que nessa safra o índice foi de 50,6%. Isso se explica pelo baixo preço de mercado do bagaço, o que faz ser mais vantajoso para as unidades queimá-lo e vender a energia do que vender o bagaço diretamente aos pecuaristas

passada.

Quanto ao rendimento médio, observa-se que as baixas precipitações pluviométricas que prejudicaram a safra passada, também já haviam impactado negativamente o rendimento das lavouras da safra atual devido à grande incidência de falhas na rebrota dos canaviais. No entanto, as chuvas que ocorreram nessa safra melhoraram substancialmente a condição das lavouras, as quais, mesmo com a rebrota prejudicada, tendem a proporcionar um rendimento melhor do que o registrado na safra passada, o qual foi concebido em 48.530 kg/ha e tende a ficar em torno de 49.546 kg/ha nessa safra, aumento de 2,1%. Quanto à produção, essa deve ter uma queda de 6,8% devido à menor área nessa safra.

Em virtude dos elevados índices pluviométricos registrados no início do período da moagem, uma parcela da cana-de-açúcar paralisou o estágio de maturação e retornou ao estágio vegetativo, o que aumentou o consumo de energia pela planta e, conseqüentemente, reduziu os índices de ATR. A estimativa é que o ATR médio seja 2,3% a menos do que na safra passada, atingindo 134,7 kg/t.

Esperava-se uma maior destinação da cana para a produção de açúcar em face dos preços obtidos pela commodity na safra anterior. No entanto, os sobressaltos na demanda do principal consumidor, a Índia, e as perspectivas de uma maior oferta europeia ajudaram o mercado e, por conseguinte, acarretando uma forte redução nos preços. Contudo, espera-se que o percentual da cana-de-açúcar esmagada destinado à produção de açúcar permaneça praticamente igual ao da safra anterior, por outro lado, a tendência é que se destine um percentual maior para a fabricação de etanol hidratado, uma vez que, no atual cenário, apresenta melhores rendimentos. É esperado para essa safra, em comparação à safra 2016/17, redução de 11,4%



na produção de açúcar e redução de 4,2% no etanol total, uma vez que nesse último, a redução se dará

principalmente na produção do etanol anidro.

10.13. PIAUÍ

Nos municípios da região centro-norte do estado, região onde se concentra a produção de cana-de-açúcar, os índices pluviométricos são normalmente bastante reduzidos entre agosto e outubro. Especificamente nesse ano, os índices pluviométricos ficaram abaixo da média histórica de setembro e outubro, tornando as lavouras de cana-de-açúcar totalmente dependentes de irrigação nesse período.

A área estimada está estimada em 15,5 mil hectares, 2,4% maior do que na safra passada.

Quanto à produtividade, os fatores climáticos, como as chuvas regulares e bem distribuídas, as lavouras de cana-de-açúcar majoritariamente mais novas do que na safra passada e investimentos em irrigação, con-

tribuíram para a obtenção da produtividade média de 54.698 kg/ha, proporcionando aumento de 9,2% em relação à safra anterior.

A colheita se encerrou na primeira quinzena de novembro, com um ATR médio de 120,1 kg/t, 4,5% inferior que o ATR obtido na safra passada.

Quanto ao mix de produção, a prioridade tem sido a produção de açúcar devido a fatores mercadológicos relacionado ao preço, o que tem tornado mais atrativo a produção desse produto. A estimativa é que 64,8% da cana-de-açúcar esmagada seja destinada à produção de açúcar e 35,2% seja destinada a produção de etanol.

10.14. RIO GRANDE DO NORTE

Os fatores climáticos foram considerados bons na região leste potiguar, onde se encontra as lavouras de cana-de-açúcar que estão sendo colhidas na safra atual. Apesar de nessa região as chuvas começarem a ocorrer com maior intensidade a partir de maio a agosto, observou-se que no primeiro trimestre do ano as chuvas foram bastantes satisfatórias, notadamente no litoral sul do estado, onde se concentra grande parte do das lavouras. Em abril se constatou a ocorrência de veranicos localizados, enquanto em maio houve ocorrência de chuvas normais. Em junho, as precipitações não foram consideradas ideais. Julho foi o mês em que o clima se mostrou satisfatório em todo o estado. Em agosto, praticamente não choveu, influenciando negativamente nos níveis de produtividade da cana-de-açúcar que seria colhida nessa safra, bem como na cana-de-açúcar que se encontrava na fase de desenvolvimento e/ou crescimento vegetativo. Para diminuir os impactos causados em razão da carência hídrica, as unidades produtoras e os produtores independentes intensificaram os processos de irrigação nas áreas consideradas mais críticas. Em setembro ocorreu o término da quadra chuvosa na região, entretanto, nesse mês, observou-se precipitações em algumas áreas das lavouras.

A área plantada nessa safra é estimada em 55,8 mil hectares, contra 48,4 mil hectares da safra anterior, ou seja, um aumento de 15,3%. O aumento deve ser mais significativo para a cana-de-açúcar de fornecedores que, de 15,7 mil hectares, na safra anterior, deve-

rá passar para 19,6 mil hectares na atual, um aumento de 24%. A área própria das unidades também deverá aumentar. O acréscimo será de 11% em relação à safra passada. A área de renovação e expansão na atual safra deverá ser de 8,2 mil hectares, acréscimo de 29,6% em relação à safra passada.

A radiação solar, temperatura e água, são fatores importantes para o desenvolvimento da cana-de-açúcar, que influenciam positivamente na fotossíntese, no acúmulo de açúcares e perfilhamento da planta. Nessa safra, tais fatores têm sido favoráveis às lavouras de cana-de-açúcar e associados ao uso correto de fertilizantes, manejo sanitário e à interveniência de práticas de irrigação em áreas onde a escassez de água foi constatada, o que permite estimar uma produtividade maior que a da safra passada em 17,5%, ou seja, 47.927 kg/ha na atual safra, contra 40.804 kg/ha da safra passada.

A colheita teve início em agosto e está prevista para ser concluída em fevereiro de 2018. Nesse período, ocorre do ponto de vista fisiológico da planta, o final do ciclo de crescimento e maturação, atingindo o máximo de produtividade agrícola permitida pelas condições de clima e solo da região. Até o momento, aproximadamente 54% da cana-de-açúcar foi colhida. Estima-se que 73,3% será de cana-de-açúcar própria das unidades de produção e 26,7% oriundas de fornecedores. Do total da cana-de-açúcar prevista para ser processada, 54,5 % deverá ser colhida de forma me-



cânica, enquanto 45,5 % deverá ser de forma manual, sendo 91,4% com a queima e 8,6% sem a queima.

O setor sucroalcooleiro no Rio Grande do Norte, tradicionalmente açucareiro, continuará destinando a

10.15. RIO GRANDE DO SUL

A área cultivada foi confirmada em 1,1 mil hectares. Houve redução de 1,5% na produtividade média em relação à safra passada, atingindo 40.360 kg/ha e de 14,7% na produção de etanol hidratado, atualizados

10.16. RONDÔNIA

Os dados pluviométricos nos quatros primeiros meses do ano indicam que as chuvas foram bem distribuídas. A partir de maio e até setembro, que representa o período das secas nessa região, houve uma queda acentuada nas precipitações, com o clima apresentando-se muito seco, baixa umidade relativa do ar e calor intenso. As chuvas voltaram a cair a partir de outubro e atualmente elas estão ocorrendo com maior intensidade, cumprindo com as necessidades das plantas e permitindo os plantios previstos para as áreas de renovação.

A colheita teve início em maio e o encerramento de toda a produção está previsto para o final de dezembro.

Até o momento foi colhida uma área de 2 mil hectares. A área total a ser colhida nessa safra deverá ser de 2,2 mil hectares, 35,5% menor que na safra pas-

10.18. SÃO PAULO

As condições climáticas atuais, na maioria das regiões produtoras de São Paulo, estão sendo consideradas favoráveis ao desenvolvimento das lavouras de cana-de-açúcar recém-plantadas. Em algumas unidades produtivas, as chuvas que estão ocorrendo podem interferir no encerramento da safra, por não viabilizar a colheita.

As condições climáticas, caracterizadas pelo clima seco, observadas no decorrer do terceiro trimestre do ano nas principais regiões produtoras de São Paulo, favoreceram a operacionalização da colheita no campo. A moagem foi constante e assídua nesses meses, fazendo com que as unidades buscassem acelerar as atividades de processamento, temendo uma oscilação climática e o histórico de chuvas a partir de outubro.

Houve um intenso movimento entre a colheita no campo e a entrada da cana-de-açúcar colhida nas

maior parte da cana-de-açúcar à produção da commodity. O total de 63,2 % da produção de cana-de-açúcar no Rio Grande do Norte será destinada à produção de açúcar.

para 2.485 mil litros devido à ocorrência de geadas severas na região onde as temperaturas ficaram entre -3 e -4 °C, reduzindo a produção e o depósito de açúcar nas plantas

sada. O motivo das reduções das áreas é reflexo da crise econômica que tem afetado todo o setor e que motivou a não renovação de parte dos contratos de arrendamentos que foram firmados no passado com proprietários de imóveis, cujas áreas eram realizadas o plantio da cultura e também a redução do número de empregados.

A produtividade média deve ser de 42.398 kg/ha. A baixa produtividade se deve principalmente à falta de tratos culturais que não estão sendo realizados desde a safra passada, deixando, assim, de serem feitas as adubações, os controles de plantas invasoras e principalmente de cigarrinhas, essas com elevada incidência nas lavouras de cana-de-açúcar advindas de áreas anteriormente ocupadas com pastagens. Outro aspecto que contribui para a baixa produtividade é a lenta renovação que vem ocorrendo nas lavouras mais antigas.

unidades de produção. Em virtude desse movimento maciço entre as unidades de produção, praticamente toda a cana-de-açúcar em condições de moagem já foi processada e, por essa razão, a maioria das unidades produtivas já encerraram as atividades em novembro, restando apenas algumas unidades que continuarão por mais algumas semanas, cujo objetivo será o de cumprir contratos assinados previamente com grupos controladores.

A expectativa é de aumento de ATR médio, tendo em vista a forte estiagem que assolou as lavouras no meio do ano. Em contrapartida, essa mesma seca deverá reduzir a produtividade da cultura.

Após anos de dificuldades que passaram as unidades de produção, haja visto o elevado número que entraram em recuperação judicial, agravadas pelas baixas cotações do açúcar, bem como, a estabilidade dos pre-



ços internos do etanol, associados a períodos climáticos adversos de safras anteriores, o ano de 2016 trouxe certo alívio a esse segmento devido, sobretudo, a uma recuperação das receitas e nas margens de lucro de seus principais produtos. Entretanto, devido à baixa renovação das lavouras de cana-de-açúcar, acres-

cida de problemas climáticos na safra passada como seca, geadas e a devolução de terras arrendadas por parte de algumas unidades de produção, diante das dificuldades financeiras, estão entre os fatores que sinalizam, nesse momento, a uma redução de 4,6% na área em relação à safra passada.

Figura 31 - Lavoura de cana-de-açúcar em Luiz Antônio - SP



Fonte: Conab.

Ao longo do ano, a variação na cotação do açúcar fez com que algumas unidades de produção alterassem

a programação e destinassem maior volume de cana-de-açúcar para a produção de etanol.

10.17. SERGIPE

As precipitações ocorridas nessa safra, nas principais regiões produtoras de cana-de-açúcar, foram caracterizadas tanto pela quantidade como pela regularidade das chuvas. O acumulado entre abril, período que compreende o início da safra 2017/18, e novembro variou entre 1.500 mm a 1.700 mm, proporcionando uma melhora significativa nas lavouras de cana-de-açúcar em comparação ao mesmo período da safra anterior. Além da quantidade mais próxima das necessidades fisiológicas do cultivo, a regularidade de precipitação proporcionou o bom desenvolvimento das áreas plantadas em meados de março e abril.

A quantidade de chuvas ocorridas nos últimos meses proporcionou o bom desenvolvimento das lavouras e as áreas se encontram uniformes e com bons aspectos visuais. Algumas unidades continuam realizando controle preventivo de pragas, com aplicação de defensivos, bem como a queima do palhicho, resíduo que fica na área recém-colhida e que pode hospedar algumas pragas causadoras de grandes prejuízos econômicos à atividade, como a broca da cana.

Com relação à área cultivada, houve redução dos valores apresentados no último levantamento para 41,2 mil hectares, sendo 24,8 mil hectares das próprias

unidades e outros 16,4 mil hectares de fornecedores. A redução pode ser explicada em decorrência da não realização do plantio conforme planejamento do início da safra. Foram renovados cerca de 4,6 mil hectares e expandidos outros 2 mil hectares, 100% sobre pastagens, enquanto que a produtividade média esperada é de 41.490 kg/ha.

A produção de cana-de-açúcar foi revisada nesse terceiro levantamento para cerca de 1.709 mil toneladas, com ATR médio de 134,5 kg/t de cana-de-açúcar.

A colheita manual tende a ocorrer na maior parte das áreas, com previsão de ser realizada em cerca de 89,8% da área total. Apesar de haver um projeto de lei, o qual exigirá o término da queima a partir de 2023, é notório que é preciso haver maior integração entre os setores envolvidos, uma vez que a colheita mecanizada é pouco praticada no estado em virtude dos elevados índices de declividade. A colheita manual, sem a prática da queima, torna-se um processo demasiadamente oneroso para as unidades produtoras. Durante o período da colheita e da moagem da cana-de-açúcar há um aumento significativo no número de contratações.



Figura 32 - Lavoura de cana-de-açúcar colhida em Nossa Senhora das Dores - SE



Fonte: Conab.

Com relação à colheita, a grande maioria das unidades começaram a moagem a partir da primeira semana de outubro. Apesar de algumas unidades apresentarem o planejamento de funcionamento e moagem entre 90 e 110 dias, algumas unidades produtoras estenderão esse período para a primeira quinzena de fevereiro.

Em relação à destinação da cana-de-açúcar moída, 44,3% será destinada à produção de açúcar, 33,7% à produção de etanol hidratado e 22% à produção de etanol anidro. A produção para a safra 2017/18 deverá ser de 96,9 mil toneladas de açúcar, 28.674,9 mil litros de etanol anidro e 45.825,7 mil litros de etanol hidratado.

10.18. TOCANTINS

A área de cana-de-açúcar a ser colhida em Tocantins, nessa safra, deverá ser de 30,8 mil hectares, 1,2 mil hectares a menos do que na safra passada, o que representa uma diminuição de cerca de 3,8%.

Em relação à produtividade, a expectativa é que se atinja uma produtividade média de 61.118 kg/ha.

Apesar da área cultivada ter reduzido, o aumento de produtividade deverá compensar essa redução, deixando a produção maior do que a safra passada, au-

mento de 4,8%.

Espera-se um ATR 3,2% maior, dado às melhores condições das lavouras. Como resultado desses incrementos, a expectativa em relação à produção total de etanol é que haja aumento de 8,5%. A estimativa é que ocorra redução de 0,8% do volume de etanol anidro em relação à safra passada e todo o volume de cana-de-açúcar restante seja destinado à produção do etanol hidratado, o qual deverá registrar um aumento de produção de 32,4% em relação à safra passada.





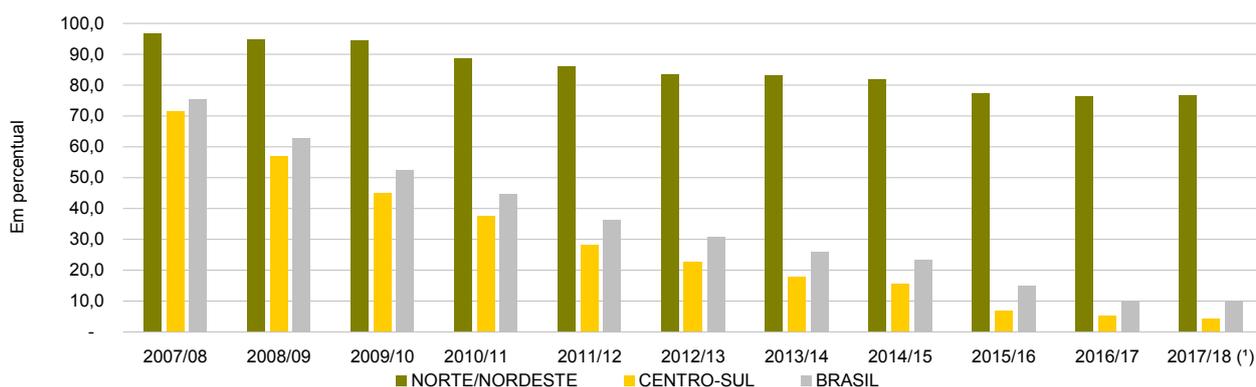
11. SISTEMA DE COLHEITA

A colheita é a última operação do ciclo da cultura e deve ser levado em consideração alguns aspectos inerentes a ela. Nesse momento é quando a cana-de-açúcar atinge o final do seu período de crescimento e maturação, atingindo o máximo de produtividade e acúmulo de ATR.

A colheita é a etapa de produção da cana-de-açúcar que mais sofre mudanças devido às novas exigências socioambientais e à necessidade de redução de custos. O tipo de colheita da cana-de-açúcar pode influenciar a produção e longevidade da cultura, os atributos físicos, químicos e biológicos do solo, o meio ambiente e a saúde pública.

Um dos sistemas de colheita é o manual, onde o trabalhador braçal realiza o corte com ferramenta apropriada, e a cana-de-açúcar é carregada inteira nos caminhões com o uso de guinchos mecânicos. Esse tipo de colheita tem sido menos frequente no país. Nessa safra o percentual de colheita manual é de 4,1% na Região Centro-Sul, onde se concentra a maior parte da produção. Na Região Norte/Nordeste, tanto pelo relevo mais acidentado, quanto pela disponibilidade de mão de obra, esse percentual ainda é alto, sendo de 76,8%. Para efeito de comparação, o Centro-Sul já havia atingido um percentual menor na safra 2007/08, 71,5%. Sendo assim, a média brasileira de corte manual de cana-de-açúcar sofreu forte decréscimo, saindo de 75,6% da produção total na safra 2007/08 e chegando a 9,8% na atual safra.

Gráfico 14 - Percentual de colheita manual



Fonte: Conab.

Nesse sistema há duas maneiras de colheita, com queima prévia ou não. Geralmente é realizada a queima prévia onde se pretende eliminar a palha. A eliminação da palha antes da colheita evita o transporte desnecessário da lavoura para a unidade de produção, uma vez que será descartado. Além disso, esse manejo afasta animais (abelhas, aranhas, cobras e outros) e reduz o esforço físico despendido na atividade do corte (aumentando a produtividade por pessoa).

Há também o caso da colheita crua, ou seja, sem queima prévia, onde a palha é parcialmente separada dos colmos e deixada na lavoura como cobertura de solo. A colheita manual, sem queima, dificulta o trabalho, pois reduz o rendimento, o que acaba por inviabilizar economicamente a operação e, além disso, com a relutância dos cortadores em aceitar esse tipo de trabalho, torna-se uma opção inviável. Assim, a alternativa que resta é a colheita mecânica, com o uso de colhedoras especialmente desenhadas para esse fim, sem a necessidade da queima da cana-de-açúcar.

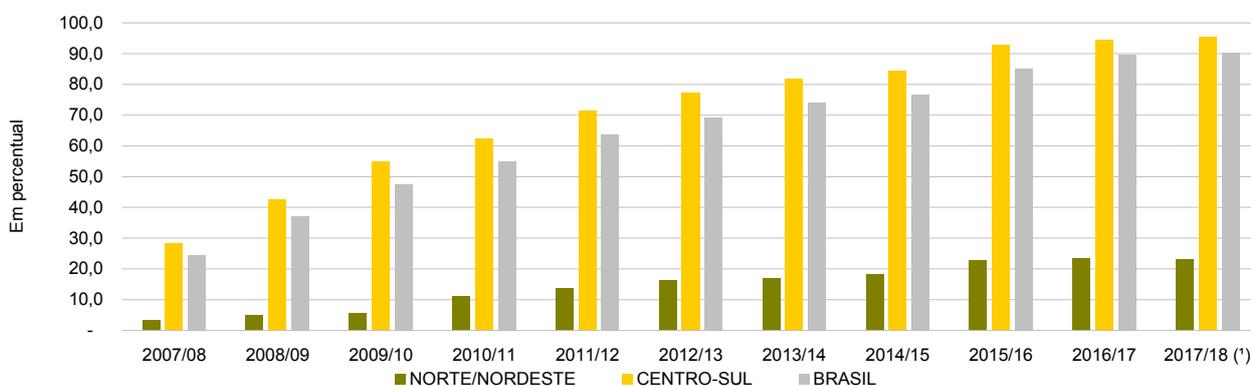
O sistema de colheita mecanizado da cana-de-açúcar está cada vez mais presente nos sistemas de produção no Brasil, onde o transporte da cana-de-açúcar picada em pequenos toletes é realizado por carretas

apropriadas para essa tarefa.

Nesse sistema a colheita é praticamente toda realizada sem queima prévia, uma vez que as folhas, bainhas, ponteiros, além de quantidade variável de pedaços de colmo são cortados, triturados e lançados sobre a superfície do solo, formando uma cobertura de resíduo vegetal denominada palha ou palhada. Observa-se que a colheita de cana-de-açúcar mecanizada e crua não é uma regra, mas quando isso ocorre, o intuito é melhorar o rendimento das colhedoras.

No Brasil, o sistema de colheita mecanizada tem avançado muito nos últimos anos. O percentual que era 24,4% na safra 2007/08, está estimada em 90,2% na atual safra. A Região Centro-Sul, beneficiada por relevo que favorece a mecanização, já ultrapassa os 95% da área total, com o uso de máquinas para colheita. Diferentemente dessa, a Região Norte/Nordeste ainda não ultrapassou os 25% de área total com colheita mecanizada. Em Alagoas e Pernambuco, onde se encontra 60% da área dessa Região, os percentuais são menores ainda, sendo 19,9 e 3,7%, respectivamente, uma vez que as áreas de produção são acidentadas e com declives acentuados e, por outro lado, existe maior disponibilidade de mão de obra.

Gráfico 15 - Percentual de colheita mecanizada



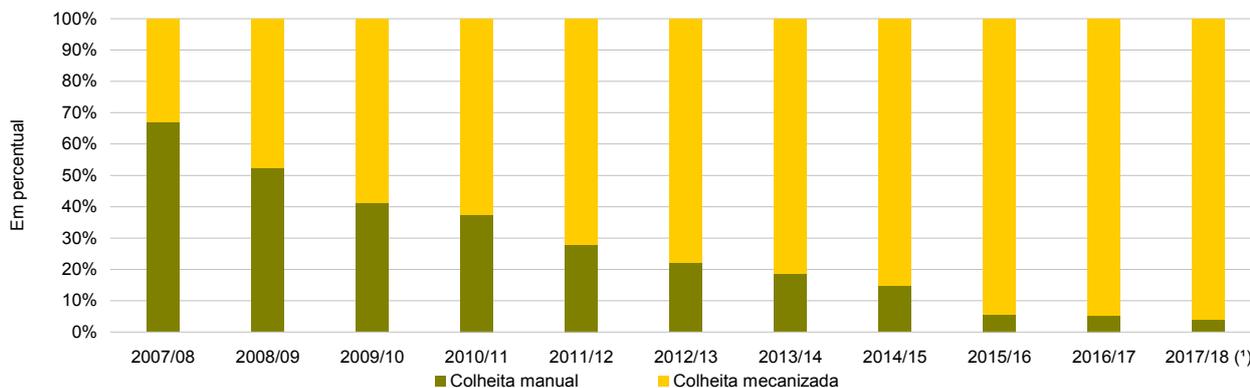
Fonte: Conab.



Em São Paulo, estado responsável por 54% da área colhida na safra atual, o índice de colheita mecanizada saiu de 33% na safra 2007/08 para 95,9% na safra 2016/17. A mecanização da colheita sem queima prévia evita a emissão de gases de efeito estufa e beneficia o solo, pois deixa sobre o solo a palha que antes era queimada, protegendo-o contra erosão e contri-

buindo para o aumento da sua fertilidade e teor de matéria orgânica. A unidade de produção também se beneficia da intensificação do sistema de colheita mecanizado, uma vez que a limpeza da cana-de-açúcar colhida nesse sistema é realizada a seco, reduzindo o uso de água no processo industrial e evitando afetar o teor de sacarose, que diminui com o uso da água

Gráfico 16 - Percentual de colheita manual e mecanizada em São Paulo



Fonte: Conab.

O decreto estadual nº 47.700, de 11 de março de 2003, regulamenta a Lei Estadual nº 11.241, de 19 de setembro de 2002, que determina prazos para a eliminação gradativa do emprego do fogo para despalha da cana-de-açúcar nos canaviais paulistas, sendo de grande interesse agrícola e ecológico, estabelecendo prazos, procedimentos, regras e proibições que visam a re-

gulamentar as queimadas em práticas agrícolas. Nas áreas mecanizáveis (declividade menor que 12%), o objetivo é eliminar a queima total em 2021. Nas áreas mecanizáveis (declividade maior que 12%) em virtude da dificuldade de colheita mecanizada, o prazo para eliminar a queima total é em 2031.

Tabela 9 - Prazos para eliminação da queima de cana-de-açúcar

Ano	Área mecanizável	Ano	Área não mecanizável
2002	20% da queima eliminada	2011	10% da queima eliminada
2006	30% da queima eliminada	2016	20% da queima eliminada
2011	50% da queima eliminada	2021	30% da queima eliminada
2016	80% da queima eliminada	2026	50% da queima eliminada
2021	100% da queima eliminada	2031	100% da queima eliminada

Fonte: Decreto estadual (SP), de 11 de março de 2003.

O ponto central da discussão sobre esse assunto está na necessidade da queima da palha previamente ao corte quando o sistema é manual, fato que provoca a emissão de gases. No caso da colheita mecânica, essa queima não é necessária, apesar que, se a cana-de-açúcar for previamente queimada, aumenta o rendimento da máquina e facilita o processo.

Nesse caso, ocorre a perda da palha da mesma forma que na colheita manual. As questões ambientais, associadas ao sistema de corte da cana-de-açúcar, se manual ou mecanizado, é um assunto que está na agenda de discussão em vários estados. Isso decorre do fato que, na colheita manual a queima prévia da

palha é essencial para facilitar a tarefa de corte e aumentar em quase três vezes a quantidade diária de cana-de-açúcar cortada sem o uso da queimada, além de reduzir o esforço físico despendido no trabalho. No entanto, a fumaça, os gases e o material particulado que emanam dos incêndios controlados criam problemas ambientais, que têm provocado ampla discussão sobre seus efeitos sobre a saúde da população circunvizinha e a forma de equacionar esse assunto.

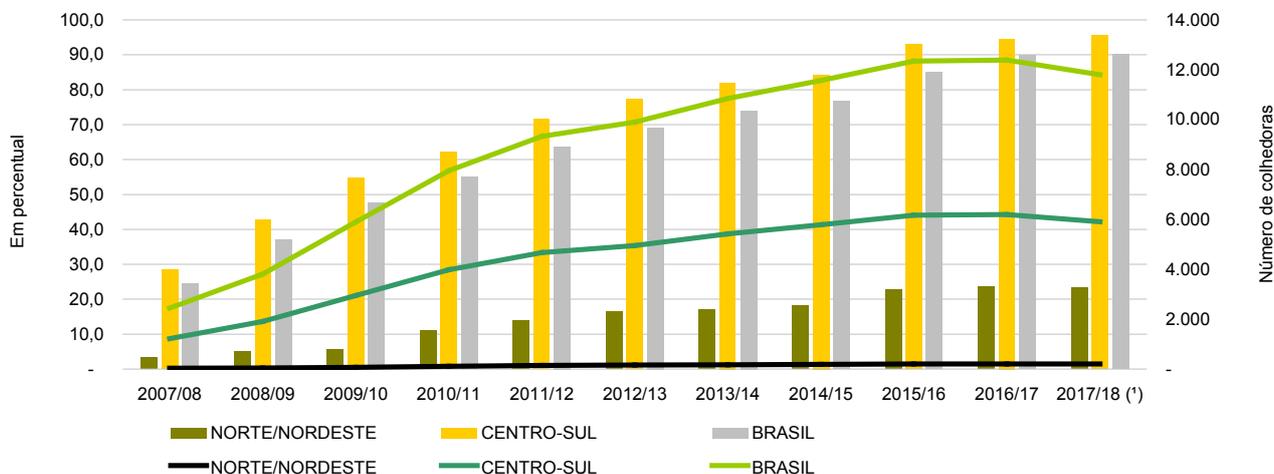
A quantidade de colhedoras em uso chegou a 6.195 na safra 2015/16, número recorde para o país. O aumento nos últimos nove anos foi de 407,4%, o que equivale a 4.974 colhedoras. Acompanhando a tendência do au-



mento das áreas com colheita mecanizada, nos últimos anos as unidades de produção investiram muito

na aquisição dessas máquinas

Gráfico 17 - Número de colhedoras e percentual de colheita mecanizada



Fonte: Conab.

As colhedoras são máquinas que eliminam o uso de carregadores, como na colheita manual, uma vez que deposita a cana picada diretamente no sistema de transbordo, que será descarregado na carreta de transporte para a unidade de produção. As colhedoras são capazes de colher todo o tipo de cana-de-açúcar, tanto a ereta quanto a extremamente acamada, apesar de diminuir seu rendimento operacional.

O declínio do número de colhedoras nas últimas sa-

fras é fruto do melhor rendimento delas e de variedades adaptadas à colheita mecanizada. Atualmente as novas colhedoras são capazes de colher duas linhas de cana-de-açúcar simultaneamente, apresentando maior eficiência e produtividade do que as colhedoras mais antigas de uma linha. As novas variedades têm sido mais eretas, apresentando uniformidade de altura e diâmetro de colmos, o que também facilita a colheita mecanizada e melhora o rendimento da colhedora.



Tabela 10 – Percentual de colheita manual

REGIÃO/UF	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
NORTE	46,7	54,6	45,9	28,5	16,8	9,1	6,2	2,9	3,1	-	-
RR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	100,0	100,0	40,0	30,0	30,5	30,5	19,6	8,8	-	-	-
AC	-	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	-	100,0	-	-
AM	20,0	38,5	36,3	37,0	14,6	4,5	4,9	1,6	-	-	-
AP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	63,0	60,0	50,0	30,0	30,0	18,5	7,8	7,8	-	-	-
TO	65,0	64,0	50,0	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	97,8	95,4	95,2	89,9	88,3	86,4	86,5	85,6	81,4	82,5	83,3
MA	100,0	100,0	100,0	89,6	74,8	71,0	47,1	53,8	52,9	45,9	56,5
PI	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	91,6	90,3
CE	100,0	100,0	63,9	64,4	33,9	-	-	-	-	-	-
RN	79,7	80,2	67,9	54,0	50,9	44,5	39,6	40,0	46,6	44,8	47,1
PB	100,0	100,0	100,0	92,4	88,6	87,8	88,0	88,3	79,7	70,4	75,9
PE	99,7	99,8	99,7	98,6	98,4	98,3	98,9	99,3	96,0	98,1	96,3
AL	97,5	91,8	93,7	86,0	84,9	82,4	84,3	82,2	77,6	81,9	80,1
SE	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	84,5	88,5	89,8
BA	100,0	100,0	100,0	100,0	99,1	88,6	97,1	96,4	91,4	88,8	88,7
CENTRO-OESTE	71,1	56,3	37,3	24,6	17,5	16,0	8,6	12,8	6,0	3,1	3,5
MT	66,7	53,7	42,7	35,7	24,9	22,1	20,0	12,8	2,3	7,5	8,3
MS	80,0	65,7	36,7	19,4	10,1	12,8	0,1	9,2	4,2	0,2	0,9
GO	68,5	51,2	35,4	24,2	20,4	16,5	12,1	15,6	8,2	4,1	4,2
DF	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	69,2	54,6	43,5	38,5	28,5	22,6	19,2	15,3	5,6	5,4	3,8
MG	80,6	62,5	52,5	38,5	26,8	19,7	20,0	15,2	2,0	3,0	0,5
ES	87,3	88,3	77,7	80,7	60,5	49,4	36,6	35,0	29,7	39,2	26,2
RJ	92,9	89,0	73,3	87,4	81,3	66,6	28,3	34,5	71,5	72,5	55,8
SP	67,0	52,4	41,4	37,3	27,8	22,3	18,7	14,9	5,5	5,5	4,1
SUL	89,6	81,7	73,2	58,1	51,8	41,1	34,7	27,3	25,3	13,4	13,9
PR	89,6	81,6	73,1	58,0	51,7	40,9	34,7	27,2	25,4	13,4	13,9
SC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	30,1	9,3	19,4	17,5	18,2
NORTE/NORDESTE	96,7	94,9	94,4	88,8	86,1	83,5	83,1	81,8	77,3	76,5	76,8
CENTRO-SUL	71,5	57,2	45,1	37,8	28,4	22,8	18,0	15,7	7,0	5,4	4,4
BRASIL	75,6	62,9	52,4	44,9	36,3	30,8	26,0	23,2	14,9	10,2	9,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 11 – Percentual de colheita mecanizada

REGIÃO/UF	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
NORTE	53,3	45,4	54,1	71,5	83,2	91,0	93,8	97,1	96,9	100,0	100,0
RR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0
RO	-	-	60,0	70,0	69,5	69,5	80,4	91,2	100,0	100,0	100,0
AC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	-
AM	80,0	61,5	63,7	63,0	85,4	95,5	95,1	98,4	100,0	100,0	100,0
AP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0
PA	37,0	40,0	50,0	70,0	70,0	81,5	92,2	92,2	100,0	100,0	100,0
TO	35,0	36,0	50,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
NORDESTE	2,2	4,6	4,8	10,1	11,7	13,6	13,5	14,4	18,6	17,5	16,7
MA	-	-	-	10,4	25,2	29,0	52,9	46,2	47,1	54,1	43,5
PI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8,4	9,7
CE	-	-	36,1	35,6	66,1	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-
RN	20,3	19,8	32,1	46,1	49,1	55,5	60,4	60,1	53,4	55,3	52,9
PB	-	-	-	7,6	11,4	12,2	12,0	11,7	20,3	29,7	24,1
PE	0,3	0,2	0,3	1,4	1,6	1,7	1,1	0,7	4,0	1,9	3,7
AL	2,5	8,2	6,3	14,0	15,1	17,6	15,7	17,8	22,4	18,1	19,9
SE	-	-	-	-	-	-	-	-	15,5	11,5	6,2,1
BA	-	-	-	-	0,9	11,4	2,9	3,6	8,7	11,2	11,3
CENTRO-OESTE	28,9	43,7	62,7	75,4	82,5	84,0	91,4	87,2	94,0	96,9	96,5
MT	33,3	46,3	57,3	64,3	75,1	77,9	80,0	87,3	97,7	92,5	91,7
MS	20,0	34,3	63,3	80,6	89,9	87,2	99,9	90,8	95,8	99,8	99,1
GO	31,5	48,8	64,7	75,8	79,6	83,5	88,0	84,4	91,8	95,9	95,8
DF	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	100,0
SUDESTE	30,8	45,4	56,5	61,5	71,5	77,4	80,8	84,7	94,4	94,6	96,2
MG	19,4	37,5	47,5	61,5	73,2	80,3	80,0	84,8	98,0	97,0	99,5
ES	12,7	11,7	22,3	19,3	39,6	50,6	63,5	65,0	70,3	60,8	73,8
RJ	7,1	11,0	26,7	12,6	18,7	33,4	71,7	65,5	28,5	27,5	44,2
SP	33,0	47,6	58,6	62,7	72,2	77,7	81,3	85,1	94,5	94,5	95,9
SUL	10,4	18,3	26,8	41,9	48,2	59,0	65,4	72,7	74,7	86,6	86,1
PR	10,4	18,4	26,9	42,0	48,3	59,1	65,3	72,8	74,7	86,6	86,1
SC	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	100,0
RS	-	-	-	-	-	-	69,9	90,7	80,7	82,5	81,8
NORTE/NORDESTE	3,3	5,1	5,6	11,2	13,9	16,5	16,9	18,2	22,7	23,5	23,2
CENTRO-SUL	28,5	42,8	54,9	62,2	71,6	77,2	82,0	84,3	93,0	94,6	95,6
BRASIL	24,4	37,1	47,6	55,1	63,7	69,2	74,0	76,8	85,1	89,8	90,2

Fonte: Conab.

Nota: Previsão em dezembro/2017.



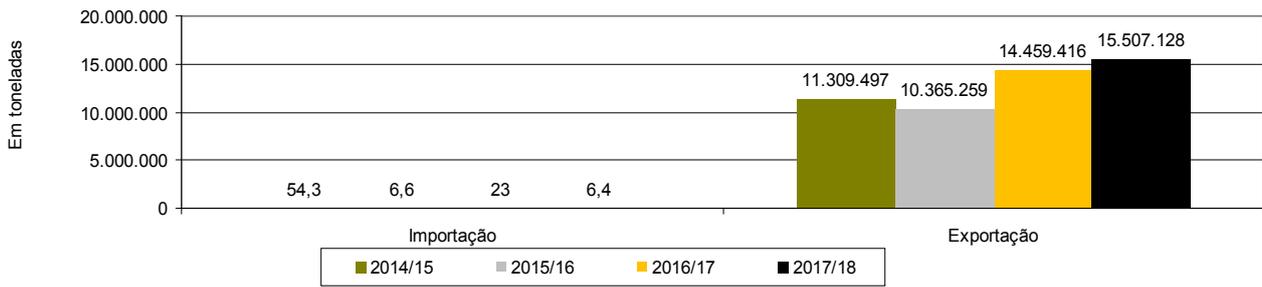


12. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Os dados da Secex indicam que a exportação de açúcar já totalizou 15,51 milhões de toneladas na safra 2017/18 (abril a outubro), 7,2% superior ao mesmo período da safra 2016/17, que foi de 14,46 milhões de toneladas.

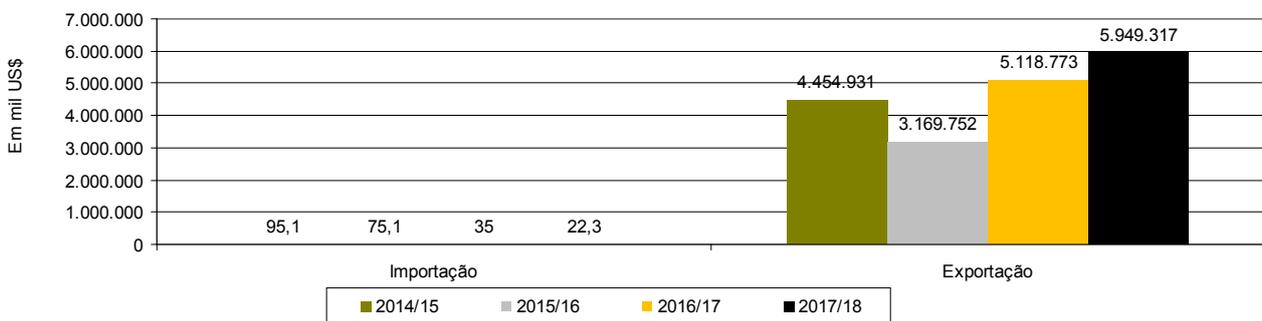
Enquanto nesse mesmo período da safra 2016/17 o acumulado foi de 5,12 bilhões de dólares exportados, nessa safra esse valor já atingiu 5,95 bilhões de dólares.

Gráfico 18 - Importações e exportações de açúcar - Absoluto



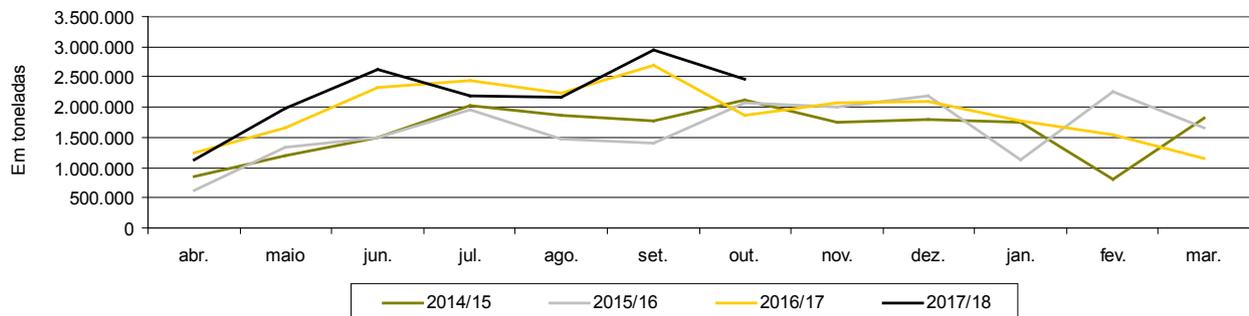
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 19 - Importações e exportações de açúcar - Valores



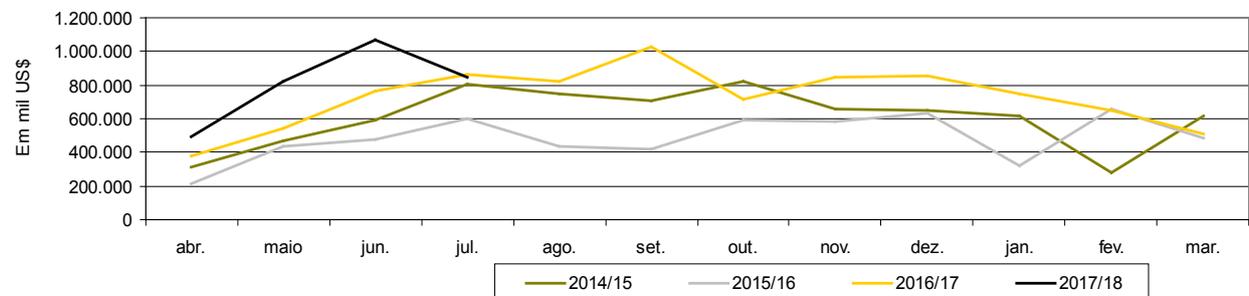
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 20 - Exportações de açúcar - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

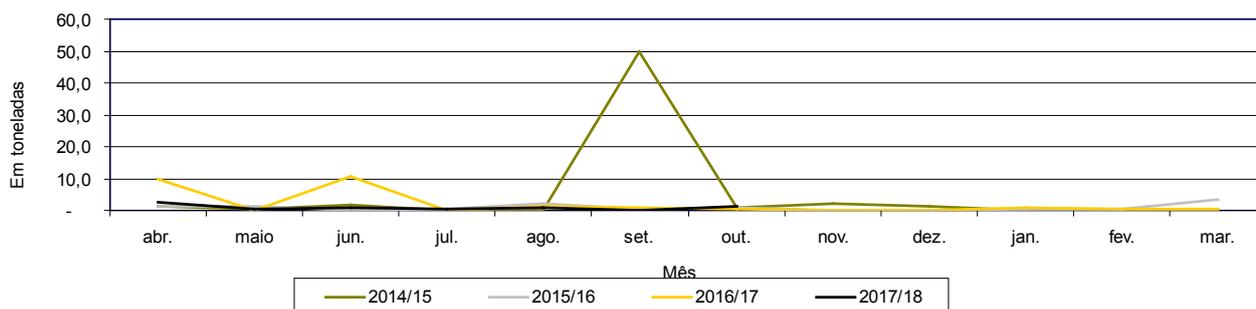
Gráfico 21 - Exportações de açúcar - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

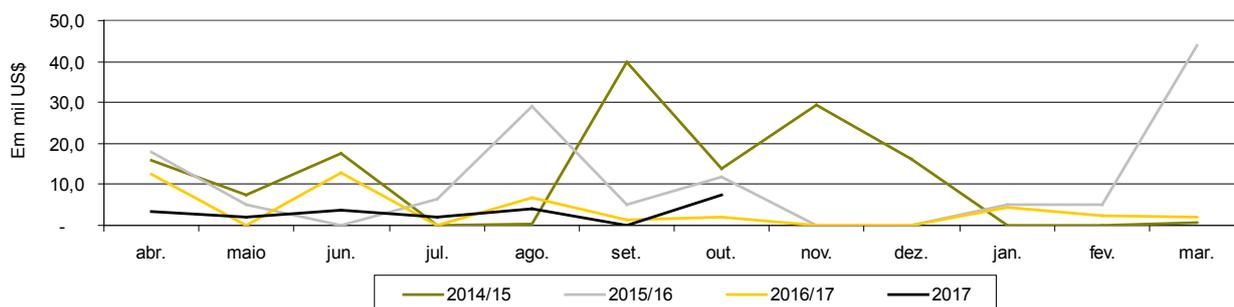


Gráfico 22 - Importações de açúcar - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 23 - Importações de açúcar - Valores

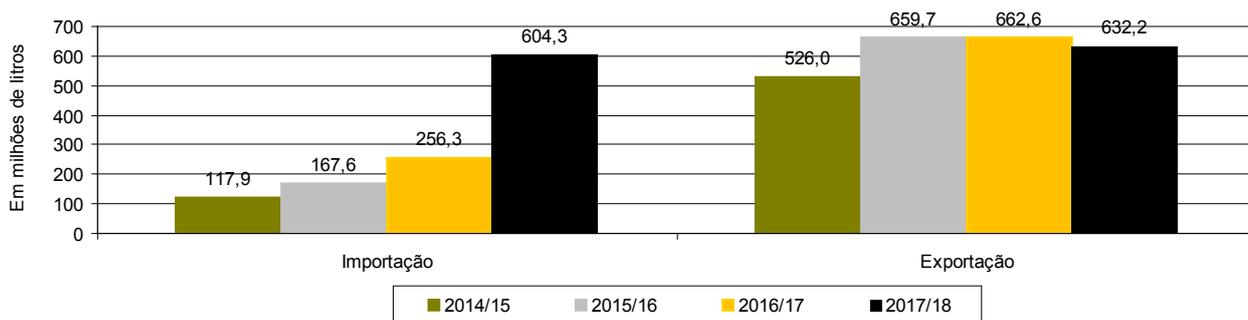


Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Os dados da Secex também mostram um crescente aumento nas importações de etanol nas últimas quatro safras, alcançando 604,3 milhões de litros na safra 2017/18, 135,7% superior ao mesmo período da safra 2016/17. Descontando-se esse montante da exporta-

ção total, de 632,2 milhões de litros, o país apresentou nessa temporada um saldo positivo das exportações em 27,9 milhões de litros, o menor das últimas quatro safras.

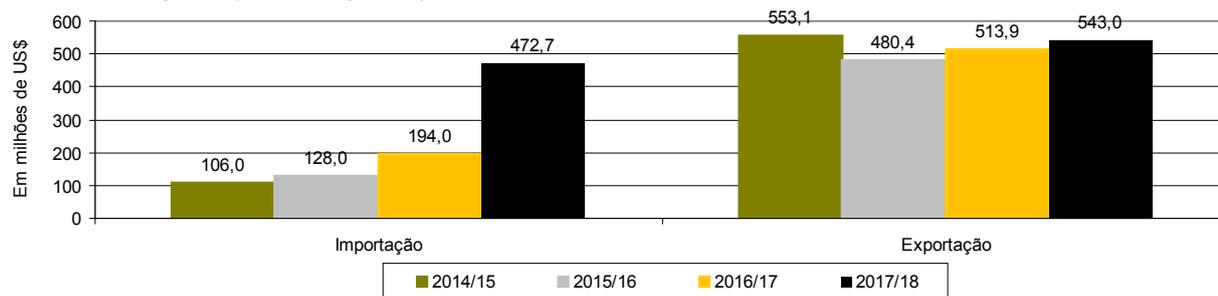
Gráfico 24 - Importações e exportações de etanol – Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

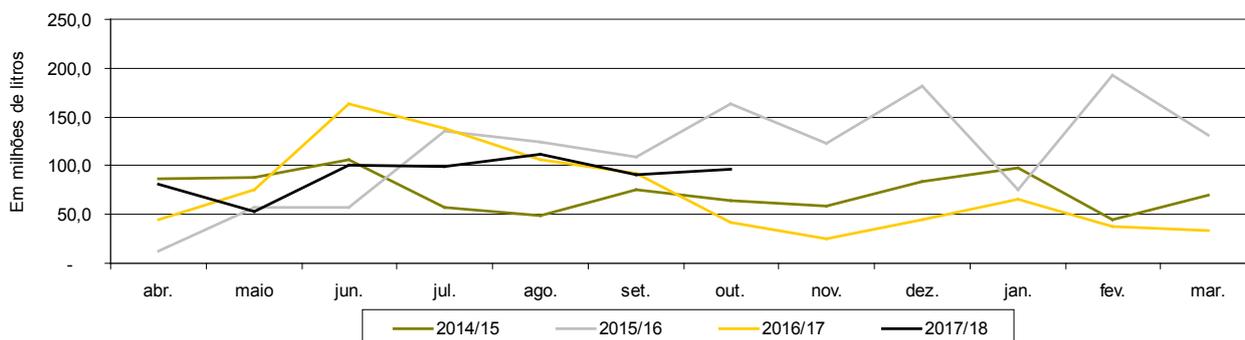


Gráfica 25 - Importações e exportações de etanol – Valores



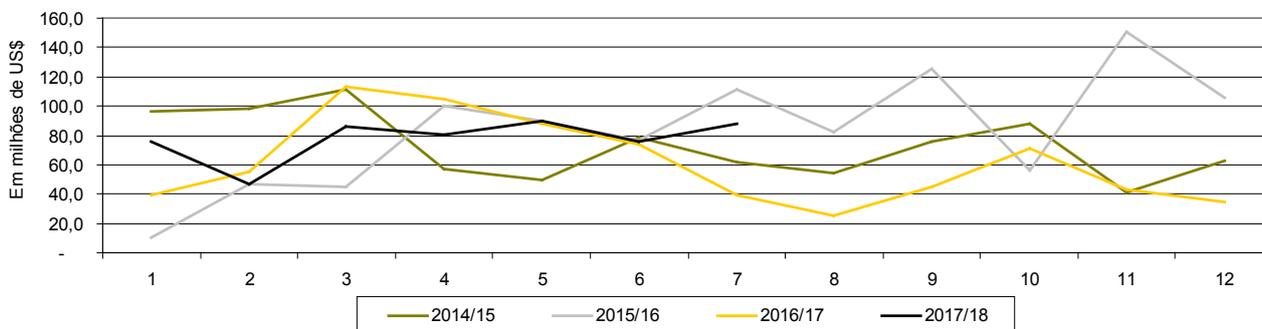
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfica 26 - Exportações de etanol - Absoluto



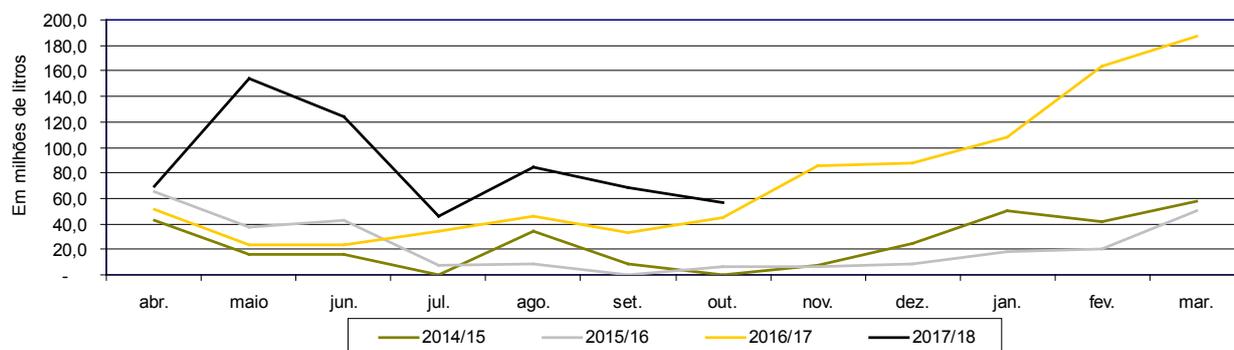
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 27 - Exportações de etanol - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

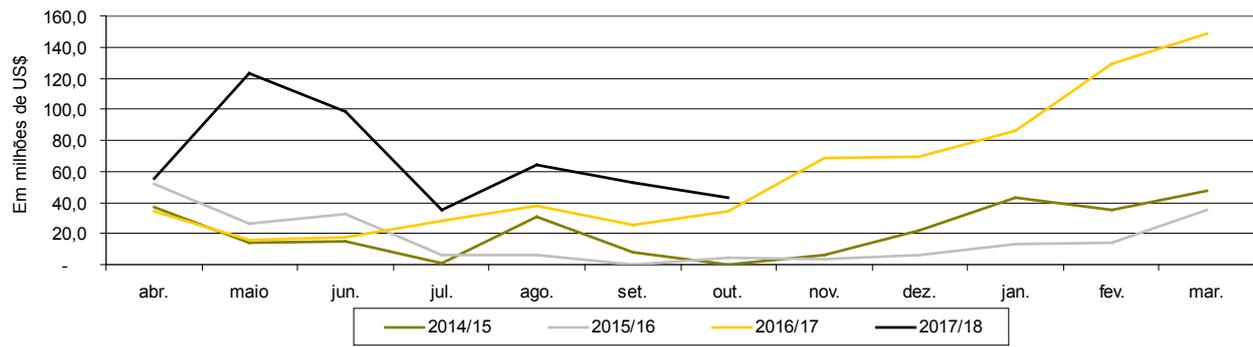
Gráfico 28 - Importações de etanol - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.



Gráfico 29 - Importações de etanol - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.





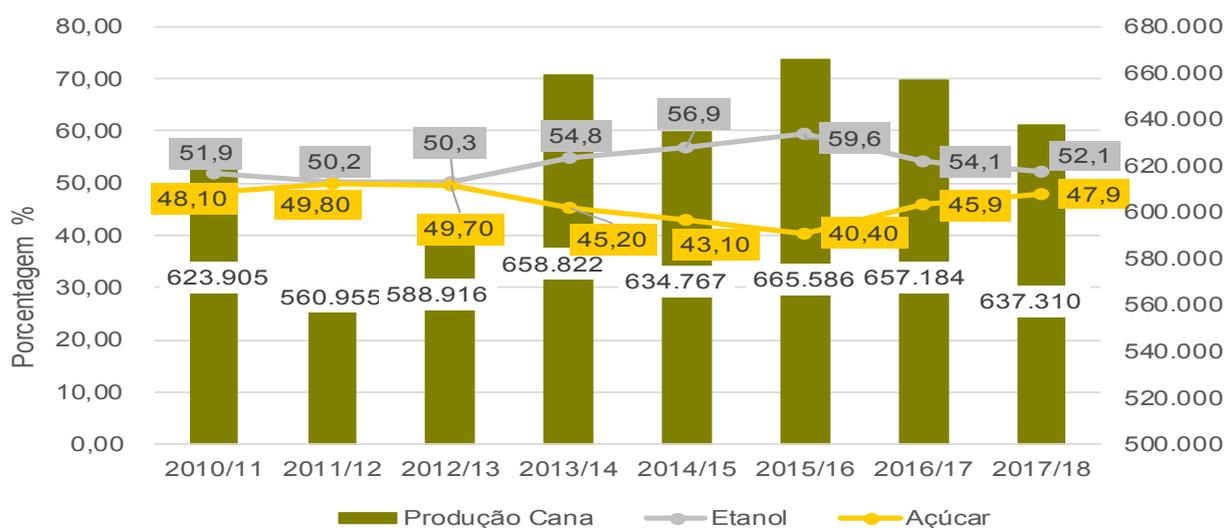
13. OFERTA E DEMANDA

13.1. PANORAMA NACIONAL

Os resultados obtidos na terceira avaliação de safra 2017/18 de cana-de-açúcar indicam que a área destinada ao plantio será de 8,73 milhões de hectares, ou seja, 3,14% menor que na safra passada. O trabalho também apresenta discreta queda na produção, de 3%, com total de 637,31 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. No entanto, a produtividade será maior em 1% ao valor de 72.936 kg/ha.

Pela segunda safra consecutiva, observou-se aumento no percentual de cana-de-açúcar designado para a produção de açúcar devido à maior lucratividade com a venda do adoçante (Gráfico 30), no entanto, nos últimos meses, as usinas passaram a destinar maior parte da produção sucroalcooleira para a produção de etanol devido à maior rentabilidade na venda do etanol (motivada pelos aumentos consecutivos nos preços da gasolina).

Gráfico 30 – Produção nacional de cana-de-açúcar e percentual destinado ao etanol e açúcar



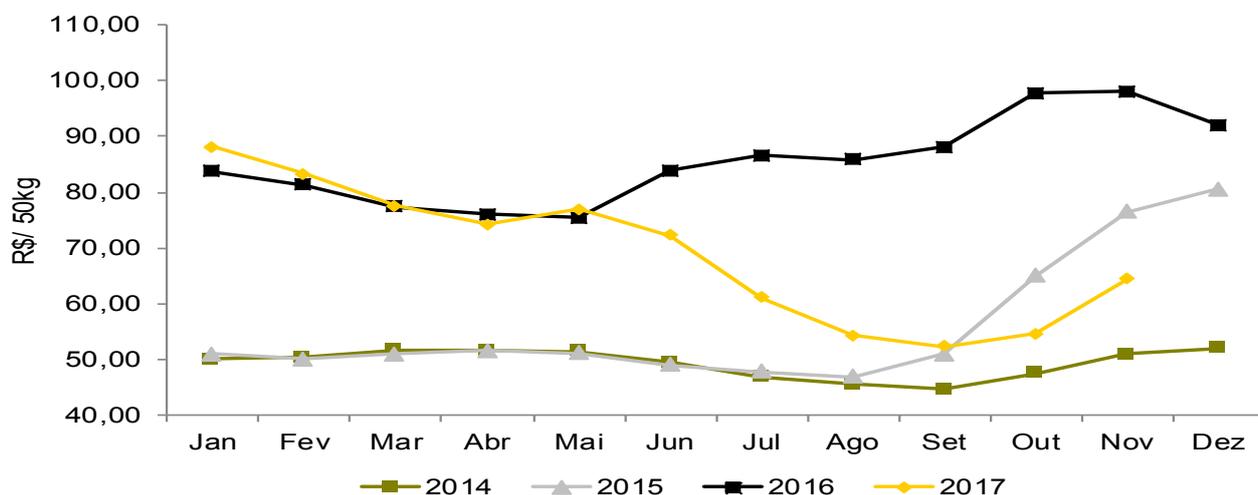
Fonte: Conab.

De acordo com a Conab, a previsão é de maior produção de açúcar (2%) para a safra 2017/18. Serão produzidos 39.461,4 milhões de toneladas de açúcar pelas unidades produtoras de todo o Brasil.

No ano corrente, os preços iniciaram com tendência de queda após sucessivos aumentos em 2016. O ano de 2017 foi marcado por oferta excedente, desvalorização do preço internacional, expectativa de safra

superavitária e clima propício à moagem no mercado interno, com exceção de algumas semanas em que ocorreram interrupções na produção em decorrência de chuvas. A partir de setembro houve inversão na tendência e os preços voltaram a apresentar valorização, reflexo do preço no mercado externo, da maior demanda interna, da finalização de algumas unidades de produção (gerando uma oferta mais restrita) e da proximidade da entressafra (Gráfico 31).

Gráfico 31 – Evolução dos preços nominais de açúcar cristal - SP



Fonte: Cepea - Dezembro de 2017.

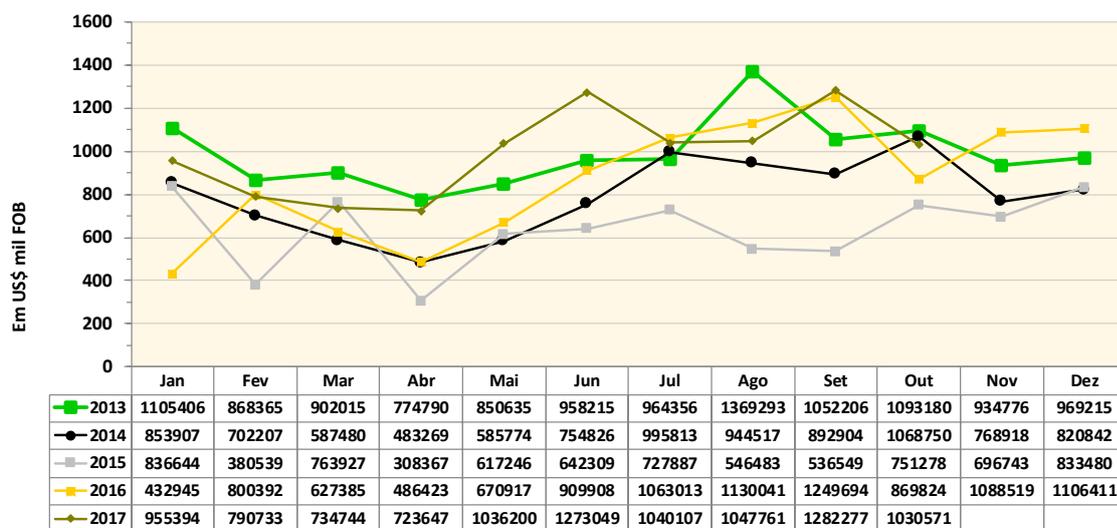
Exportações de açúcar

O volume exportado de açúcar em outubro de 2017 apresentou declínio mensal de 30,69% e anual de 14,78%, reflexo da menor oferta interna do adoçante.

Foram embarcados 2,2 milhões de toneladas de açúcar bruto e refinado ao valor de US\$ 792.434 dólares (Gráfico 32).



Gráfico 32 – Exportações brasileiras de açúcar



Fonte: Secex.

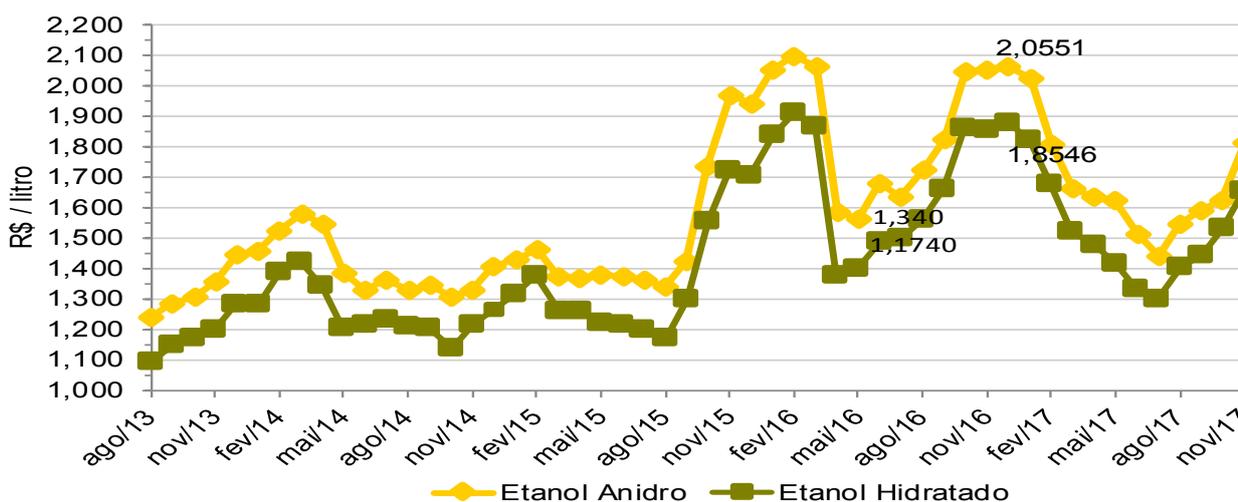
Etanol

Ainda de acordo com a Conab, a previsão é de menor produção de etanol para a safra vigente. Dessa forma, serão produzidos 27,09 bilhões de litros do biocombustível, decréscimo anual de 2,5%. Na safra passada, as usinas vinham destinando menor percentual da produção de cana para a fabricação de etanol devido à maior lucratividade na comercialização do açúcar em detrimento do biocombustível.

dessa tendência e as usinas passaram a destinar maior percentual da produção para a fabricação de biocombustível em face da expansão mundial do preço do petróleo e dos sucessivos aumentos da cotação da gasolina no mercado interno. Com isso, o etanol voltou a ser mais atrativo e aumentou a demanda pelo produto. Com maior demanda, as cotações do etanol passaram a apresentar valorização (Gráfico 33).

No entanto, nos últimos meses, houve uma inversão

Gráfico 33 – Evolução dos preços nominais de etanol anidro e hidratado



Fonte: Ceapa - dezembro de 2017.

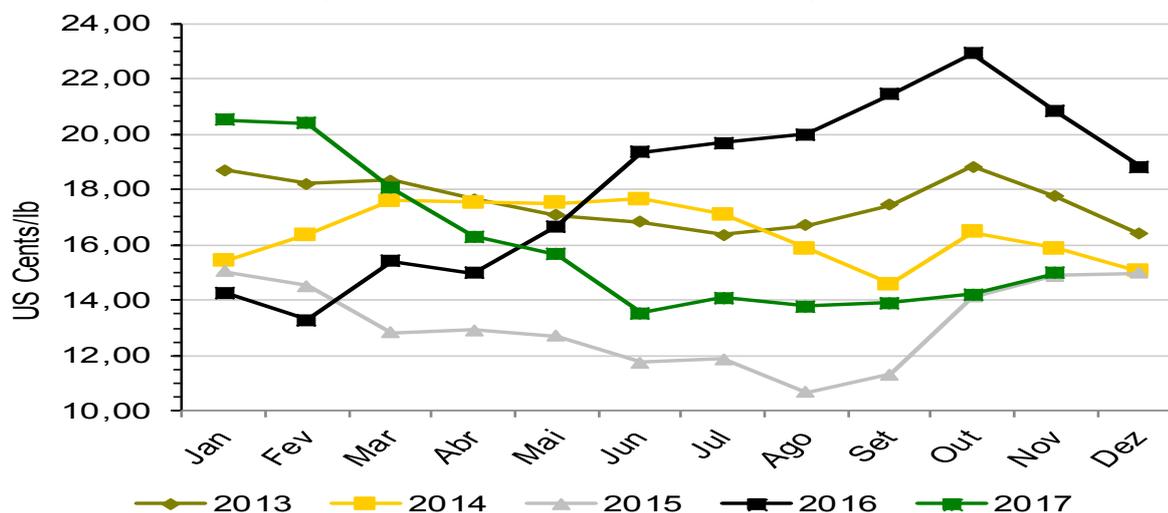


13.2. PANORAMA MUNDIAL

A partir do mês de agosto, o mercado internacional reverteu a tendência de retração, observada no primeiro semestre. Os preços do Açúcar Demerara começaram a reagir em reflexo à alta nas cotações do petróleo, à passagem do furacão Irma pelos EUA, à menor desti-

nação da produção sucroalcooleira para a fabricação do adoçante no Brasil e à menor oferta de açúcar no Centro-Sul do Brasil, com proximidade da chegada da entressafra brasileira, (Gráfico 34).

Gráfico 34 – Evolução dos preços do açúcar na bolsa de Nova Iorque



Fonte: Ice Report Center Nova Iorque.

13.3. QUADRO DE OFERTA E DEMANDA

Quadro 2 – Suprimento Mundial de Açúcar - Em milhões de toneladas

Discriminação	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 (1)	2017/18 (2)
ESTOQUE INICIAL	35,2	42,3	44,8	48,8	44,0	39,0
PRODUÇÃO AÇUCAR CANA	141,4	142,2	140,6	131,3	133,4	142,4
PRODUÇÃO AÇUCAR BETERRABA	36,4	33,6	36,9	33,4	38,1	42,5
PRODUÇÃO AÇUCAR TOTAL	177,8	175,9	177,4	164,7	171,5	184,9
IMPORTAÇÃO	51,4	51,5	50,2	54,6	54,9	53,6
OFERTA TOTAL	264,5	269,6	272,5	268,0	270,5	277,6
CONSUMO	165,3	165,7	167,9	169,2	171,6	174,2
EXPORTAÇÃO	55,7	57,9	55,0	54,0	59,0	61,9
ESTOQUE FINAL	42,3	44,8	48,8	44,0	39,0	40,8

Legenda: (1) Estimativa. (2) Previsão.
Fonte: Usda.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), a produção mundial de açúcar, para a safra 2017/2018, será de 184,9 milhões de toneladas, sendo que a maior parte da produção é de açúcar proveniente da cana (142,4 milhões de toneladas, 77,01% da produção total) (Quadro 1).

Para a safra vigente, estima-se um aumento de 7,87% em relação à safra anterior, apresentando o maior

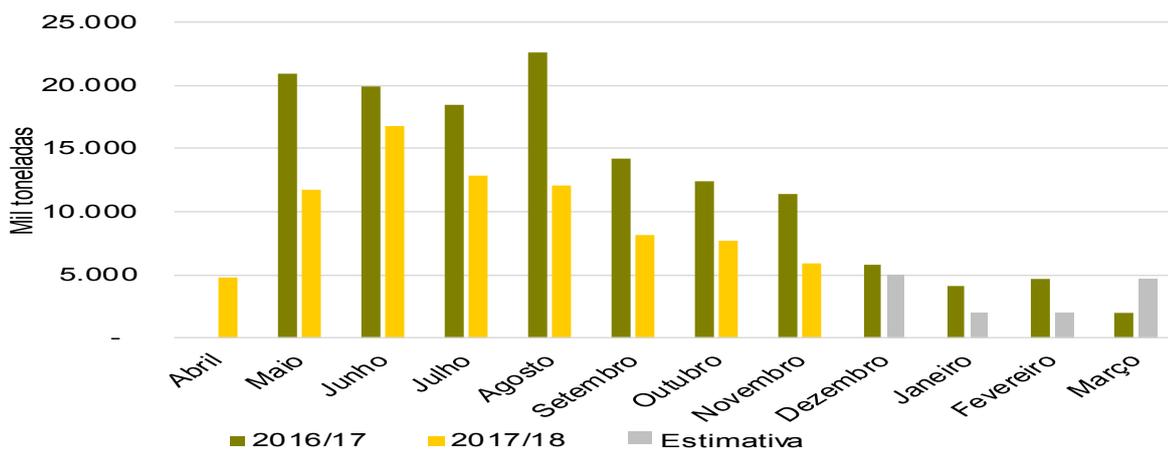
volume na série demonstrada e comprovando os rumores de uma safra superavitária devido à maior colheita dos principais produtores: Brasil, Índia, União Europeia (que produz açúcar de beterraba), Tailândia e China. Ainda, de acordo com o Usda, a previsão do consumo mundial é de 174,2 milhões de toneladas, apresentando pequena variação anual positiva de 1,5%.





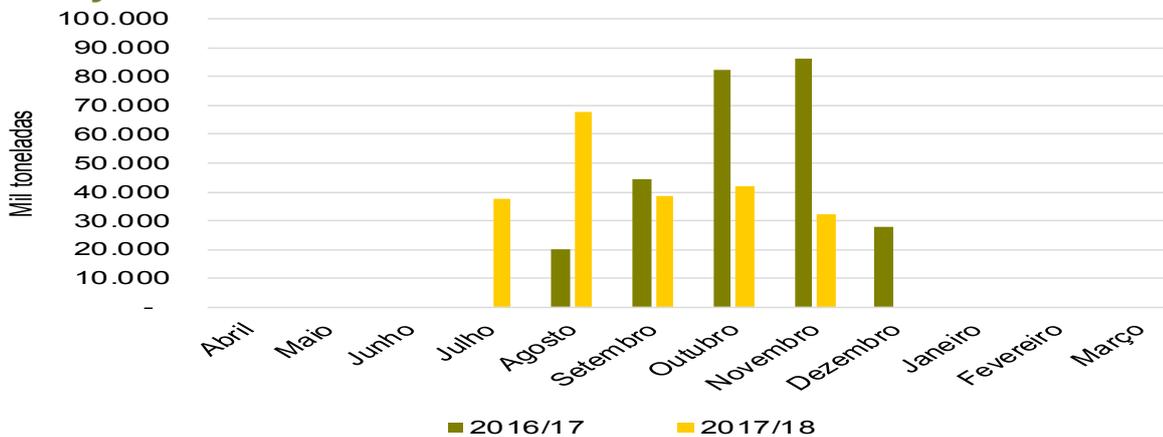
14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

Gráfico 35 - Calendário de colheita em Rondônia



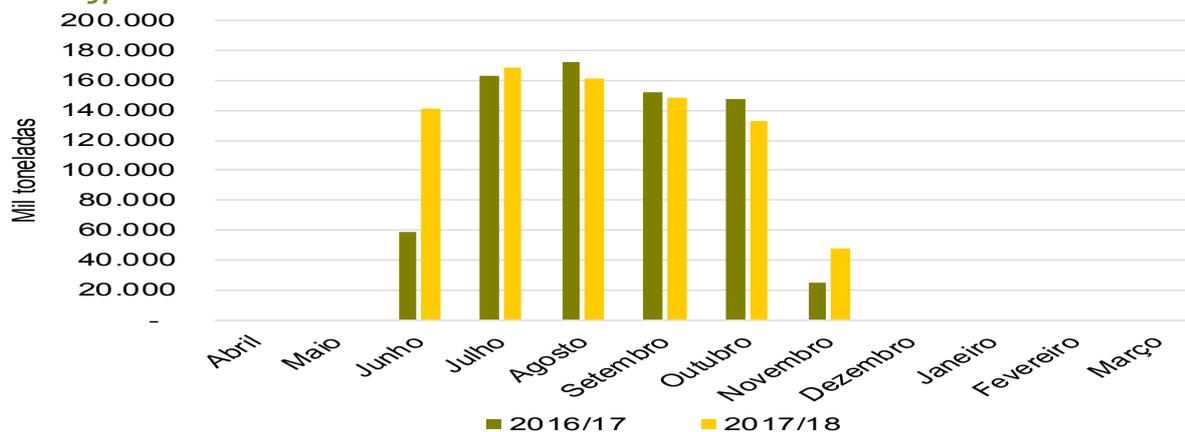
Fonte: Mapa.

Gráfico 36 - Calendário de colheita no Amazonas



Fonte: Mapa.

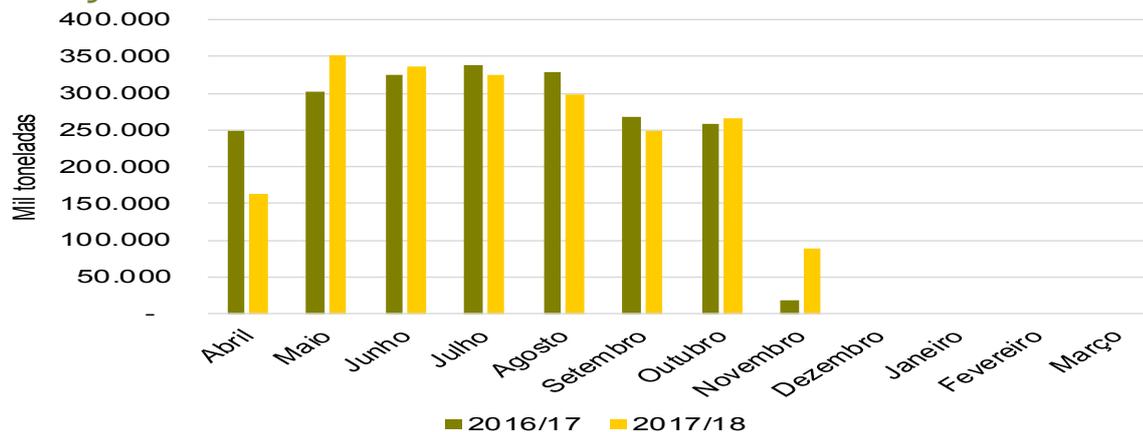
Gráfico 37 - Calendário de colheita do Pará



Fonte: Mapa.

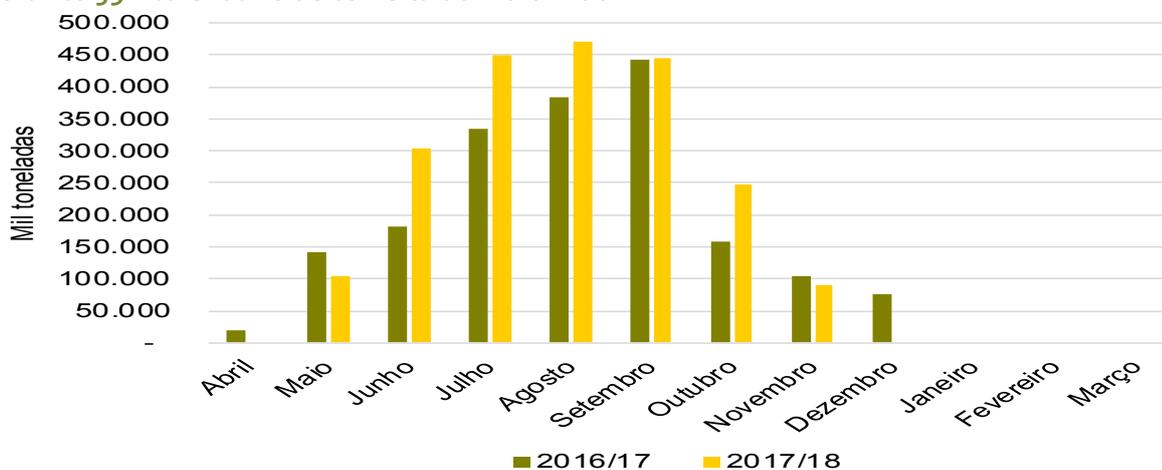


Gráfico 38 - Calendário de colheita de Tocantins



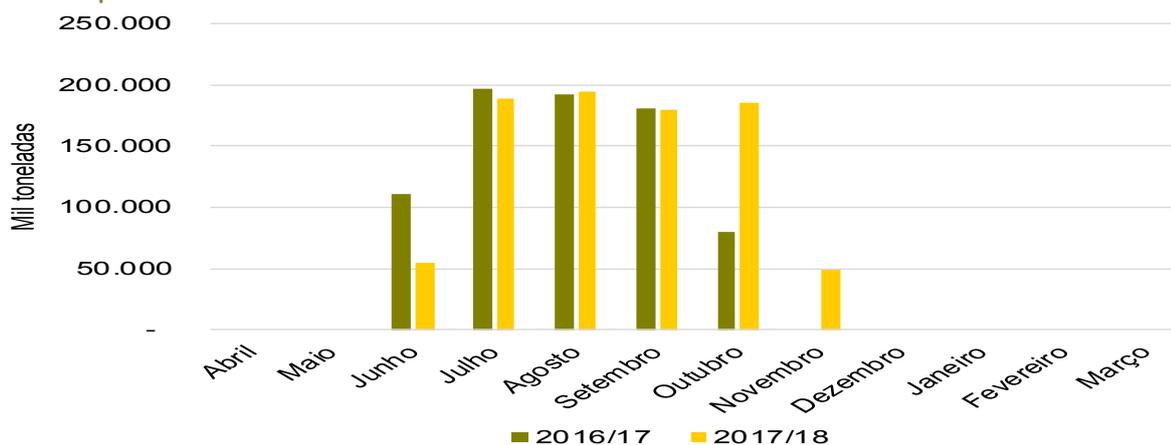
Fonte: Mapa.

Gráfico 39 - Calendário de colheita do Maranhão



Fonte: Mapa.

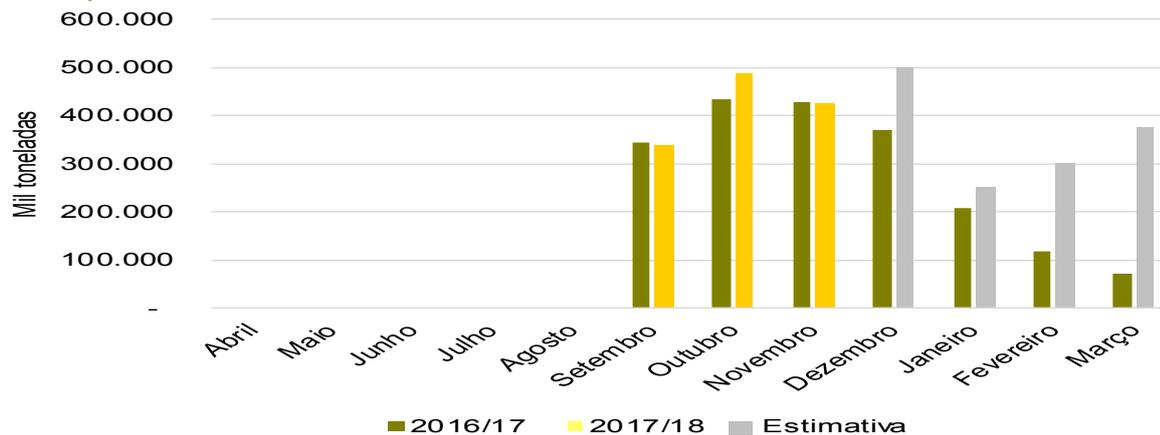
Gráfico 40 - Calendário de colheita do Piauí



Fonte: Mapa.

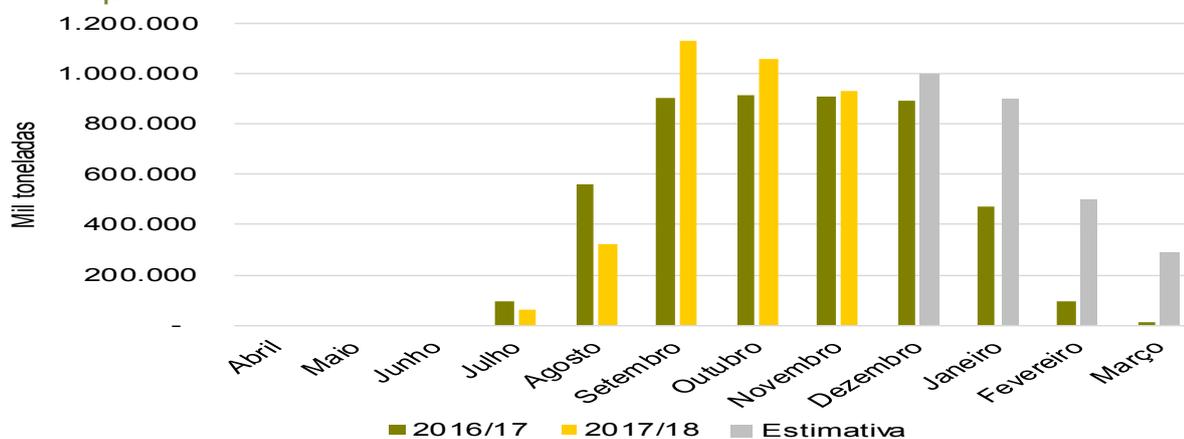


Gráfico 41 - Calendário de colheita do Rio Grande do Norte



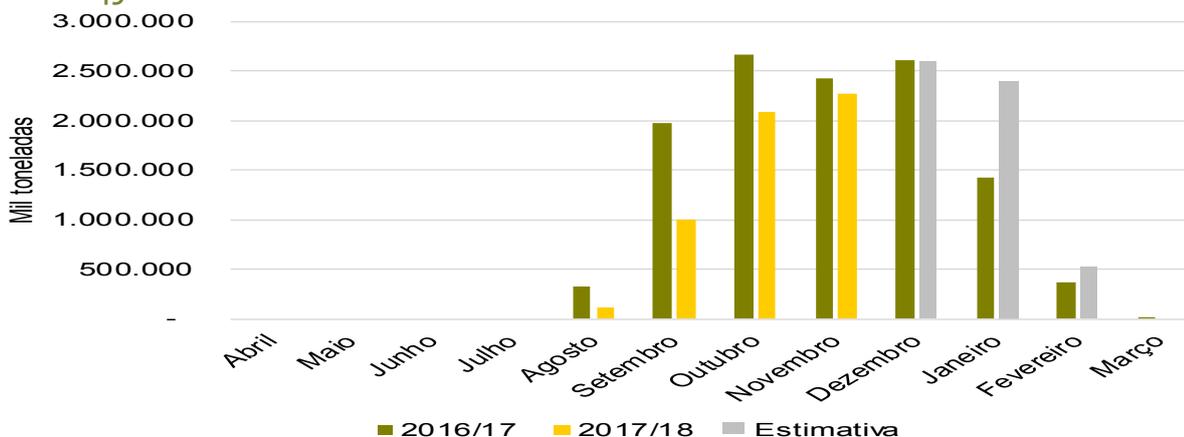
Fonte: Mapa.

Gráfico 42 - Calendário de colheita da Paraíba



Fonte: Mapa.

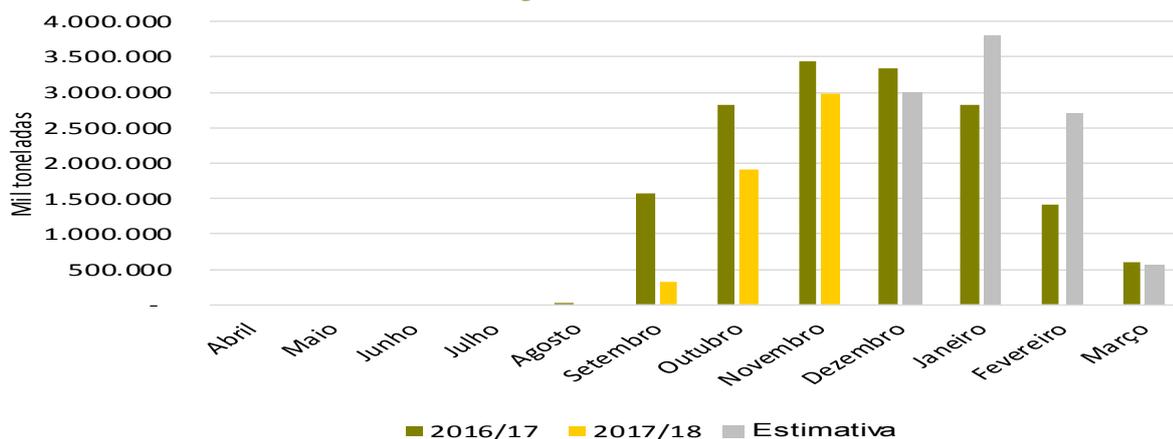
Gráfico 43 - Calendário de colheita de Pernambuco



Fonte: Mapa.

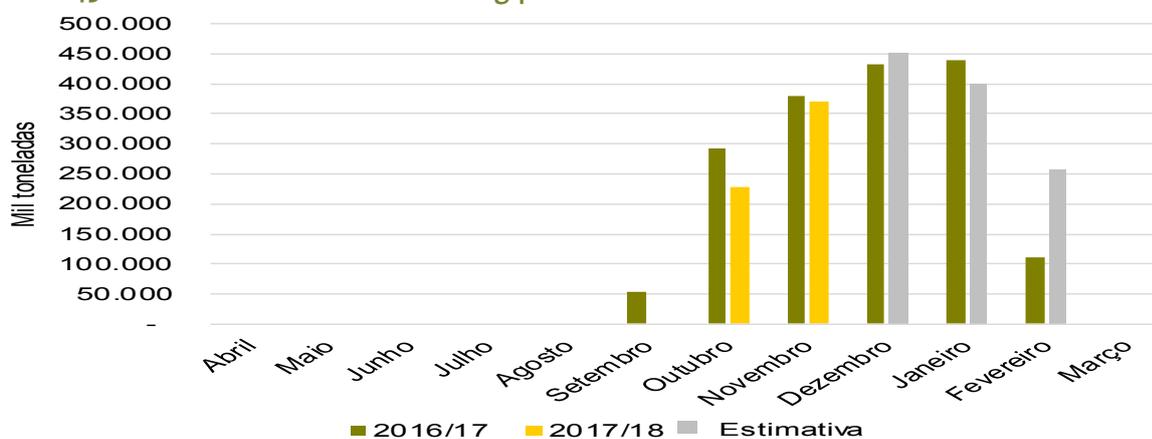


Gráfico 44 - Calendário de colheita de Alagoas



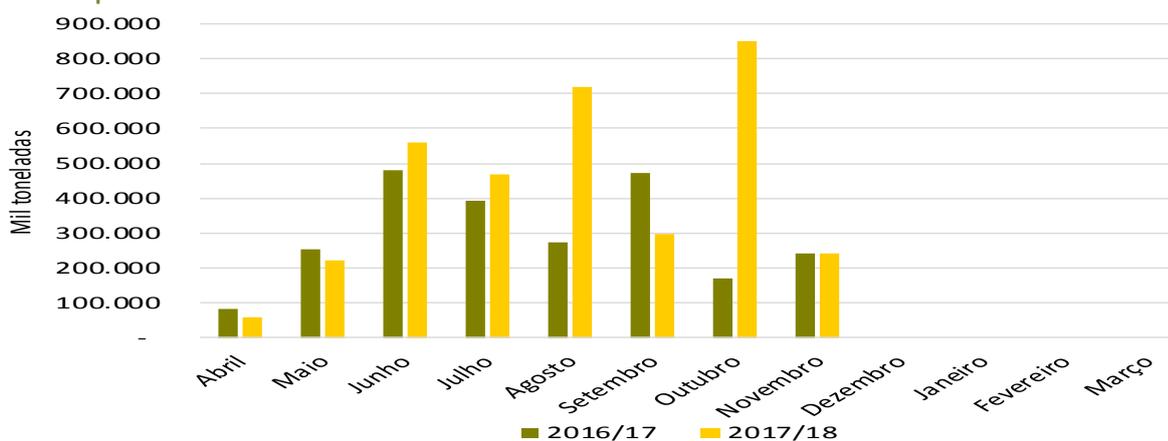
Fonte: Mapa.

Gráfico 45 - Calendário de colheita de Sergipe



Fonte: Mapa.

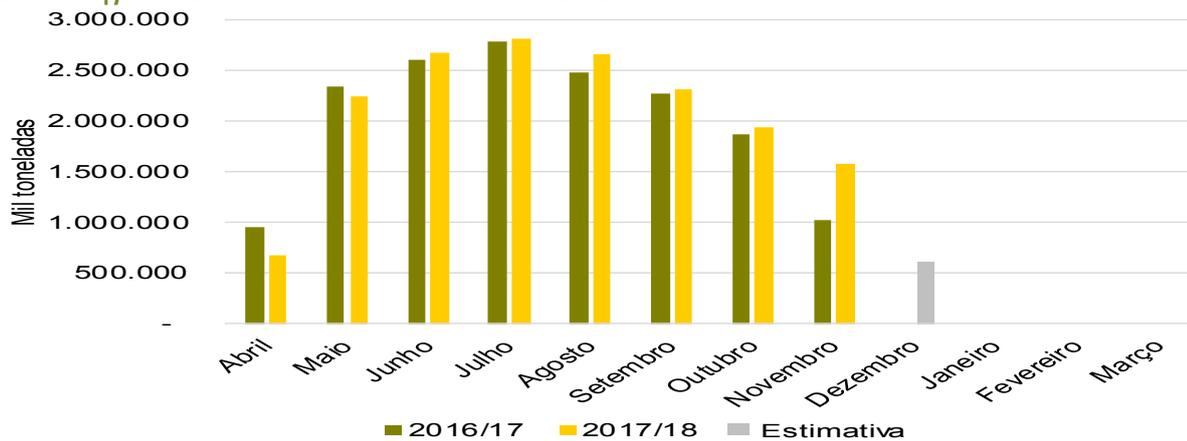
Gráfico 46 - Calendário de colheita da Bahia



Fonte: Mapa.

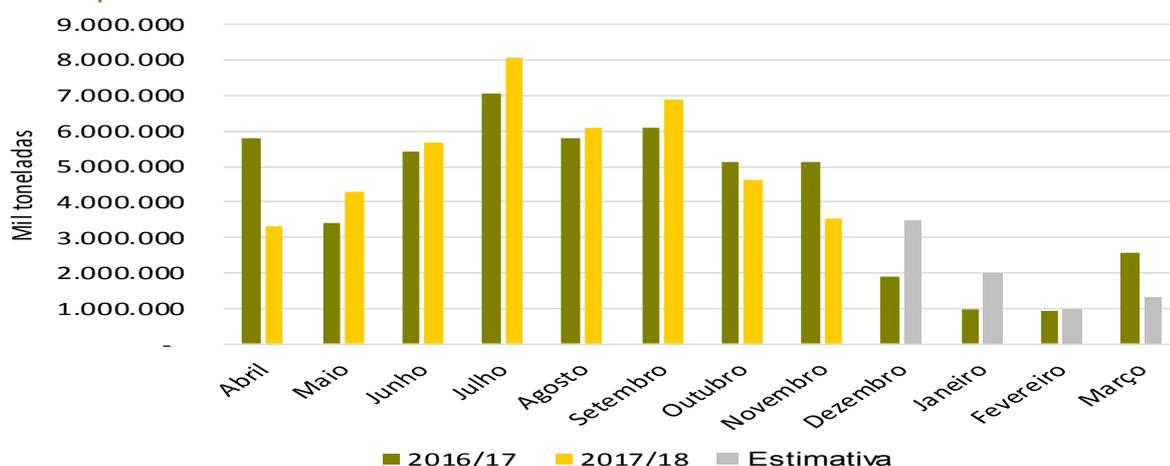


Gráfico 47 - Calendário de colheita de Mato Grosso



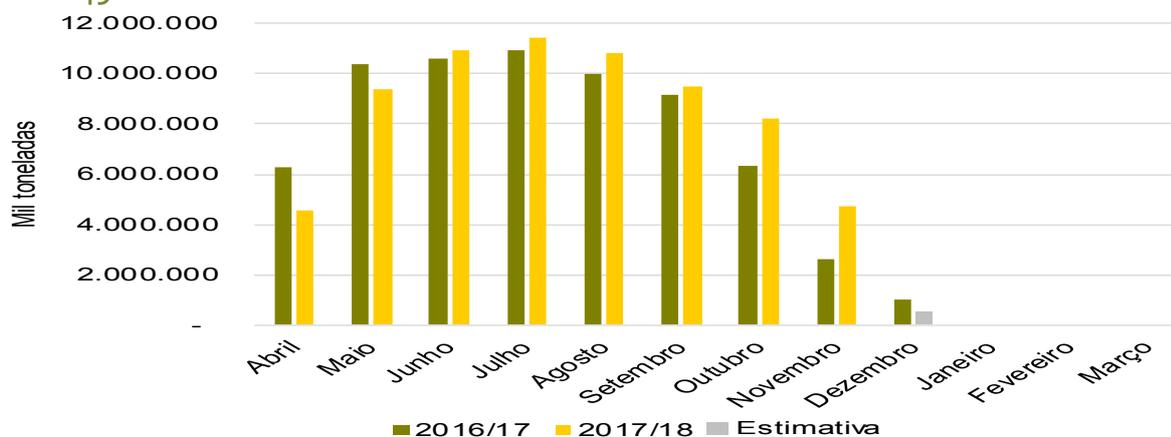
Fonte: Mapa.

Gráfico 48 - Calendário de colheita de Mato Grosso do Sul



Fonte: Mapa.

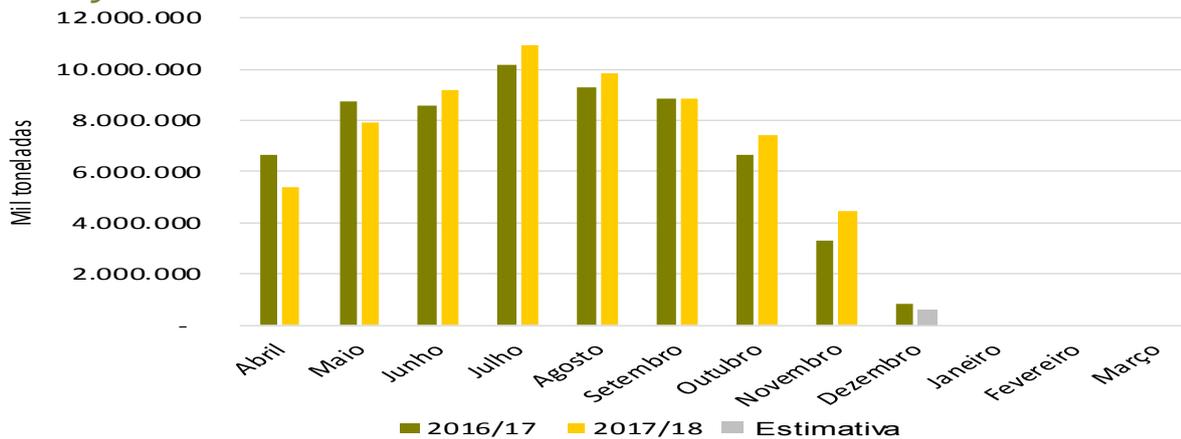
Gráfico 49 - Calendário de colheita de Goiás



Fonte: Mapa.

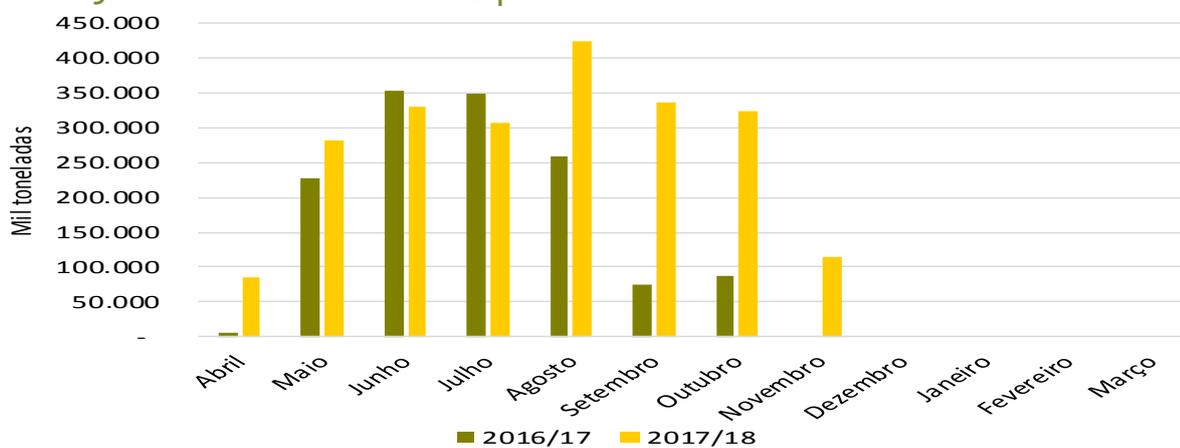


Gráfico 50 - Calendário de colheita de Minas Gerais



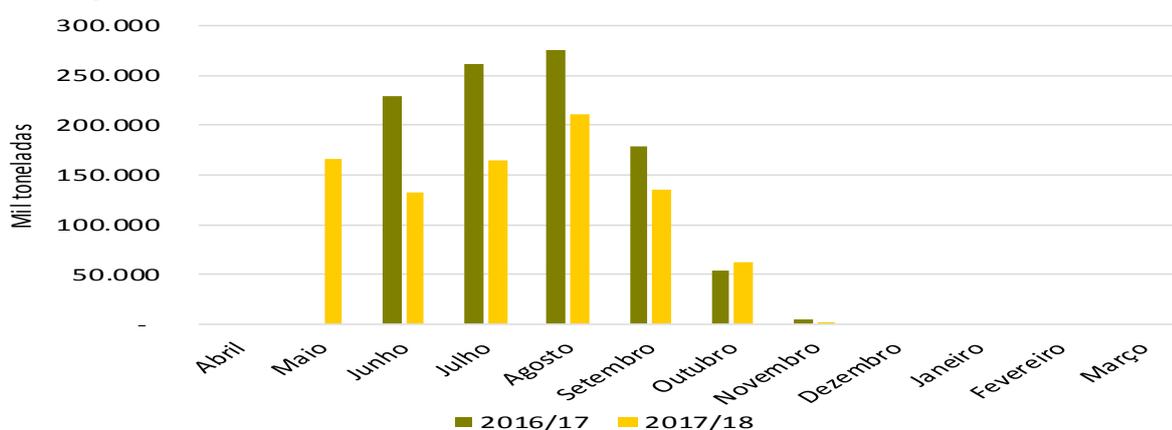
Fonte: Mapa.

Gráfico 51 - Calendário de colheita do Espírito Santo



Fonte: Mapa.

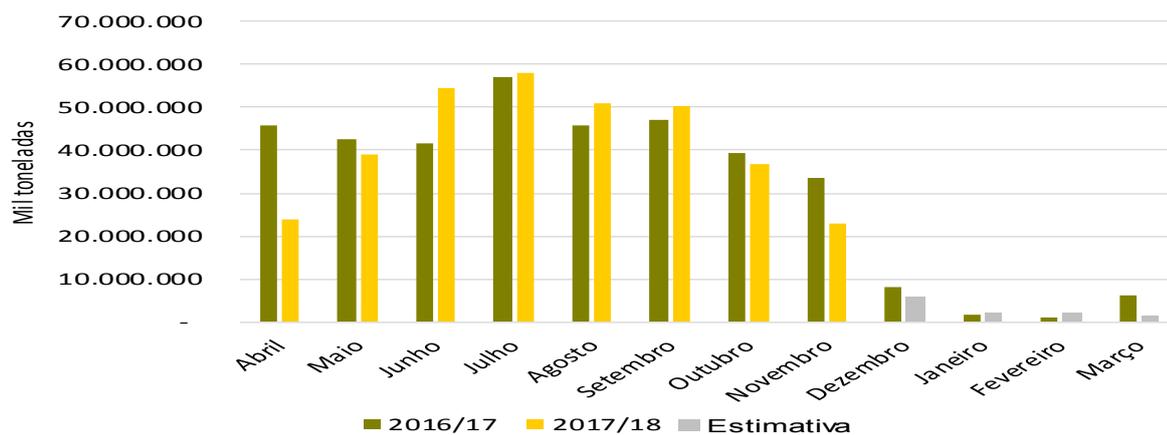
Gráfico 52 - Calendário de colheita do Rio de Janeiro



Fonte: Mapa.

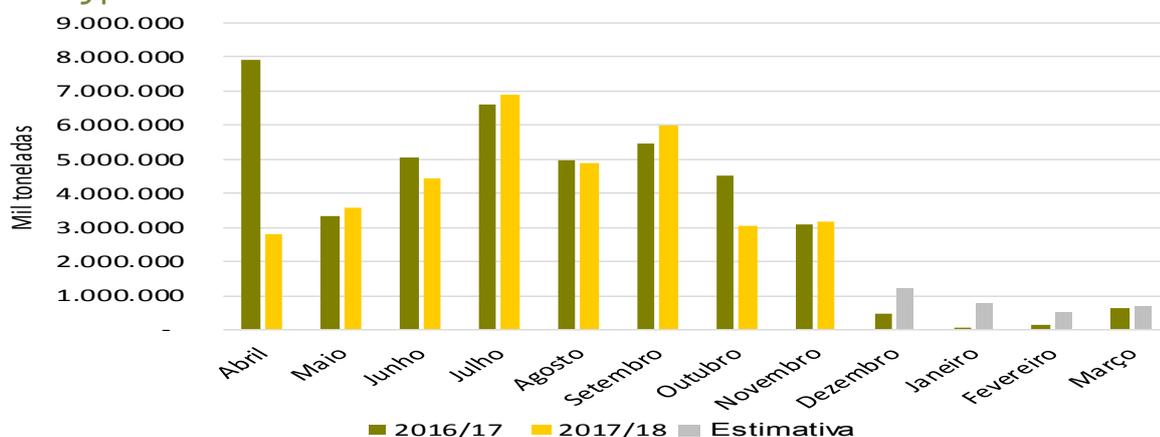


Gráfico 53 - Calendário de colheita de São Paulo



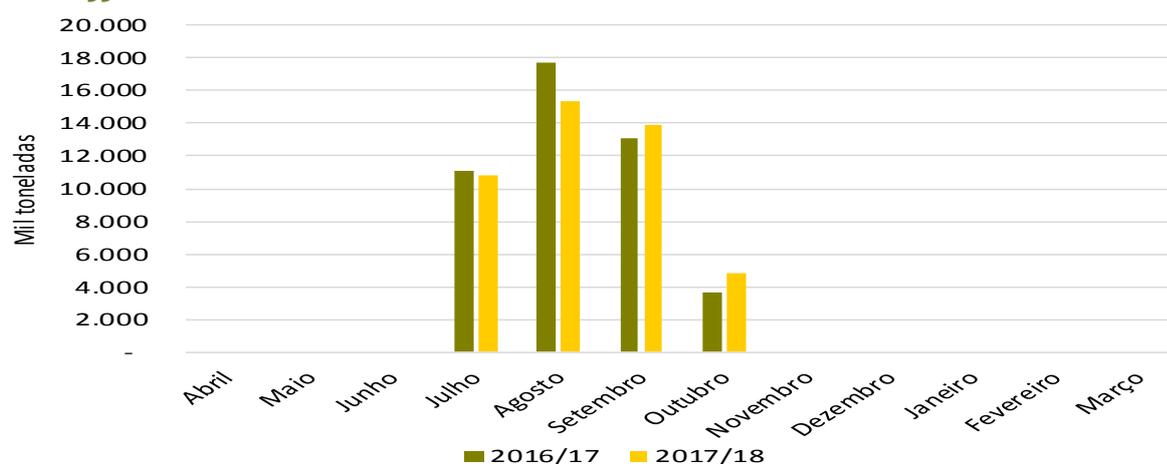
Fonte: Mapa.

Gráfico 54 - Calendário de colheita do Paraná



Fonte: Mapa.

Gráfico 55 - Calendário de colheita do Rio Grande do Sul



Fonte: Mapa.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br





MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



BRASIL
GOVERNO FEDERAL

